

A Luz da Ásia

Edwin Arnold



A vida e os ensinamentos de Gautama Buddha



A LUZ
DA ÁSIA

Sir Edwin Arnold

A LUZ DA ÁSIA

OU

A GRANDE RENÚNCIA (MAHABHINISHKRAMANA)

APRESENTANDO

A VIDA E OS ENSINAMENTOS DE GAUTAMA BUDDHA

Príncipe da Índia e Fundador do Budismo

(Segundo narração em versos por um budista indiano)

Sir Edwin Arnold



Editora Teosófica
Brasília-DF

The Theosophical Publishing House
Adyar, Chennai, 6000020, Índia

The Light of Asia
or *The Great Renunciation*
(MAHABHINISHKARAMANA)
Sir Edwin Arnold

Direitos Reservados à
EDITORA TEOSÓFICA
SGAS Quadra 603, Conj. E, s/nº
70.200-630 - Brasília-DF - Brasil
Tel.: (61) 3322-7843
Fax: (61) 3226-3703
E-mail: editorateosofica@editorateosofica.com.br
Site: www.editorateosofica.com.br



Capa: Reginaldo Mesquita
Tradução: Edvaldo Batista de Souza
Revisão: Alberto Brum e Raul Branco
Diagramação: Reginaldo Mesquita

Sumário

[Apresentação](#)

[Prefácio do Autor](#)

[Livro 1](#)

[Livro 2](#)

[Livro 3](#)

[Livro 4](#)

[Livro 5](#)

[Livro 6](#)

[Livro 7](#)

[Livro 8](#)

Apresentação

Esta obra foi uma das primeiras a difundir a figura do Buddha no Ocidente. Nesta edição foi mantido o estilo poético do original inglês.

A partir do contato do autor com textos básicos da tradição do Budismo Hinayana sobre a vida de Siddharta, ele apresentou sua versão, com certas liberdades literárias. O livro *A Luz da Ásia* é mais um texto de louvor poético e não exatamente um relato fiel da vida histórica deste grande personagem da religião e da filosofia da Ásia.

E, como poesia, conquistou um lugar de destaque.

Edwin Arnold, além de poeta, foi um jornalista inglês do século XIX. Ele nasceu em 1832 na região de Kent, na Inglaterra, e morreu em Londres em 1904. Estudou em Oxford e ensinou em Birmingham. No ano de 1856 teve a possibilidade de conhecer a rica cultura indiana, quando foi dirigir o *Deccan College* em Poona e atuou na Universidade de Bombay na Índia.

Nesse período em que lá viveu, o autor teve contato com a literatura e a poesia indianas. Além de escrever sobre a vida do Buddha, também traduziu textos poéticos, incluindo o *Bhagavad Gītā*. Entre as suas publicações, além do *A Luz da Ásia* (em 1871), estão *Indian Literature*, *Indian Poetry*, *India Revisited*, *Wandering Worlds*, *East and West*, *Pearls of the Faith* (ensinamentos do Islamismo), *Indian Song of Songs* (uma tradução do *Bhagavad Gītā*) e *The Light of the World* (um poema sobre Jesus, publicado em 1891).

Ao retornar da Índia em 1861, foi atuar no *Daily Telegraph*, tendo posteriormente se tornado editor desse conhecido jornal. Também foi membro da *Royal Asiatic Society*.

Em alguns momentos no texto do livro *A Luz da Ásia*, o autor transporta para o relato poético sobre a vida de Siddharta influências da cultura inglesa e da formação religiosa que recebeu em Oxford no século XIX, quando fala de caçadas e de sacrifícios de animais (uma clara influência do Antigo Testamento), duas coisas que não faziam parte do contexto indiano onde o jovem Siddharta viveu. Mas ele teve tempo de mudar a sua visão em relação aos animais, tendo sido vice-presidente de um Clube de Vegetarianismo fundado por Gandhi em Londres.

O texto é um grande elogio ao ser que se tornou a Luz da Ásia. É uma leitura que nos estimula a conhecer um pouco mais sobre a vida e o

ensinamento deste grande mestre da humanidade e instrutor do *Dharma*.

Que a poesia possa estimular a reflexão, gerando um maior interesse na mensagem libertadora de Siddharta, o Buddha.

A. Brum
Março de 2011.

Prefácio do Autor

Neste poema, utilizando-me de um imaginário devoto budista, busquei descrever a vida, o caráter e a filosofia daquele nobre herói e reformador, Príncipe Gautama da Índia, o fundador do Budismo.

Na Europa, há apenas uma geração, muito pouco ou quase nada era conhecido a respeito desta grande fé da Ásia, que apesar de tudo existe há vinte e quatro séculos, e hoje em dia ultrapassa, em número de seguidores e área de domínio, qualquer outra forma de credo¹. Quatrocentos e setenta milhões de seres humanos vivem e morrem sob a doutrina de Gautama; e os domínios espirituais deste antigo instrutor estendem-se, atualmente, do Nepal ao Sri Lanka, por toda a Península Oriental até a China, o Japão, o Tibete, a Ásia Central, a Sibéria e até mesmo a Lapônia Sueca. A própria Índia poderia legitimamente ser incluída neste magnífico Império de Fé, pois embora a prática religiosa do Budismo tenha quase desaparecido de sua terra de origem, a marca do sublime ensinamento de Gautama está indelevelmente estampada no moderno Bramanismo, e as convicções e os hábitos mais característicos dos hindus devem-se claramente à influência benigna dos preceitos do Buddha.

Mais de uma terça parte da humanidade, portanto, deve suas ideias morais e religiosas a este príncipe ilustre, cuja personalidade, embora imperfeitamente revelada nas fontes de informação existentes, não pode deixar de ser considerada a mais elevada, a mais gentil, a mais sagrada e a mais beneficente, salvo uma única exceção, na história do pensamento. Frequentemente controversos em suas particularidades e extremamente sobrecarregados de erros, invenções e concepções equivocadas, os livros budistas, no entanto, coincidem num único ponto ao não registrar nada nem uma só palavra ou ato que macule a perfeita pureza e ternura deste instrutor indiano, que reunia as mais verdadeiras qualidades principescas à inteligência de um sábio e à devoção apaixonada de um mártir. Até mesmo M. Barthélémy St. Hilaire, avaliando muitos aspectos do Budismo de maneira totalmente errônea, como o faz, é apropriadamente citado pelo Prof. Max Müller quando diz a respeito do Príncipe Siddharta: Sua vida não tem mácula alguma. Seu heroísmo constante iguala-se à sua convicção e, se a teoria que ele preconiza é falsa, os exemplos pessoais que ele oferece são irreprocháveis. Ele é o modelo acabado de todas as virtudes que ele prega,

sua abnegação, sua caridade, sua doçura inalterável não se desmentem um único instante. Ele prepara silenciosamente sua doutrina durante seis anos de retiro e meditação e a propaga tão somente pelo poder da palavra e da persuasão durante mais de meio século e, quando morre, nos braços de seus discípulos, é com a serenidade de um sábio que praticou o bem por toda sua vida e que estava convicto de ter encontrado a Verdade.

Consequentemente, Gautama foi agraciado com esta estupenda conquista da humanidade e embora desaprovasse o ritual e se declarasse, mesmo quando no limiar do Nirvana, ser apenas o que todos os outros homens poderiam se tornar o amor e a gratidão da Ásia, desobedecendo a sua ordem, conferiram-lhe fervorosa adoração. Grande quantidade de flores é diariamente depositada sobre seus imaculados santuários, e milhões de lábios repetem diariamente a fórmula: Tomo refúgio no Buddha!

O Buddha deste poema que realmente existiu e disso não se pode duvidar nasceu na fronteira do Nepal cerca de 620 a.C. e morreu aproximadamente no ano 543 a.C. em Kusinagara, Oudh. Com referência à idade, no entanto, a maioria dos credos é recente quando comparados a esta religião venerável, que tem em si a eternidade de uma esperança universal, a imortalidade de um amor ilimitado, um indestrutível elemento de fé no bem final, e a mais orgulhosa afirmação jamais feita sobre a liberdade humana. As extravagâncias que desfiguram o registro e a prática do Budismo devem ser atribuídas àquela inevitável degradação que o clero sempre infringe às grandes ideias colocadas sob seus cuidados. O poder e a sublimidade das doutrinas originais de Gautama deveriam ser avaliados por sua influência, não por seus intérpretes, nem por aquela Igreja inocente, mas indolente e cerimoniosa que surgiu sobre as fundações da Fraternidade Budista ou Sangha.

Escrevi meu poema com as palavras e a visão de um budista, porque para apreciar o espírito dos pensamentos asiáticos, estes devem ser considerados do ponto de vista oriental; e nem os milagres que consagram este registro, nem a filosofia que o corporifica, poderiam, de outra forma, ter sido tão naturalmente reproduzidos. A doutrina da transmigração, por exemplo assustadora para as mentes modernas estava estabelecida e era totalmente aceita pelos hindus na época do Buddha; aquele período em que Jerusalém estava sendo dominada por Nabucodonosor, Nínive estava caindo perante os Medas, e Marselha estava sendo fundada pelos gregos. A exposição aqui oferecida de um sistema tão antigo é necessariamente incompleta, e em

obediência às leis da arte poética passa rapidamente por várias questões muito importantes filosoficamente, tal como o longo ministério de Gautama. Mas terei alcançado meu propósito se qualquer justa concepção do caráter sublime deste nobre príncipe, e do propósito geral de suas doutrinas, for aqui transmitida. Quanto a estas últimas, têm surgido prodigiosas controvérsias entre os eruditos, que estarão cientes de que extrai as citações budistas imperfeitas como aparecem na obra de Spence Hardy, e também modifiquei mais de uma passagem nas narrativas recebidas. No entanto, os pontos de vista aqui indicados sobre Nirvana , *Dharma*, *Karma* e as outras principais características do Budismo, são pelo menos fruto de estudo considerável e também de uma firme convicção de que uma terça parte da humanidade jamais seria levada a acreditar em abstrações vazias, e no Nada como a origem e a culminação do Ser.

Finalmente, em homenagem ao ilustre promulgador desta *A Luz da Ásia*, e em homenagem aos muitos eruditos eminentes que dedicaram nobre esforço à sua memória, para a avaliação dos quais me faltam tanto tranquilidade quanto habilidade, peço que me perdoem as falhas do meu estudo apressado. Este livro foi composto nos breves intervalos de dias sem lazer, mas é inspirado por um desejo permanente de ajudar a melhorar o conhecimento mútuo entre Oriente e Ocidente. Tempo há de vir, espero, quando este livro e o meu *Indian Song of Songs* e *Indian Idylls* preservarão a memória de alguém que amou a Índia e os povos indianos.

Edwin Arnold

¹ Essa afirmação do autor não reflete a situação atual. Uma pesquisa em 2005 pela Enciclopédia Britânica indica que 33% da população mundial segue o Cristianismo, 21% o Islamismo e somente 5,9% o Budismo. (N.E.)

Livro 1

*A Escritura do Salvador do Mundo,
Senhor Buddha chamado na Terra de Príncipe Siddharta
Incomparável na Terra, nos Céus, e nos Infernos,
Honrado por todos, o Mais Sábio, o Melhor, o Mais Piedoso;
O Instrutor do Nirvana e da Lei.*

E assim ele veio a nascer novamente para os homens.

Sob a esfera mais elevada, sentam-se quatro Regentes
Que governam nosso mundo; e abaixo deles estão as zonas mais próximas,
Porém elevadas, onde os espíritos mais santos
Esperam três vezes dez mil anos, antes de viverem novamente;
E sobre o Sr. Buddha, esperando naquele firmamento,
Recaíram, para nosso bem, os cinco sinais inequívocos do nascimento,
De modo que os *Devas*¹ reconheceram os sinais e disseram:
Buddha irá novamente auxiliar o mundo.
Sim! falou Ele, Agora vou ajudar o mundo.
Esta será a última das muitas vezes, pois daqui em diante nascimento e
morte
Terminam para mim e para aqueles que aprendem minha Lei [o *Dharma*]
Descerei entre os *Sçkyas*,
Sob as neves ao sul do Himalaia,
Onde vivem um povo piedoso e um Rei justo.

Naquela noite a esposa do Rei Suddhodana,
A Rainha Maya, adormecida ao lado do seu Senhor,
Teve um sonho estranho; sonhou que uma estrela do céu
Esplêndida, com seis raios, de cor rosa pérola,
Sob a forma simbólica de um Elefante
Com seis presas, e branco como o leite de Kamadhuk²
Projetou-se através do vazio em direção a ela, e brilhando
Penetrou seu ventre pelo lado direito. Quando despertou,
Uma felicidade indizível enchia seu peito,
E sobre a metade da Terra uma luz adorável precedeu o amanhecer.

As fortes colinas estremeceram, as ondas aquietaram-se;
Todas as flores que brotam ao calor da manhã abriram-se
Como se fosse pleno meio-dia; até as profundezas do inferno
Chegou a alegria da Rainha, como quando o quente calor do sol
Transforma em ouro a obscuridade dos bosques, e em todas as profundezas
Penetrou um suave sussurro. Oh sim, dizia,
Os mortos que retornarão à vida, os vivos que morrerão,
Ergam-se e ouçam, e tenham esperança, o Buda está chegando!
Por esta razão, nos inúmeros Limbos muita paz espalhou-se,
E o coração do mundo palpitou, e um vento soprou,
Com desconhecido frescor por sobre terras e mares.

E quando a manhã chegou e isso foi contado,
Os adivinhos de cabelos grisalhos disseram: O sonho é bom!
Câncer está em conjunção com o Sol;
A Rainha deve dar à luz um menino, uma criança sagrada
De extraordinária sabedoria, que beneficiará todos os seres,
Que libertará os homens da ignorância,
Ou governará o mundo, se dignar-se a fazê-lo.

E foi assim que o sagrado Buddha nasceu.
Ao final da gestação, encontrava-se a Rainha Maya
Nos terrenos do palácio ao meio-dia,
Sob uma árvore de nome Palsa, de tronco imponente,
Reto como a coluna de um templo,
Com uma copa de folhas lustradas e flores fragrantas;
E, sabendo que era chegada a hora pois todas as coisas o sabiam
A árvore conscientemente curvou seus ramos
Para formar um abrigo sobre a majestosa Rainha,
E a Terra subitamente fez brotar mil flores
Para forrar seu leito, enquanto a rocha maciça que estava próxima
Fez brotar uma corrente de água pronta para o banho,
Que fluía límpida como cristal. Assim deu ela à luz seu filho 14
Sem dor tendo ele em sua forma perfeita
As marcas, trinta e duas, de um nascimento abençoado;
E a grande notícia chegou ao palácio.
Mas quando trouxeram o palanquim pintado

Para levá-lo para casa, os carregadores
Eram os quatro Regentes da Terra, que desceram
Do Monte Sumeru³ aqueles que escrevem as ações dos homens
Sobre placas de bronze o Anjo do Oriente,
Cujas hostes vestem mantos prateados e que levam
Escudos de pérolas; o Anjo do Sul,
Cujos cavaleiros, os *Kumbhandas*, cavalgam corcéis azuis,
Com escudos de safira, o Anjo do Ocidente,
Seguido pelos Nagas, cavalgando corcéis vermelhos cor de sangue,
Com escudos corais, o Anjo do Norte,
Rodeado de seus *Yakshas*, todos vestidos de ouro,
Sobre cavalos amarelos, portando escudos de ouro.
Estes, dissimulando seu esplendor invisível,
Desceram e pegaram as hastes, vestindo trajes simples
Como se fossem carregadores, contudo sendo os deuses mais poderosos;
E naquele dia os deuses caminharam livremente com os homens,
Embora os homens não o soubessem;
Pois o Céu estava repleto de alegria pelo bem da Terra,
Sabendo que o Senhor Buddha voltara mais uma vez.

Mas o Rei Suddhodana não sabia disso;
Os augúrios o perturbavam, até que seus adivinhos
Profetizaram um Príncipe que teria domínio sobre a Terra,

Um *Chakravart*⁵ⁿ⁴, como os que nascem para governar
Uma vez a cada mil anos; sete dons ele tem
O *Chakra-ratna*, o disco divino; a pedra preciosa;
O cavalo, o *Aswa-ratna*, aquele orgulhoso corcel
Que vagueia nas nuvens;
Um elefante branco cor de neve,
O *Hasti-ratna*, nascido para conduzir seu Rei;
O Ministro habilidoso, o General Invencível
E a esposa de graça inigualável,
Stri-ratna, mais bela que a Aurora.
Esperando os dons previstos para este menino maravilhoso,
O Rei ordenou que sua cidade preparasse uma grande festa;
Por isso as estradas foram varridas,

Perfume de rosa foi borrifado nas ruas,
Nas árvores penduraram-se lamparinas e bandeiras,
Enquanto multidões alegres pasmavam
Com os espadachins e as estátuas vivas,
Os prestidigitadores, mágicos, trapezistas, equilibristas,
As dançarinas de *nautch* com saias e guizos reluzentes
Que retinem alegremente em torno dos seus pés irrequietos;
Os mascarados envoltos em peles de urso e de gamo.
Os domadores de tigres, os lutadores, os que colocam perdizes para brigar,
Tocadores de tambores e de instrumentos de corda,
Que, seguindo as ordens, faziam o povo feliz.
Além disso, posteriormente vieram mercadores,
Atraídos pela notícia deste nascimento, trazendo ricos presentes
Em bandejas de ouro; xales de pele de bode, nardo e jade,
Turquesas, cor de céu crepuscular, tecidos tão finos que
Doze vezes dobrados não esconderiam um rosto casto
Espartilhos com pérolas firmemente costuradas, e sândalo;
Homenagem de cidades tributárias; e chamaram
Seu Príncipe de Savarhasiddh, o Que Tudo faz Prosperar,
Em suma, Siddharta.

Entre os estrangeiros veio
Um santo grisalho, Asita, alguém cujos ouvidos,
Há muito fechados para as coisas terrenas, captava sons celestiais,
E durante a oração ouviu sob a figueira
Os *Devas* cantando canções pelo nascimento do Buddha.
Maravilhoso era o seu saber, tanto pela idade quanto pelos jejuns;
A ele, que se aproximava, com aparência tão reverente,
O Rei o saudou e a Rainha Maya colocou
Aos pés do santo homem, seu filho
Mas quando viu o Príncipe, o ancião exclamou:
Ah, Rainha, não façais isto! e então tocou
Oito vezes o pó, prostrando seu rosto em terra,
Dizendo: Oh menino! Eu Te adoro! Tu és Ele!

Vejo a luz rosada, as marcas nas solas dos pés,
A suave linha ondulada da *Suástica*,

Os trinta e dois sinais primordiais sagrados.
Os oitenta símbolos menores. Tu és Buddha,
Pregarás a Lei e salvarás todos aqueles
Que aprenderem a Lei, embora eu jamais vá ouvir,
Porque morrerei em breve, eu que ultimamente tanto desejei morrer;
Seja como for, eu Te vi. Sabe, Ó Rei!
Esta é aquela Flor de nossa árvore humana,
Que desabrocha uma vez em muitas miríades de anos,
Mas uma vez aberta, enche o mundo com o perfume da Sabedoria
E do mel que pinga do Amor. De tua real raiz
Surge um Lótus Celeste. Ah, Lar feliz!
Contudo não totalmente feliz,
Pois uma espada deve cortar tuas entranhas por causa deste menino
Enquanto tu, doce Rainha!
Querida de todos os deuses e de todos os homens
Em virtude desse grande nascimento,
Daqui em diante te tornaste demasiado sagrada para sofreres mais aflições.
E como a vida é sofrimento, dentro de sete dias,
Sem sofrer atingirás o fim da dor.

O que de fato aconteceu: pois na sétima noite
A Rainha Maya adormeceu sorrindo, e não mais despertou,
Passando contente ao céu Trayastrinshas,
Onde inúmeros *Devas* adoraram e serviram
Aquela Mãe radiante.
Mas para o menino encontraram uma governanta,
A Princesa Mahaprajapati
Seu peito nutriu com nobre leite
Os lábios Daquele
Cuja boca conforta os mundos.

Quando se passou o oitavo ano,
O cuidadoso rei pensou em ensinar a seu filho
Tudo o que um príncipe deve aprender, pois ele ainda evitava
Os presságios grandiosos demais daqueles milagres,
As glórias e os sofrimentos de um Buddha.
Assim, reunido com todos os seus Ministros, perguntou-lhes:

Quem é o homem mais sábio, grandes senhores,
Para ensinar ao meu Príncipe aquilo que um Príncipe deve saber?
Ao que todos responderam com uma só voz:
Rei! Viswamitra é o mais sábio,
O mais versado nas Escrituras, e o melhor
Em erudição, em artes manuais e tudo o mais.
E assim veio Viswamitra e ouviu as ordens;
E, num dia que acharam adequado,
O príncipe pegou sua lousa de sândalo vermelho
Toda enfeitada com pedras preciosas nas bordas, E amaciada com pó de
esmeril,
Com estas coisas, e seu bastão de escrita, levantou-se,
Com os olhos cabisbaixos perante o sábio, que disse,
Criança, escreve esta Escritura, ditando lentamente os versos
Do *Gayatrī*, que somente os de Alta ascendência ouvem:

*Om, tatsaviturvarenyam
Bhargo devasya dhimahi
Dhiyo yo na prachodayat*⁶.

*Acharya*⁷, eu escrevo, respondeu meigamente
O Príncipe, que rapidamente desenhou no pó
Não na língua em que foi ditada, mas em muitos caracteres
O verso sagrado; Nagri e Dakshin, Ni,
Mangal, Parusha, Yava, Tirthi, Uk,
Darad, Sikhyani, Mana, Madhyachar, empregando
As pictografias e a linguagem dos sinais,
Símbolos dos homens das cavernas e dos povos dos mares,
Daqueles que adoram serpentes que vivem debaixo da terra,
Daqueles que adoram o fogo e o orbe solar,
Dos Magos e dos habitantes das colinas.
Ele traçou todas as estranhas escritas de todas as nações,
Uma após outra, com seu bastão de escrita,
Lendo os versos do mestre em cada língua;
E Viswamitra disse: É o bastante;
Passemos aos números.

Repita depois de mim
A numeração até chegarmos ao *Lakh*⁸,
Um, dois, três, quatro até dez, depois de dez em dez
Até centenas, milhares. Após ele,
A criança contava as unidades,
Dezenas, centenas; sem fazer pausa,
Chegou até o *Lakh*, mas continuou murmurando com voz suave:
Então vem o *koti*, *nahut*, *ninnahut*,
Khamba, *viskhamba*, *abab*, *attata*, Até *kumuds*, *gundhikas*, e *utpalas*
De *pundarikas* até *padumas*,
Sendo que este último serve para contar o maior número de grãos
De *Hastagiri* moídos até virar pó finíssimo;

Mas além desta existe uma numeração,
A *Katha*, usada para contar as estrelas da noite;
A *Koti-Katha*, para as gotas do oceano;
Ingga, o cálculo dos círculos;
Sarvanikchepa, por meio da qual se lida
Com todas as areias do Ganges, até que chegamos
Ao *Antah-Kalpas*, onde a unidade são
As areias de dez *crores*⁹ do Ganges. Se alguém busca
Escala mais abrangente, existem as bases aritméticas
Do *Asankya*, que é a contagem

De todas as gotas que em dez mil anos
Cairiam em todos os mundos com as chuvas diárias;
Finalmente, chega-se aos *Maha Kalpas*¹⁰, por meio dos quais
Os deuses computam seu passado e futuro.

Está bem, o Sábio acrescentou, Mui nobre Príncipe,
Se estas coisas já sabes, será preciso que eu ensine
A mensuração linear?
Humildemente, o menino respondeu: *Acharya*!
Alegra-te em me ouvir. Dez *paramânus*
Fazem um *parasukshma*; dez destes formam O *trasarene* e sete *trasarenes*
têm
O tamanho de uma partícula flutuando num feixe,

Sete partículas equivalem ao fio de bigode de um rato,
E dez destes fazem um *likhya*;
Dez *likhyas* um *yuka*,
Dez *Yukas* um germe de cevada, que está contido
Sete vezes na cintura de uma vespa; assim chegamos
Ao grão de feijão Mungo, de mostarda e ao grão de cevada,
Dos quais dez perfazem a junta de um dedo,
Doze juntas, o palmo, de onde alcançamos o cúbito, o bastão,
Ao comprimento do arco e da lança; enquanto vinte comprimentos da
Lança perfazem o que é chamado de um alento, que equivale a dizer
Um espaço tal que um homem pode andar com passos largos
Sem respirar; um *gow* é quarenta vezes a medida anterior, quatro *gows*
perfazem

Um *yojana*; e agora, Mestre!, se quiseres,
Recitarei quantas partículas solares há de ponta a ponta de um *yojana*.
Ao que, com habilidade instantânea, o pequeno Príncipe
Enunciou o número total de átomos.
Mas Viswamitra, ao ouvir isso,
Prostrou-se perante o menino: Pois tu, clamou ele,
És o Instrutor de teus instrutores tu, não eu,
És o *Guru*¹¹. Oh, eu Te adoro, doce Príncipe!
Que vens à minha escola apenas para mostrar
Que tudo sabes sem os livros e que, além disso,
Praticas o respeito reverente

Respeito esse

Que o Senhor Buddha manteve para com todos seus mestres,
Embora seu conhecimento estivesse além do que ensinavam;
Na fala era gentil, apesar de tão sábio; tinha aparência principesca,
No entanto as maneiras eram suaves; modesto, deferente,
E de bom coração, embora fosse destemido;
Jamais nenhum cavaleiro do grupo de jovens foi mais destemido
Ao cavalgar na divertida perseguição às tímidas gazelas;
Nenhum condutor de carruagem mais sagaz
Ao percorrer as quadras do Palácio em competição de brincadeira;

Contudo, em meio às brincadeiras, o menino às vezes fazia uma pausa,

Deixando o gamo fugir; às vezes abria mão de uma corrida quase vencida,
Porque os cavalos fatigados respiravam penosamente
Ou os príncipes, seus amigos,
Entristeciam-se com a derrota,
Ou porque algum sonho saudoso arrebatava-lhe os pensamentos.
E com o passar dos anos foi-se desenvolvendo sempre
Esta compassividade de nosso Senhor,
Tal como uma grande árvore que cresce a partir de duas folhas suaves
Para espalhar sua sombra ao longe; porém mal sabia ainda
A criança a respeito de tristeza, dor ou lágrimas,
Exceto como nomes estranhos para coisas que não são sentidas por reis,
E que jamais serão sentidas. Mas sucedeu-se que por sobre
O jardim Real num dia de primavera,
Passou um bando de gansos selvagens, viajando rumo ao norte
Para o local de fazer os ninhos no seio do Himalaia.
Invocando notas de amor até a linha cor de neve que formavam
Os alvos pássaros voavam, guiados por terno amor;
E Devadatta, primo do Príncipe,
Apontou seu arco e disparou uma flecha certa
Que atingiu a larga asa do primeiro cisne,
Estendida para planar sobre o livre caminho azul;
Assim que ele caiu, com a perversa flecha atravessada,
Claras gotas de sangue escarlate apareceram manchando as alvas penas.
Ao ver isso, o Príncipe Siddharta ergueu o pássaro com ternura,
Colocou-o no colo sentando-se com as pernas cruzadas,
Como se senta o Senhor Buddha
E com um toque, confortando o medo do selvagem animal,
Recompôs as penas desarrumadas, aquietou seu coração acelerado,
Acariciou-o, até acalmá-lo, com mãos gentis,
Tão suaves quanto as folhas da bananeira recém-abertas;
E enquanto com a mão esquerda segurava o cisne, com a mão direita
arrancava
Da ferida a cruel ponta de aço e colocava
Folhas frescas e mel curativo sobre ela.
Contudo, tão pouco sabia o menino a respeito da dor,
Que, por curiosidade, pressionou a ponta da flecha
Sobre o próprio punho e se sobressaltou ao sentir que espetava,

E, com lágrimas nos olhos, acariciou seu pássaro novamente.

Mas logo chegou alguém e disse:

Meu príncipe atirou num cisne, que caiu aqui entre as rosas.

Ele me enviou para pedir-vos que o devolva. Ireis fazê-lo?

Não, disse Siddharta,

Se o pássaro estivesse morto, Seria justo enviá-lo ao atirador,

Mas o cisne vive; meu primo matou apenas

A velocidade divina que pulsava nesta asa branca.

E Devadatta respondeu: O animal selvagem,

Vivo ou morto, é daquele que o abateu;

Nas nuvens não pertencia a homem algum, mas uma vez abatido é meu;

Dá-me a minha presa, formoso Primo. Então nosso Senhor

Colocou o pescoço do cisne contra seu próprio rosto macio

E falou gravemente: Eu digo que não! O pássaro é meu,

A primeira de uma miríade de coisas que serão minhas,

Por direito de misericórdia e dignidade do amor.

Pois agora eu sei, pelo que se agita dentro de mim,

Que ensinarei a compaixão aos homens

E serei um intérprete de um mundo sem voz,

Diminuindo este maldito fluxo de dor,

Não apenas do homem. Mas, se o Príncipe discorda,

Que submeta esta questão aos sábios

E esperaremos a decisão deles. E assim foi feito;

A questão foi debatida com todo o Conselho

E muitos achavam isto e outros aquilo,

Até que se ergueu um sacerdote desconhecido que disse:

Se a vida vale alguma coisa, o salvador de uma vida

Possui mais a coisa viva do que pode possuir

Quem tentou matá-lo o matador destrói e desperdiça,

O salvador sustém, dê-lhe o pássaro.

Todos acharam justo tal julgamento;

Mas quando o Rei buscou o sábio para homenageá-lo,

Ele se tinha ido; e alguém viu uma Naja deslizando para fora do recinto,

Os deuses muitas vezes vêm sob essa forma! E assim nosso Senhor

Buddha

Começou sua obra de misericórdia.

No entanto,
nada mais sabia ele ainda a respeito da dor
Do que a daquele pássaro,
Que, estando curado, juntou-se alegremente aos de sua espécie.
Mas certo dia o Rei disse: Vem,
Doce filho! e vê o deleite da primavera,
E como a terra fértil é persuadida
A entregar suas riquezas ao ceifeiro;
Como o meu reino
Que será teu quando a pira estiver acesa para mim
Alimenta todas as bocas e mantém cheio o celeiro do Rei.
Agradável é a estação das folhas novas, das flores claras,
Da relva verde, e dos gritos na época do plantio. E assim eles
Cavalgaram através de uma estrada com poços e jardins,
Onde tanto acima quanto abaixo da rica terra vermelha,
Os bois forçavam seus fortes ombros na parelha que rangia
Arrastando os arados; o solo rico elevava-se e rolava
Em suaves ondas escuras revolvidas pelo arado;
O lavrador fincava ambos os pés sobre a relha saltitante
Para tornar o sulco mais profundo;
Entre as palmeiras soava o tinido da água encrespada,
E por onde ela corria, a terra alegre bordava-a
Com balsaminas e espinhos de capim limão.
Alhures havia semeadores que saíam para plantar;
E toda a mata sorria com canções oriundas dos ninhos,
E todas as moitas farfalhavam com as vidas dos seres miúdos,
De lagartos, abelhas, besouros e de animais rastejantes,
Felizes com a primavera. Nos ramos das mangueiras,
Os beija-flores passavam velozes; só em sua forja verde

Labutava o barulhento caldeireiro¹²; os abelheiros atacavam
As borboletas roxas; mais abaixo,
Esquilos listados corriam, os mainás empertigavam-se e bicavam,
As nove irmãs marrons¹³ chilreavam na espinheira,
O gato montês espreitava à beira da lagoa,
As garças caminhavam pomposamente entre os búfalos,
Os milhafres¹⁴ faziam círculos no ar dourado;

Perto do templo pintado voavam os pavões,
As pombas azuis arrulhavam de cada poço, à distância
Os tambores da aldeia ressoavam anunciando alguma festa nupcial;
Todas as coisas falavam de paz e prosperidade,
E o Príncipe via e regozijava-se.
Mas, olhando profundamente,
Ele viu os espinhos que crescem sobre esta rósea vida:
Como o moreno camponês suava para obter seu salário,
Labutando para conseguir viver; e como ele instigava os bois
De olhos grandes, através de horas de sol escaldante,
Aguilhoando-lhes os flancos aveludados;
Então ele observou, também,
Que o lagarto alimentava-se de formigas, e a cobra do lagarto,
E o milhafre de ambos; e como o gavião pescador roubava
Do gato montês aquilo que ele havia pegado;
O picanço caçando o rouxinol, que caçava
As borboletas coloridas; até que em toda parte
Cada um matava um matador e por sua vez era morto;
A vida vivendo da morte. E assim o belo espetáculo
Velava uma conspiração vasta, selvagem, horrível,
De crime mútuo, desde o verme até o homem,
Que mata o seu próximo. Ao ver tudo isso
O lavrador faminto e seu gado laborioso,
Ferido pelo julgo cruel.
É a gana de viver que faz com que toda a vida seja uma luta
O Príncipe Siddharta suspirou. É esta, disse ele,
A Terra feliz que me trouxeram para ver?
O quão salgado de suor é o pão do lavrador!
Como é duro o trabalho dos bois!
Como é selvagem a guerra entre o fraco e o forte!
No ar o quanto se conspira!
Não há refúgio nem mesmo na água.
Afastai-vos um pouco,
E deixai-me refletir sobre o que me mostrais.
Dizendo isso, o bom Senhor Buddha sentou-se
Sob um jambeiro, com as pernas cruzadas
Como nas estátuas sagradas e pela primeira vez

Começou a meditar sobre esta doença profunda que é a vida,
Qual é sua fonte longínqua e de onde provém o remédio.
Foi tomado de tão enorme piedade, de tão amplo amor
Pelas coisas vivas, de tal paixão para curar a dor,
Que pela pressão dessas coisas seu coração principesco
Entrou em êxtase, e, purgado da mácula mortal
Dos sentidos e do eu, ali mesmo o menino
Atingiu *dhyana*, o primeiro passo do caminho.
Voavam bem alto, naquele momento, cinco seres sagrados,
Cujas asas livres fraquejaram quando passaram pela árvore.
Que poder superior nos atrai afastando-nos do nosso voo?
Perguntaram eles, pois os espíritos sentem toda força divina,
E conhecem a sagrada presença de um ser puro.
Então, olhando para baixo, viram o Buddha
Coroadado com uma auréola rosa,
Concentrado em pensamentos sobre a salvação;
Enquanto do bosque uma voz exclamou:
Rishis! Eis Aquele que auxiliará o mundo,
Descei e adorai-o. E assim os Seres Brilhantes vieram
E cantaram uma canção de louvor, dobrando as asas,
Depois continuaram viagem, levando as boas novas aos Deuses.

Mas alguém procurando o Príncipe, a pedido do Rei,
Encontrou-o ainda meditando, embora já passasse do meio-dia,
E o Sol se apressasse rumo às colinas do Ocidente.
Contudo, enquanto todas as sombras se moviam, a sombra do jambeiro
Permanecia no mesmo local, sombreando-o,
Para que os raios que se inclinavam não tocassem aquela cabeça sagrada;
E aquele que teve essa visão ouviu uma voz dizer,
Em meio à florescência da macieira rosa:
Deixa em paz o filho do Rei! Minha sombra não irá se mover
Até que se afaste a sombra que está em seu coração.

¹ *Devas*, em sânscrito corresponde ao termo anjos. (N.E.)

² Do latim: *Cornu copiae*, a vaca da abundância. (N.E.)

³ O mesmo que Meru, nome de uma suposta montanha do centro (ou umbigo) da Terra, onde se situa o *Svarga*, o Olimpo dos hindus. (N.E.)

⁴ (Sânc.) Literalmente: o que faz girar a roda (da Lei); rei soberano cujo poder estende-se sobre todo o continente indiano. (N.E.)

- [5](#) Diversão que consiste principalmente de dança (ou *nautch*), executada por bailarinas profissionais. (N.E.)
- [6](#) *Gayatrī* Mantra sagrado da Índia, também chamado *Sçvitri*. Um verso muito sagrado dirigido ao Sol, no *Rig-Veda*, e que os brâmanes têm que recitar mentalmente todos os dias, pela manhã e ao final da tarde, durante suas devoções. (N.E.)
- [7](#) Mestre, em sânscrito. (N.E.)
- [8](#) 1 *lakh* = 1.000.000. (N.E.)
- [9](#) 1 *crore* = 100 *lakhs*. (N.E.)
- [10](#) (Sânc.) Período de uma revolução do mundo, geralmente um ciclo de tempo; comumente representa um Dia e uma Noite de Brahman, um período de 4.320 milhões de anos. (N. E.)
- [11](#) Instrutor espiritual. (N.E.)
- [12](#) Pássaro da família do pica-pau. (N.E.)
- [13](#) Espécie de mainá. (N.E.)
- [14](#) Ave de rapina europeia da família dos falconídeos. (N.E.)

Livro 2

Quando Nosso Senhor chegou aos dezoito anos,
O Rei ordenou que fossem construídas
Três casas imponentes, uma com vigas quadradas desbastadas
Com revestimento de cedro, quente para os dias de inverno;
Uma de mármore raiado, fresca para o calor do verão;
E uma de tijolos queimados, coberta com telhas azuis,
Agradável para a época da sementeira, quando brotam as magnólias
Subha, Suramma e Ramma eram seus nomes.
Jardins deleitáveis floresciam à sua volta,
Córregos passavam travessos e moitas almiscaradas estendiam-se,
Com muitos pavilhões luminosos e relva agradável.
Em meio a estas coisas, Siddharta vagueava à vontade,
A cada hora lhe era propiciada alguma nova delícia;
E passava horas felizes, pois a vida era rica,
Com sangue jovem fluindo rapidamente;
Contudo ainda lhe retornavam as sombrias reflexões,
Quando o lago prateado escurecia com nuvens intensas.

Ao observar isso, o Rei chamou seus Ministros:
Considerai, senhores, o que falou o velho Rishi,
Disse ele, e o que meus adivinhos previram.
Este menino, mais querido para mim do que meu próprio sangue,
Dominará o mundo,
Subjugando todos os seus inimigos,
Um Rei de reis e assim desejo;
Ou irá trilhar a senda triste e humilde
Da abnegação e das dores piedosas,
Obtendo sabe-se lá que bens,
Depois de perder tudo que vale a pena guardar;
E para isso seus olhos pensativos se inclinam
Em meio aos meus palácios.
Mas vós sois sábios, e me aconselhareis;
Como podem seus pés dirigirem-se para aquela estrada gloriosa
Onde deveriam pisar, e assim realizar todos os sinais favoráveis

Que lhe darão a Terra para governar, se governar ele quiser?

O mais velho respondeu: Maharaja!
O amor irá curar estas pequenas perturbações;
Tecei o encanto da astúcia de uma mulher
Em torno do seu coração desocupado.
O que já conhece este nobre rapaz da beleza,
Dos olhos que fazem esquecer os céus,
E dos lábios que são como bálsamo?
Consiga-lhe esposas gentis e agradáveis companheiros;
Os pensamentos que não se consegue conter com correntes de bronze
São facilmente ligados pelos cabelos de uma donzela.

E todos aprovaram,
Mas o Rei respondeu: Se buscarmos esposas para ele,
O amor muitas vezes escolhe à sua maneira;
E se organizarmos um jardim de Beleza,
Para pegar as flores que quiser, ele sorrirá
E docemente evitará a alegria que desconhece.
Então disse outro: O *barasingh*¹ corre
Até que seja disparada a flecha fatal; sucederá a ele,
Como a espíritos menos nobres; alguém o irá fascinar,
Algum rosto parecerá um Paraíso, alguma forma
Mais bela que a pálida Aurora quando desperta o mundo.
Faça isto, meu Rei! Encomende uma festa
Onde as damas do reino se rivalizem
Em juventude e graça, em competições praticadas pelos Sakyas
Deixe que o Príncipe entregue os prêmios às belas.

E, quando as adoráveis vencedoras passarem diante de seu trono,
Haverá aqueles que irão observar se uma ou duas
Mudam a tristeza que se fixou em seu terno rosto;
E assim poderemos escolher para o Amor com os olhos do próprio Amor,
E por este artifício, proporcionar felicidade a sua Alteza.
Isso parecia bom; assim, no dia seguinte
Os arautos convidaram as mulheres jovens e belas
Para virem ao palácio, pois pretendia-se

Realizar um concurso de beleza, e o Príncipe
Entregaria os prêmios, algo de valor para todas,
O mais valioso para a que fosse julgada a mais bela. Assim, acorreram
As donzelas de Kapilavastu para o portão,
Cada uma com cabelos escuros recém-alisados e presos,
Os cílios a brilhar com o bastão *soorma*²,
De banho recém tomado e perfumadas; todas com xales e vestidos
Os mais alegres; mãos delicadas e pés recém-pintados
De carmesim, e pontinhos claros pintados na testa.
Era um belo espetáculo todas aquelas jovens indianas,
Desfilando lentamente em frente ao trono, com grandes olhos negros
Fixos no chão, pois quando viam o Príncipe
Mais do que o medo da Majestade, o que fazia bater
Seus corações agitados, era ele se sentar tão impassível,
Gentil, mas tão além delas. Cada donzela pegava
Seu prêmio com olhos cabisbaixos, temerosa de olhar;
E se as pessoas saudavam alguma como a mais formosa
E digna dos sorrisos reais,
Ela ficava como um antílope assustado
Ao tocar a mão graciosa,
Depois corria para se juntar às suas companheiras,
Tremendo com o favor, tão divino lhe parecia ele,
Tão elevado, santo e acima do mundo dela.
E assim desfilaram elas, uma alegre donzela após outra,
As flores da cidade, e todo este desfile de beleza
Estava terminando e os prêmios sendo entregues, quando finalmente
Surgiu a jovem Yasodhara ,
E aqueles que estavam mais próximos de Siddharta
Viram o jovem Príncipe perturbar-se,
Quando se aproximou a moça de radiante beleza.

Suas formas pareciam moldadas no céu;
Um porte como o de Parvati³;
Olhos como os de uma corça no cio, o rosto tão belo
Que não havia palavras para descrever seu encanto; e apenas ela
Olhou diretamente cruzando as mãos sobre os seios
Nos olhos do rapaz, sem curvar seu pescoço imponente.

Há algum prêmio para mim?, perguntou ela e sorriu.
Os prêmios terminaram, respondeu o Príncipe, contudo tome
Isso como compensação, querida irmã, tu de cuja graça
Vangloria-se nossa feliz cidade; com o que ele desatou
O colar de esmeraldas de seu pescoço e prendeu
Suas contas verdes em torno de sua cintura escura e suave como a seda;
E seus olhos se encontraram, e do olhar brotou o amor.

Muito depois quando plenamente iluminado
O Senhor Buddha ao ser inquirido por que seu coração
Inflamara-se à primeira visão da jovem Sakya,
Respondeu: Não éramos estranhos, como pareceu a vós
E a todos os outros; há muitas eras,
O filho de um caçador, brincando com garotas da floresta
Próximo da fonte Yamun, onde se eleva o Nandadevi⁴,
Fazia o papel de juiz enquanto elas corriam sob os pinheiros
Como lebres que brincavam de correr em círculos na hora do crepúsculo;
Coroou uma delas com flores estreladas, outra com longas plumas
Arrancadas do faisão e do galo selvagem,
Outra com pinhões; mas a que correu por último
Foi a primeira para ele, e a ela o menino
Deu um gamo domesticado além do amor do seu coração.
E no bosque eles viveram muitos anos felizes,
E no bosque juntos morreram.
Vede! Tal como brotos ocultos após anos sem chuva,
Também o bem e o mal, as dores e os prazeres, os ódios
E os amores, e todas as ações passadas, surgem novamente
Ostentando folhas claras ou escuras, fruto doce ou azedo.
Deste modo eu era ele e ela era Yasodhara;
E enquanto girar a roda de nascimento e morte,
Aquilo que foi deve subsistir entre nós dois.

Mas aqueles que observavam o Príncipe na entrega dos prêmios
Viram e ouviram tudo, e contaram ao cuidadoso Rei
Como Siddharta sentara-se indiferentemente até que passou
A filha do grande Suprabuddha, Yasodhara;
E como ao vê-la ele subitamente mudara,

E como ela olhara para ele e ele para ela,
E falaram do presente, da magnífica joia, e, além disso,
O brilho eloquente de seus olhos.

O afetuoso Rei sorriu:

Vide! encontramos uma isca; tratemos agora
De retirar nosso falcão das nuvens.
Enviemos mensageiros para pedir a donzela
Em casamento para meu filho. Mas era lei
Entre os Sakyas, que quando alguém pedisse a mão de uma donzela
De uma casa nobre, bela e cobiçada,
Deveria fazer boa demonstração de sua destreza nas artes marciais
Contra todos os pretendentes a quem deveria desafiar;
O costume não podia ser quebrado nem para os reis.
Por isso, disse o pai da moça: Digam ao Rei,
Que minha filha é pretendida por príncipes de longe e de perto;
Se o seu mui gentil filho puder retesar o arco,
Manejar a espada e montar a cavalo melhor do que os outros,
Ele será o melhor em tudo e o melhor para nós:
Mas como será isso possível, pelo modo como vive enclausurado?
Então o coração do Rei afligiu-se, pois agora o Príncipe
Pedia a doce Yasodhara por esposa em vão,
Com rivais como Devadatta, o mais notável com o arco,
Ardjuna, mestre de todos os cavalos fogosos,
E Nanda, o melhor espadachim; mas o Príncipe
Dissimulou um sorriso e disse: Estas coisas, eu, também aprendi;
Proclame que vosso filho irá medir-se com
Todos os que surgirem na arte que escolherem. Não acredito que
Perderei o meu amor para estes indivíduos.
Assim anunciou-se que no sétimo dia
O Príncipe Siddharta desafiaria quem quisesse
Competir com ele em atos de masculinidade;
A coroa do vencedor seria Yasodhara .

Por conseguinte, no sétimo dia, seguiram
Os lordes Sakyas e a gente da cidade e do campo de toda a redondeza
Até a esplanada; e a donzela seguiu também

Em meio a seus parentes, carregada como noiva,
Com música, liteiras alegremente adornadas,
E bois com chifres dourados, enfeitados de flores.
Devadatta, de linhagem real, pediu sua mão
E também Nanda e Ardjuna, ambos nobres,
A fina flor de todos os jovens lá estavam, até que chegou o Príncipe
Cavalgando seu cavalo branco Kantaka, que relinchava,
Atônito em ver este grande e estranho mundo externo;
Também Siddharta olhava com olhos admirados
Para todas aquelas pessoas nascidas em condições inferiores ao trono,
Que moravam diferentemente dos reis, alimentavam-se diferentemente,
E eram, contudo, tão parecidas possivelmente em alegrias e tristezas.
Mas quando o Príncipe viu a doce Yasodhara ,
Ele sorriu alegremente, e puxando a rédea de seda,
Saltou das amplas costas de Kantaka para o chão,
E exclamou: Não merece esta pérola
Aquele que não for o mais valoroso; que meus rivais provem
Se sou atrevido demais em pretendê-la.
Então Nanda desafiou-o para a prova do arco
E colocou um tambor de bronze a uma distância de seis *gows*⁵,
Ardjuna seis e Devadatta oito;
Mas o Príncipe Siddharta pediu que colocassem seu tambor
Dez *gows*⁵ além da linha, até que o alvo parecesse uma concha.
Eles então dispararam,
E Nanda atravessou seu tambor, Arjuna o dele,
E Devadatta atravessou com uma flecha certa
Ambos os lados de sua marca, de tal modo que a multidão
Ficou maravilhada e gritava; e a doce Yasodhara
Baixou o *sari* de ouro por sobre os olhos, temerosa
De ver a flecha do seu Príncipe errar o alvo.
Mas ele, tomando do arco de bambu laqueado,
Atado com tendões, e entesado com fio de prata,
Que ninguém senão com braços robustos poderia esticar um palmo,
Dedilhou-o escondendo um sorriso puxou a corda trançada
Até que as pontas se tocassem e o grosso bojo estalou:
Isto é para brincadeira, não para o amor, disse ele:
Não terá alguém Um arco mais adequado para os lordes *Sçkyas* usarem?

E alguém disse: Há o arco de *Sinhahçnu*,
Que fica guardado no templo desde não se sabe quando,
Que ninguém consegue encordoar, nem entesar se for encordado.
Vá buscá-lo para mim, disse ele, essa arma digna de um homem!
Trouxeram o arco antigo, feito de aço negro,
Ornado com gavinhas douradas, curvo
Como os chifres do bisão; e por duas vezes Siddharta testou
A força do arco em seu joelho, depois falou Atirem agora
Com este, meus primos! Mas eles não conseguiam dobrar
Os teimosos braços um palmo sequer;
Então o Príncipe, curvando-se levemente, dobrou o arco,
Assestou o olho sobre o entalhe, e fez vibrar
A corda fortemente, a qual, como a asa de uma águia
Fazendo vibrar o ar, zuniu de maneira tão clara e alta
Que os enfermos que estavam em casa naquele dia perguntaram:
Que som é este? e as pessoas lhes respondiam:
É o som do arco de *Sinhahçnu*,
Que o filho do Rei retesou e vai atirar;
Então ajustando uma flecha, ele puxou e soltou,
E a afiada flecha cortou o céu, e atravessou
Aquele tambor mais longínquo, sem deter o voo,
E deslizou por sobre a planície, além do alcance do olho.

Então Devadatta desafiou com a espada,
E cortou uma árvore Talas de seis dedos de espessura;
Ardjuna uma de sete; e Nanda cortou uma de nove;
Mas dois destes troncos cresciam juntos, e ambos
A lâmina de Siddharta cortou com um golpe flamejante,
Incisivo, mas tão suave que os retos troncos permaneceram de pé,
E Nanda bradou: O gume dele dobrou! e a donzela
Tremeu novamente ao ver as árvores de pé,
Até que os *Devas* do ar, que observavam,
Sopraram leves aragens do sul, e ambas as copas verdes
Estrepitaram-se na areia, completamente abatidas.

Então trouxeram os cavalos
Muito fogosos, de nobre estirpe, e três vezes correram

Em torno da esplanada, mas o branco Kantaka
Deixou até mesmo o mais veloz bem para trás tão rápido,
Que antes que sua saliva espumante caísse da boca ao chão,
Ele voava uma distância de vinte lanças; mas Nanda disse:
Nós também poderíamos ganhar com um cavalo como Kantaka;
Tragam um cavalo xucro, e deixemos que vejam
Quem melhor consegue cavalgá-lo. E assim os cavaleiros trouxeram
Um garanhão escuro como a noite, puxado por três correntes,
De olhar bravo, com as narinas largas e a crina esvoaçante,
Sem ferraduras, sem sela, pois nenhum cavaleiro tinha ainda
Conseguido domá-lo. Três vezes cada jovem Sakya
Saltou sobre suas costas poderosas, mas o feroso cavalo
Empinava furiosamente, atirando-os no chão,
Cobrindo-os de pó e vergonha; somente Ardjuna manteve-se
Sentado por algum tempo, e, pedindo para soltar as correntes,
Chicoteou o flanco do negro garanhão, sacudiu o freio, e segurou
firmemente

A boca soberba com as mãos fortes de um mestre,
De modo que em meio a assaltos de fúria, de raiva e de medo,
O selvagem corcel deu uma volta no prado
Semidomado; mas subitamente voltou, mostrando os dentes,
Agarrou *Ardjuna* pelos pés, lançou-o ao chão
E o teria morto, não tivessem os cavaleiros acorrido,
Acorrentando a besta ensandecida. Então todos bradaram:
Não deixem que Siddharta mexa com este *Bhṛṣṭa*,
Cujo fígado é uma tempestade e o sangue
Uma chama vermelha. Mas o príncipe disse: Retirem as correntes,
Deem-me apenas seu topete, que segurou
Com tranquilidade, dizendo algumas palavras em voz baixa,
Colocou sua mão direita entre os olhos do garanhão,
E arrastou-a gentilmente pela face enfurecida,
Ao longo de todo o pescoço e dos flancos arfantes,
Até que, atônitas, as pessoas viram o cavalo negro como a noite
Baixar sua feroz crista e conservar-se submisso e meigo,
Como se conhecesse nosso Senhor e o adorasse.
Também não se agitou quando Siddharta o montou,
Seguiu sobriamente ao toque do joelho e da rédea

Sob o olhar de todos, ao que as pessoas disseram:
Não se esforcem mais, pois Siddharta é o melhor.

E todos os pretendentes responderam: Ele é o melhor!

E Suprabuddha, o pai da donzela,
Disse: Esperávamos no fundo de nossos corações ver-te como o melhor,
Sendo o mais querido; contudo através de que magia aprendeste tanto
Sobre masculinidade em meio ao teu caramanchão de rosas e teus sonhos,
Que outros não aprendem na guerra, na caça e no trabalho do mundo?
Mas fizeste uso, prezado Príncipe, do tesouro que conquistastes.
Então, respondendo prontamente, a amável jovem indiana
Levantou-se do seu lugar acima da multidão, pegou
Uma coroa de flores *mogra*^Z e suavemente levantou
O véu negro e dourado de sua face,
Caminhando altiva em frente aos jovens pretendentes,
Até que chegou onde estava Siddharta em divina graça,
Recém-apeado do cavalo negro como a noite, e que mansamente curvava
O forte pescoço sob seu braço.
Inclinou-se ela perante o Príncipe,
E desnudou seu rosto celestial radiante de alegre amor;
Então em seu pescoço ela pendurou a fragrante grinalda,
E sobre seu peito deitou sua cabeça perfeita,
E se inclinou para tocar-lhe os pés com olhos orgulhosamente alegres,
Dizendo: Querido Príncipe, veja-me, eu que sou tua!
E toda multidão alegrou-se, vendo-os passar
De mãos dadas, os corações batendo no mesmo ritmo,
O véu negro e dourado mais uma vez baixado sobre o rosto da jovem.

Muito tempo depois quando já estava iluminado
Perguntaram ao Senhor Buddha sobre esses acontecimentos e por que
Ela usava aquele véu negro e dourado e pisava tão orgulhosa.
E o honrado por todo o Mundo respondeu: Para mim
Isto era desconhecido, embora parecesse ter alguma ideia a respeito;
Pois enquanto a roda do nascimento e morte gira,
As coisas e os pensamentos passados e as vidas enterradas retornam.
Lembro-me agora, há miríades de chuvas,

Época em que eu, um tigre, errava pelos bosques suspensos do Himalaia,
Listrado e faminto como os de minha espécie;
Eu, que sou Buddha, ocultava-me no capinzal,
Olhando fixamente, com olhos verdes cintilantes, as manadas
Que pastavam perto de meu covil, aproximando-se
Cada vez mais da própria morte, ou quando, sob as estrelas,
Perambulava em busca de uma presa, selvagem, insaciável,
Farejando os caminhos em busca de pegadas de um homem ou de um
gamo,

Em meio às feras que eram então minhas companheiras,
Na selva profunda ou próximo ao *jheel*⁸ juncado.
Encontrei uma tigresa, a mais graciosa da floresta, que punha
Os machos em pé de guerra; seu pelo cor de ouro,
Bordado de preto como o véu que Yasodhara usava para mim;
O combate, com unhas e dentes, foi quente
Naquele bosque, enquanto sob um *neem*⁹
A bela fera, cortejada desta maneira feroz, observava-nos sangrar.

Eu me lembro de que, ao final, ela veio ronronando,
Passando por este e por aquele senhor da floresta machucado
Que eu havia vencido e, com mandíbulas bajuladoras,
Lambeu-me o flanco que arfava pesadamente
E comigo seguiu, amorosamente,
Para o interior da floresta com passos altivos.
A roda de nascimentos e mortes gira para baixo e para cima.

Consequentemente,
A donzela foi entregue ao Príncipe por união voluntária¹⁰
Como um desejado espólio; e quando as estrelas estavam favoráveis
Sendo Meshu, o Carneiro Vermelho, o Senhor dos céus
Foi realizada a festa de casamento, segundo os costumes dos Sakyas;
O *gadi*¹¹ dourado foi colocado, o tapete estendido,
As grinaldas de casamento penduradas, os adereços de braços atados,
O bolo doce partido, o arroz e o *attar*¹² jogados; As duas palhas flutuavam
no leite avermelhado
E se aproximaram, o que era sinal de amor até a morte;
Os sete passos foram dados três vezes em torno da fogueira¹³;

Os presentes entregues aos homens sagrados; no templo as esmolas
Foram dadas e as oferendas feitas, os mantras cantados,
As vestimentas da noiva e do noivo atadas.
Então disse o velho pai: Adorável Príncipe,
Aquele que até aqui foi nossa é somente tua agora;
Sê bom para ela, que te entregou sua vida.
Em seguida, com canções e trompetes,
Trouxeram a doce Yasodhara para os braços do Príncipe,
E tudo foi só amor.

Contudo, o Rei não confiava somente no amor
E ordenou que se construísse uma prisão do amor, imponente e bela,
Para que em toda a Terra não houvesse maravilha igual
A Vishramvan, o local de recreio do Príncipe.
A meio-caminho, naqueles amplos terrenos do palácio, elevava-se
Uma colina verdejante cuja base era banhada pelo Rohini,
Que descia murmurando dos amplos sopés do Himalaia,
Para prestar tributo às ondas do Ganges.
Ao sul, uma plantação de tamarineiros,
Encorpada com pálidas flores *ganthi* cor do céu,
Isolava o mundo, a não ser que o murmúrio da cidade
Viesse com o vento não mais forte que o zumbir das abelhas
Ocultas nas moitas. Ao norte, elevavam-se
As rampas imaculadas da enorme muralha do Himalaia,
Alinhadas em brancas fileiras contra o azul inexploradas
Infinitas, maravilhosas com vastos planaltos
E este universo elevado de crista e rochedo,
Acostamento e saliência, verde declive e agulha de gelo,

Desfiladeiro escarpado, precipício fragmentado
Elevava o pensamento cada vez mais, até que
Parecia estar-se no céu a falar com os deuses.
Sob as neves estendiam-se florestas sombrias, bem guarnecidas,
Com cataratas que saltavam veladas pelas nuvens;
Mais abaixo cresciam carvalhos rosa e os grandes bosques de pinheiros,
Onde ecoava o chamado do faisão e o rugido da pantera,
O tropel de carneiros selvagens sobre as pedras e o guincho

Das águias que voavam em círculo; mais abaixo ainda a planície
Brilhava como um tapete de orações aos pés
Daqueles divinos altares. Em frente,
Os construtores levantaram o claro pavilhão,
Bem plantado na colina com terraços e torres
Em ambos os flancos e abóbadas com pilares ao redor.
As vigas eram entalhadas com histórias dos tempos antigos
Radha¹⁴ e Krishna e as moças das florestas
Sita¹⁵, Hanuman¹⁶ e Draupadi¹⁷;
E no pórtico mediano, o deus Ganesha¹⁸
Com disco e gancho para propiciar sabedoria e riqueza
Sentava-se benévolo, enrolando sua tromba oblíqua.
Através dos caminhos sinuosos dos jardins e do paço
Chegava-se ao portão interno, feito de mármore,
Branco com veios cor-de-rosa; a padieira em azul,
A soleira em alabastro e as portas de
Sândalo, com painéis ilustrados;
Por meio das quais podia-se chegar aos sublimes saguões e aos
caramanchões
Ensombrados, sobre escadas imponentes,
Através de galerias guarnecidas de treliças, por sob tetos pintados
E aglomerado de colunas, onde corriam fontes frescas guarnecidas
De lótus e nelumbo e os peixes
Cintilavam nas cores prata, escarlate, ouro e azul.
Em nichos ensolarados, gazelas de olhos grandes comiam
As rosas vermelhas desabrochadas; e pássaros com asas cor do arco-íris
Esvoaçavam entre as palmeiras; pombas, verdes e cinzas,
Construíam seus ninhos em segurança nas cornijas douradas;
Acima dos pavimentos brilhantes, os pavões exibiam
O esplendor de suas caudas, observados tranquilamente
Pelas garças brancas cor de leite e pelas pequenas corujas domésticas.
Os papagaios de pescoços cor de ameixa balançavam-se de fruta em fruta;
Os amarelos colibris zumbiam de flor em flor,
Os tímidos lagartos aqueciam-se sem receio sobre a gelosia,
Os esquilos corriam para comer na mão,
Pois tudo era paz; a tímida serpente negra, que traz Sorte às residências,
sonolenta, dourava seus anéis ao sol Sob as flores, onde brincava o cervo

almiscarado, E macacos de olhos marrons palravam com os corvos.
E toda esta casa de amor era bem servida
Por doces atendentes, de modo que em todo lugar
Em cenários admiráveis encontravam-se rostos gentis,
Conversa agradável, deleite em servir, cada um contente em
Agradar, feliz em dar prazer, orgulhoso por obedecer;
De modo que a vida seguia agradável, como um riacho sereno,
Margeado por flores perpétuas, e Yasodhara era a
Rainha da Corte encantada.

Porém no mais recôndito,
Além da riqueza daquela centena de saguões,
Ocultava-se um aposento, onde a habilidade gastara
Todas as adoráveis fantasias para aquietar a mente.
A entrada do aposento era uma praça cercada
Que tinha como teto o céu e no centro um reservatório
Construído com mármore leitoso e pavimentado com placas
De mármore branquíssimo; limitando a borda do reservatório,
Nos degraus e em toda extensão do friso,
Um cuidadoso trabalho de ágatas embutidas.
Tranquilo como caminhar sobre a neve no verão
Era demorar-se aí; os raios do sol fluíam
Dourados, e, passando pelo pórtico e pelo nicho,
Eram amortecidos até se tornarem sombras prateadas, pálidas e fracas,
Como se o próprio dia fizesse uma pausa e surgisse o entardecer
Em amor e silêncio no portão daquele refúgio;
Pois atrás do portão estava o aposento,
Belo, doce, uma maravilha do mundo!
Uma luz suave descia das lamparinas perfumadas através das janelas
De nacar e estrelas coloridas de luzente película
Estendidas sobre tecidos dourados, e camas de seda,
E o pesado esplendor das pesadas cortinas,
Que se afastava apenas para admitir a mais bela.
Aqui, fosse noite ou dia ninguém sabia,
Pois sempre fluía uma luz suave, mais clara
Que a luz do sol ao nascer, porém tão suave quanto a do entardecer;
E sempre sopravam brisas agradáveis, que trazem mais alegria

Do que as da manhã, e que são tão frescas quanto o alento da meia-noite;
Noite e dia os alaúdes suspiravam, e noite e dia
Comida deliciosa era servida, e frutos cobertos de orvalho,
Gelados com a neve do Himalaia,
E guloseimas feitas de sutis iguarias,
Com doce de leite vegetal em copo de marfim apropriado.
E noite e dia aí trabalhava um grupo escolhido
De dançarinas, copeiros e tocadores de címbalos,
Ministros do amor, delicados, de tez escura,
Que abanavam os olhos adormecidos do feliz Príncipe,

E quando ele despertava, levavam seus pensamentos de volta à bem-aventurança

Com música a sussurrar em meio às flores, e o encanto
De canções amorosas e danças suaves, acompanhadas pelo
Tilintar de guizos presos aos tornozelos, e pelos movimentos dos braços
E o som das cordas prateadas da vira; enquanto essências
De almíscar e a névoa azul espalhada
Pela queima de condimentos acalmavam novamente sua alma,
Levando-o a cochilar ao lado da doce Yasodhara ; e assim
Siddharta vivia sem lembranças.

Além disso,

O Rei ordenou que, no interior daquelas muralhas,
Nenhuma menção fosse feita a respeito de morte ou velhice,
Aflição, dor ou doenças. Se alguma dançarina desfalecesse
Na adorável Residência Real com olhar turvo, pés
Fatigados pela dança a inocente criminosa
Era exilada daquele Paraíso,
Para que o Príncipe não visse e sofresse com sua angústia.
Intendentes de olhos claros tratavam de executar
A sentença sobre aqueles que falassem do cruel mundo exterior,
Onde havia dores e pragas, lágrimas e temores,
E lamentos dos enlutados e a fumaça repugnante das piras crematórias.
Era traição se um fio de prata aparecesse
Na trança de alguma cantora ou dançarina;
E a cada amanhecer eram arrancadas as rosas que murchavam,

As folhas mortas eram escondidas,
E tudo que pudesse chocar ao ser visto era removido;
Pois, disse o Rei, Se ele passar sua juventude
Longe de tais coisas que provocam o desejo
E acorrentam o pensamento,
A sombra deste destino, grande demais para um homem,
Pode provavelmente se extinguir, e eu o verei crescer
Até aquela grande estatura de bela soberania,
Quando irá governar todas as terras se quiser governar
O Rei de reis e a glória do seu tempo.

Por isso, em torno daquela agradável prisão
Onde o amor era o carcereiro e as delícias as grades,
Mas afastado dos olhares o Rei ordenou que se construísse
Uma muralha maciça e na muralha um portão
Com portas de bronze, que para fazê-las girar
Por sobre as dobradiças eram necessários cem braços;
E o ruído daquele prodigioso portão
Ao se abrir era ouvido ao longe.
E dentro deste um outro portão foi feito,
E ainda um terceiro através dos três
Precisaria passar alguém para deixar aquela casa de prazeres.
Havia três poderosos portões, com trancas e barras,
E acima de cada um, uma sentinela de confiança;
E a ordem do Rei era: Não permitam a nenhum homem
Passar pelos portões, nem que seja o príncipe, meu filho,
Pois pagareis com vossas vidas.

[1](#) Cervo. (N. E.)

[2](#) Pó de antimônio. (N.E.)

[3](#) Esposa de Shiva, também chamada de Durga. (N.E.)

[4](#) Montanha no noroeste da Índia. (N. E.)

[5](#) Medida equivalente a 430 metros. (N.E.)

[6](#) Gênio mau. (N.E.)

[7](#) (Ind.) Jasmim. (N.E.)

[8](#) (Ind.) Terreno pantanoso. (N.E.)

[9](#) (Ind.) Lilás da Pérsia. (N.E.)

[10](#) Segundo a Lei de Manu: a união de uma jovem e de um jovem que resulta de voto mútuo. (N.E.)

[11](#) (Ind.) Coxim sobre o qual se sentam os esposos durante as festas nupciais. (N.E.)

[12](#) (Ind.) Perfume, essência. Termo usado também na Pérsia. (N.E.)

[13](#) Cerimônia essencial do matrimônio, segundo a lei dos brahmanes. (N.E.)

- [14](#) A pastora entre os *gopis* (zagais, pastoras) de Krishna, sua companhia favorita. (N. E.)
- [15](#) Esposa de Rama, heroína do *Ramayana*. (N.E.)
- [16](#) Mono que ajudou Rama a recuperar Sita, raptada por *Ravana*. (N.E.)
- [17](#) Patronímico da belíssima filha do rei Drupada, esposa comum de cinco príncipes *pendavas*. (N.E.)
- [18](#) Deus de cabeça de elefante, deus da sabedoria, filho de Shiva. (N. E.)

Livro 3

Em um lar tranquilo, gozando uma vida feliz e amorosa,
Vivia nosso Senhor Buddha, desconhecendo a necessidade,
As tristezas, as dores, as pragas, a velhice, a morte,
Exceto como os que dormem vagueiam por mares obscuros em sonhos,
E chegam fatigados às praias do dia,
Trazendo estranhas mercadorias dessa negra viagem,
Assim, muitas vezes, quando dormia suavemente
Embalado nos seios morenos de Yasodhara ,
As mãos dela, carinhosas, abanando lentamente suas pálpebras
adormecidas,

Ele acordava bruscamente e gritava: Meu mundo! Oh, mundo!

Eu ouço! Eu sei! Eu vou! E ela perguntava:

O que aflige meu Senhor?, com olhos dilatados cheios de terror;

Pois em momentos assim, a piedade no olhar do Senhor

Era impressionante e seu semblante era como o de um deus.

Então ele sorria novamente para pôr fim às lágrimas de sua amada,

E ordenava que se tocassem as vinas; mas certa vez colocaram

Um alaúde na soleira da porta, lá onde o vento

Podia demorar-se nas notas e tocar à vontade

O vento toca uma música selvagem nas cordas de prata

E aqueles que estavam ao redor só ouviam aquilo;

Mas o Príncipe Siddharta ouvia os *devas* tocando,

E para os seus ouvidos eles cantavam músicas cujas letras eram assim:

Somos as vozes do vento errante,

Que geme em busca de descanso e que jamais consegue o descanso encontrar; Vede! Tal como é o vento, é a vida mortal, Um lamento, um suspiro, um soluço, uma tempestade, uma contenda.

Não podemos saber a razão de nossa existência,

Nem de sua origem nem para onde ela segue;

Somos como somos, fantasmas oriundos do vazio,

Que prazer nos proporciona nossa dor inconstante?

Que prazer tendes de vossa bem-aventurança imutável?

*Não, se o amor fosse duradouro, nisto haveria alegria;
Mas o caminho da vida é o caminho do vento, todas estas coisas
São apenas vozes fugazes sopradas nas cordas móveis.*

*Ó filho de Maya! Porque erramos pela terra,
Gememos sobre estas cordas; não criamos alegria,
Tantas aflições vemos em tantas terras,
Tantos olhos chorosos e mãos a se retorcer.*

*Contudo zombamos enquanto lamentamos, pois, se pudessem saber,
Que esta vida à qual se aferram é apenas um espetáculo vazio;
Seria o mesmo que ordenar a uma nuvem que permanecesse parada,
Ou, com as mãos, segurar um rio que flui.*

*Mas deveis salvar, vossa hora está próxima!
O triste mundo espera em sua miséria,
O mundo cego tropeça em seu ciclo de dor;
Levantai-vos, filho de Maya! Despertai! Não durmais novamente!*

*Somos as vozes do vento errante;
Errai também vós, ó Príncipe, para encontrardes descanso;
Deixai o amor por amor aos amantes; por amor às aflições,
Abandonai a magnificência pela dor, e libertai-vos.*

*Assim suspiramos, passando por sobre as cordas de prata,
Para vós que não conheceis ainda as coisas terrenas;
Por isso dizemos; zombando, enquanto seguimos adiante,
Destas sombras adoráveis com que vos divertis.*

*Depois disso, aconteceu de ele se sentar ao crepúsculo
Em meio a sua bela Mansão Senhorial, segurando a mão
Da doce Yasodhara e uma criada contou
Com interrupções da música quando baixava sua voz melodiosa
Para acelerar a hora do crepúsculo, uma antiga história
A respeito do amor e de um cavalo mágico
E de terras maravilhosas, distantes,
Onde moravam pessoas de pele clara
E onde o Sol à noite mergulhava nos mares.*

Então disse ele, suspirando: Chitra faz-me recordar
A canção do vento nas cordas com esse belo conto.
Dê-lhe, Yasodhara, tuas pérolas em agradecimento.
Mas tu, minha pérola! Haverá um mundo tão amplo?
Haverá uma terra que vê o grande Sol
Descer em meio às ondas e haverá corações como os nossos,
Incontáveis, desconhecidos, infelizes pode ser
A quem poderíamos socorrer se os conhecêssemos?
Frequentemente me pergunto, enquanto o Senhor do dia
Move-se a partir do Oriente em sua real estrada de ouro,
Quem primeiramente, nos confins do mundo, saudou seus raios,
Os filhos da manhã; muitas vezes,
Mesmo em teus braços e em teu colo, bela esposa,
Tenho desejado, ao se pôr o Sol,
Passar juntamente com ele para aquele Ocidente carmesim
E ver os povos da noite.
Deve haver muitos que amaríamos de que outra maneira?
Sinto neste momento uma dor, finalmente,
Que teus suaves lábios não podem aliviar com um beijo:
Oh, garota! Ó Chitra! Tu que sabes a respeito da terra encantada!
Onde se amarra aquele veloz cavalo da tua história?
O meu palácio por um dia montado nele,
Para cavalgar e cavalgar e ver a extensão da terra!
Não, se eu tivesse as penas do distante abutre implume
O carniceiro de reinos mais amplos que o meu
Como poderia elevar-me até a parte mais elevada do Himalaia,
Luminoso, onde o raio rosado demora-se sobre aquelas neves,
E forçar o olhar procurando o que está ao redor!
Por que eu jamais vi e jamais procurei?
Diz-me o que jaz além de nossos portões de bronze.

Então alguém respondeu: Primeiro a cidade, formoso Príncipe!
Com os templos, os jardins e os bosques,
E depois campos e mais campos verdejantes,
Com correntezas¹, elevações e matas; *koss*;
E a seguir o reino do Rei Bimbisara e depois
O mundo vasto e plano, com milhares e milhares de pessoas.

Bem, disse Siddharta, avisem a Channa
Que arreeie minha carruagem amanhã
Ao meio-dia, cavalgarei e verei o que há além.

Então disseram ao Rei: Nosso Senhor,
Vosso filho deseja que sua carruagem seja arreeiada ao meio-dia,
Para que possa cavalgar para além do reino e ver a humanidade.

Sim, disse o cuidadoso Rei, já é hora de ele ver!
Mas mande os arautos saírem e ordenarem
Que a cidade seja embelezada, de modo que não se encontre
Nenhuma visão nociva; e não se permita que apareça
Nenhum cego ou estropiado,
Ninguém que esteja doente ou que seja avançado demais em idade,
Nenhum leproso e nenhum debilitado.
Consequentemente, as pedras foram varridas e para cima e para baixo
Os aguadeiros borrifaram todas as ruas
Com água dos odres, as donas de casa esguichavam
Pó vermelho nas soleiras, trançavam novas coroas de flores
E podavam os pés de *tulsi*² em frente às suas portas.
As pinturas nas paredes foram incrementadas,
De maneira liberal encheram as árvores de bandeirolas,
Os ídolos pintados cor de ouro; nos quatro cantos
*Suryadeva*³ e os grandes deuses brilhavam
Em meio a relíquias de folhas; de tal modo que a cidade parecia
A capital de alguma terra encantada.
Os arautos também passaram, com tambores e gongos,
Proclamando em voz alta: Atenção! Todos os cidadãos,
O Rei ordena que não haja hoje nenhuma visão perniciosa;
Não deixem que saiam de casa os cegos ou estropiados,
Ninguém que esteja doente ou velho demais,
Nenhum leproso e nenhum debilitado.
Também, não deixem ninguém queimar seus mortos nem os trazer para
fora
Até o cair da noite. Assim ordena Suddhodana.

Assim, tudo estava elegante e as casas enfeitadas

Em toda a Kapilavastu, enquanto o Príncipe surgia
Numa carruagem pintada, puxada por dois novilhos brancos,
Que balançavam seus pescoços
E esfregavam seu largos focinhos.
Na canga esculpida em laca.
Era agradável observar a alegria das pessoas
Ao cumprimentar o Príncipe, e Siddharta alegrava-se
Com a visão de todos esses vassallos e pessoas amigas,
Vestidos com roupas claras e rindo como se a vida fosse boa.
Agradável é o mundo, disse ele, e me agrada!
Estes homens alegres e gentis que não são reis
E minhas doces irmãs aqui, que trabalham e que cuidam;
O que eu fiz a estas pessoas para que ficassem assim?
Por que, se eu as amo, não deveriam essas crianças saber?
Desejo pegar aquele belo menino Sakya que está lá adiante,
Que lançou flores sobre nós e deixá-lo cavalgar comigo.
Como é bom reinar em reinos como este!
Como é simples o prazer, se estas pessoas estiverem satisfeitas
Porque eu saí do palácio! Quantas coisas que tenho são desnecessárias
Se essas pequeninas residências possuem
O suficiente para tornar nossa cidade cheia de sorrisos!
Atravessai, Channa, os portões e me deixe ver
Mais deste mundo amável que eu não conhecia.

E assim eles atravessaram os portões, uma multidão alegre
Amontoando-se em torno das rodas, enquanto alguns corriam
Na frente dos bois, atirando grinaldas, alguns lhes tocando
Os flancos aveludados, outros lhes traziam arroz e bolos,
Todos gritando: *Jai! jai!*⁴ ao nosso nobre Príncipe!
E assim em todo o caminho havia olhares alegres
E coisas agradáveis de ver pois o Rei ordenara
Que assim fosse quando a meio caminho na estrada,
Cambaleando lentamente da cabana onde se escondia,
Surgiu rastejando um miserável esfarrapado, magro e imundo,
Um velho, muito velho, cuja pele enrugada, bronzeada,
Grudava como o couro de um animal nos ossos sem carne.
Curvadas estavam suas costas sob o peso de muitos anos,

Suas órbitas oculares estavam vermelhas com o resíduo de lágrimas antigas,

Seus globos oculares embaçados, suas mandíbulas desdentadas
Balançando com paralisia e o medo de ver
Tanta gente e tanta alegria. Uma mão descarnada
Agarrava uma bengala desgastada para apoiar seus trêmulos membros,
A outra pressionava a extremidade das costelas
De onde vinha uma respiração ofegante, pesada e dolorida.
Uma esmola! gemeu ele, dai boa gente! pois eu vou morrer
Amanhã ou depois de amanhã! Depois a tosse o sufocou,
Mas ele ainda esticava a mão e permaneceu piscando os olhos
E gemendo em meio aos espasmos: Uma esmola!
Então, aqueles à sua volta puxaram-no violentamente pelos pés,

E novamente o jogaram para fora da estrada,
Dizendo: Não vês que é o Príncipe! Volta para teu barraco!
Ao que Siddharta gritou: Deixem-no! Deixem-no!
Channa! Que coisa é esta que parece um homem,
Embora certamente apenas pareça, sendo tão curvado,
Tão miserável, tão horrível, tão triste?
Os homens às vezes nascem assim? O que ele quer dizer quando
Geme amanhã ou depois eu morrerei?
Não encontra alimento, o que faz com que seus ossos apareçam?
Que calamidade aconteceu a este ser deplorável?
Então respondeu o cocheiro: Doce Príncipe!
Isto nada mais é que um homem idoso.
Há cerca de oitenta anos suas costas eram retas,
Seus olhos claros e seu corpo vistoso; agora
Os anos furtivos sugaram sua seiva,
Pilharam sua força e furtaram sua vontade e sua razão;
Sua lamparina perdeu o óleo, o pavio está queimado;
A vida que o sustém é uma chama fraca
Que está para se apagar; tal é o efeito da idade;
Por que deveria Sua Alteza se preocupar? Então falou o
Príncipe: Mas irá isso acontecer aos outros ou a todos, 48
Ou é raro que alguém fique como ele?
Nobre Senhor, respondeu Channa, tal como ele,

Ficarão todas estas pessoas se viverem tanto.
Mas, disse o Príncipe, se eu viver tanto, eu ficarei assim?
E se Yasodhara viver oitenta anos
Será assim a velhice para ela,
Para *Jçlini*, para o pequenino Hasta, para *Gautçmi*,
E para Gunga, e os outros? Sim, Grande Senhor!
Respondeu o carroceiro. Então falou o Príncipe:
Dê meia volta e me leve novamente para casa!
Eu vi o que não pensava ver.

Ponderando sobre estas coisas, retornou o saudoso Siddharta
À sua bela Mansão Senhorial, triste na aparência e no ânimo;
Também não tocou nos bolos brancos, nem nas frutas servidas
No banquete noturno, nem uma vez sequer levantou os olhos,
Enquanto as melhores dançarinas do palácio esforçavam-se para agradar;
Também não falou exceto algo triste quando, angustiosamente,
Yasodhara atirou-se aos seus pés e chorou,
Suspirando: Não encontra meu Senhor conforto em mim?
Ah, Minha Doçura! disse ele, um conforto tal que faz minha alma
Sofrer, pensando que deve terminar, pois irá terminar,
E ambos envelheceremos, Yasodhara,
Sem amor, repelentes, fracos, velhos e curvados.
Não, embora selássemos nosso amor e nossa vida
Com lábios tão próximos que noite e dia
Nossa respiração fosse uma só,
O tempo penetraria para roubar
Minha paixão e tua graça, assim como a negra noite rouba
Os clarões rosados dos picos distantes, que esmaecem até se tornarem
cinza,
De modo imperceptível. Isso eu descobri,
E meu *coração* está totalmente obscurecido de medo,
E toda minha alma está pensando fixamente em como o Amor
Poderia livrar sua inerente doçura do matador, o Tempo,
v Que envelhece os homens. Assim, toda aquela noite ele passou em
vigília
Sem sono, pouco à vontade.

E durante toda aquela noite
O Rei Suddhodana teve sonhos agitados.
O primeiro temor de sua visão foi um estandarte reluzente,
Amplamente glorioso, com um sol dourado,
A marca de Indra⁵; mas um forte vento soprou,
Rasgando suas dobras divinas, e atirando-o
No pó; ao que surgiu uma multidão
De Seres sombrios, que pegaram a bandeira rasgada
E a levaram para leste dos portões da cidade.
O segundo temor foram dez enormes elefantes,
Com presas prateadas e pés que estremeciam a terra,
Pisando pesadamente sobre a estrada sul em marcha poderosa;
E aquele que se sentava sobre o primeiro dos animais
Era o filho do Rei os outros o seguiam.
A terceira visão assustadora foi uma carroça,
Brilhando com luz ofuscante, puxada por quatro corcéis,
Bufando fumaça branca e mastigando espuma flamejante;
E na carroça estava sentado o Príncipe Siddharta.
A quarta visão amedrontadora foi uma roda que girava e girava,
Com cubo de ouro incandescente e raios adornados,
E coisas estranhas escritas no tirante que unia os raios,
Que quando girava parecia tanto ser fogo quanto música.
O quinto temor foi um poderoso tambor, colocado
A meio caminho entre a cidade e as colinas,
No qual o Príncipe batia com uma baqueta de ferro,
De tal modo que o som ribombava como um trovão,
Repercutindo pelos céus e a distância.
O sexto temor foi uma torre, que se elevava
Muito acima da cidade, de tal modo que seu capitel imponente
Brilhava coroado de nuvens e no topo postava-se o Príncipe,
Espalhando com ambas as mãos, para aqui para ali,
Pedras preciosas de cores maravilhosas, como se chovessem
Jacintos e rubis; e todo mundo veio,
Esforçando-se para pegar aqueles tesouros à medida que caíam
Pelos quatro cantos. Mas o sétimo temor foi um ruído de lamentação,
E apareceram seis homens
Que choravam, rangiam os dentes,

E tampavam as bocas com as mãos, caminhando desconsolados.

Estes sete temores constavam da visão do seu sono,
Mas nenhum de seus mais sábios adivinhos
Conseguiu decifrar o significado. Então o Rei enfureceu-se,
Dizendo: O mal está vindo para minha casa,
E nenhum de vocês tem sabedoria para me ajudar a saber
O que os grandes deuses pressagiam enviando-me estes sonhos.
E assim as pessoas da cidade ficaram pesarosas,
Porque o Rei sonhara sete sinais de temor
Que ninguém conseguia decifrar; mas do portão acercou-se
Um homem idoso, vestido com um manto de pele de gamo,
Com aparência de eremita, que ninguém conhecia; ele bradou:
Levai-me perante o Rei, pois eu posso decifrar
As visões do seu sono; ao ouvir
Os sétuplos mistérios do sonho da meia-noite,
Curvou-se reverentemente e disse: Oh, *Maharaj!*
Saúdo esta casa afortunada de onde surgirá
Um esplendor de mais longo alcance que o do sol!
Vide! Todos estes sete temores são sete alegrias,
Onde o primeiro, no qual vistes um estandarte
Amplo, glorioso, com o emblema dourado de Indra atirado ao chão
E levado para fora, significava o fim
Das velhas crenças e o início de nova,
Pois entre os deuses existem tantas mudanças quanto entre os homens,
E como passam os dias assim passam os *kalpas* (eras) também.
Os dez grandes elefantes que faziam tremer a terra
Significam os dez grandes dons da sabedoria,
Com cuja força o Príncipe abandonará seu estado atual
E abalará o mundo com a transmissão da Verdade.
Os quatro cavalos do carro, que respiram chamas
São as quatro virtudes poderosas que conduzirão
Vosso filho da dúvida e da melancolia para a luz radiante;
A roda que girava com seu cubo de ouro flamejante
Era a preciosíssima Roda da Lei perfeita
Que ele fará girar para todo mundo ver.
O tambor poderoso no qual o Príncipe batia,

Até que o som reverberasse em todas as terras, significa
O trovão da pregação da Palavra
Que ele irá difundir; a torre que se elevava até o céu
Anuncia o crescimento do Evangelho deste Buddha;
E aquelas joias raras, espalhadas aqui e ali,
São os tesouros incalculáveis daquela boa Lei,
Querida e desejada por deuses e homens.
Tal é a interpretação da torre;
Mas aqueles seis homens, chorando com as bocas fechadas,
São os seis principais instrutores a quem teu filho
Irá, com a clara verdade e um discurso irresponsável,
Mostrar como são tolos. Ó Rei! Regozijai;
A fortuna de Monsenhor, o Príncipe, ultrapassará a de todos
Os reinos, e seus andrajos de ermitão serão mais valiosos
Do que vestimentas de ouro. Foi este o vosso sonho!
E dentro de sete noites e sete dias, estas coisas acontecerão.
Assim falou o homem sagrado e, humildemente, fez
As oito prostrações, tocando três vezes o chão.
Depois se voltou e foi embora, mas quando o Rei mandou que lhe
entregassem
Um rico presente, os mensageiros
Responderam: Viemos de onde ele entrou
No templo de Chandra⁶, mas lá dentro não havia ninguém,
Exceto uma velha coruja que voou do santuário.
Os deuses às vezes vêm assim.

Mas o triste Rei espantou-se
E ordenou que novos deleites fossem planejados
Para enfeitiçar o coração de Siddharta
Em meio às dançarinas de sua casa do prazer;
Ele também duplicou a guarda
Em todos os portões de bronze.
No entanto, quem poderá evitar o destino?
Mais uma vez, o Príncipe sentiu-se
Atraído a ver o mundo além dos portões,
Esta vida humana, que seria tão agradável se suas ondas
Não se desperdiçassem em um pesaroso final

Nas secas areias do Tempo. Peço-vos que me deixeis ver
Nossa cidade como ela é, tal foi sua súplica
Ao Rei Suddhodana . Sua Majestade,
Com terna atenção, previamente avisou às pessoas
Para afastarem as coisas ruins e as visões comuns,
E mostrarem rostos contentes para me alegrar,
E determinou que houvesse alegria em todas as calçadas; contudo aprendi
Que aquela não é a vida diária, e que
Uma vez que sou eu quem está mais próximo de vós e do reino
Ficaria contente em conhecer o povo e as ruas,
Sua maneira simples, e os afazeres do dia a dia,
E as vidas que vivem aqueles que não são reis.
Permiti-me partir, querido Senhor, e passar despercebido
Além dos meus felizes jardins;
Retornarei mais alegre à sua paz, ou mais sábio, pai,
Mesmo que não esteja satisfeito.
Portanto, eu vos rogo, deixai-me andar livremente
Amanhã, com meus criados, pelas ruas da cidade.
E o Rei, cercado de seus Ministros, disse:
Tomara que esta segunda saída possa consertar a primeira.
Vêde como se assusta o falcão de tudo quanto vê quando é aprisionado,
Mas como o seu olhar fica sossegado,
Quando adquire a liberdade; que meu filho veja tudo,
E lhes ordeno que me tragam notícias sobre suas ideias.

Assim no dia seguinte, ao meio-dia,
O Príncipe e Channa passaram além dos portões,
Que se abriram ao sinete do Rei;
Contudo aqueles que fizeram recuar os portões não sabiam
Que era o filho do Rei vestido em manto de mercador,
E seu cocheiro vestido de clérigo.
Seguiram adiante a pé pela via pública,
Misturando-se com todos os cidadãos Sakya ,
Buscando as coisas alegres e tristes da cidade:
As ruas pintadas, animadas com o zumbido do meio-dia,
Os mercadores, de cócoras em meio a seus condimentos e grãos,
Os compradores com dinheiro enfiado nas roupas,

A guerra de palavras para baratear isto ou aquilo,
O grito para desobstruir a estrada, as enormes rodas de pedra,
Os bois fortes e lentos com suas cargas sussurrantes,
Os carregadores de palanquins a cantar,
Os *hamals*⁷, de amplos pescoços, suando ao Sol,
As donas de casa carregando água do poço
Com *chatties*⁸ equilibrados na cabeça, e atravessados nos quadris seus
Bebês de olhos negros; as *bombonières* infestadas de moscas,
O tecelão ao tear, a laçada de algodão
Zunindo, as mós moendo farinha, os cães
Espreitando as sobras, o armeiro habilidoso,
Com tenaz e martelo, unindo cotas de malha,
O ferreiro, com um enxadão e uma lança,
Aquecendo juntos em sua fornalha; a escola
Onde em torno de seu Guru, sob uma sóbria meia-lua,
As crianças Sakyas recitavam todo o mantra
E aprendiam a respeito dos deuses maiores e menores;
Os tintureiros estendendo cintas ao sol,
Retiradas molhadas das tinas de cores laranja, rosa e verde;
Os soldados passavam retinindo com espadas e escudos,
Os cameleiros balançando-se nas corcovas,
O Brâmane orgulhoso, o *Kshatriya* marcial,
O *Shudra*⁹ humilde e trabalhador; aqui uma multidão
Reunia-se para observar algum encantador de serpentes conversador
Enrolar em torno de seu pulso a joalheria viva
De uma áspide ou uma naja, ou encantar a morte encapuzada
Para fazê-la dançar zangada com o zumbido de cabaça enfeitada;
Acolá uma longa fila de tambores e trombetas, que ia,
Com cavalos pintados vistosamente e dosséis de seda,
Trazer a jovem noiva para casa; e aqui uma esposa
Passando despercebida com bolos e grinaldas para os deuses
Para rezar pelo retorno seguro de seu marido das negociações,
Ou pedir um filho homem no próximo parto; ao lado das cabines
Os morenos oleiros batiam o latão barulhento
Para produzir lamparinas e *lotas*¹⁰; dali passaram próximos às paredes do
templo
E das passagens até o rio e a ponte sob as muralhas da cidade.

Eles já tinham deixado para trás essas coisas,
Quando da beira da estrada gemeu uma voz deplorável:
Socorro, senhores! Ponham-me de pé; oh, socorro!
Ou morrerei antes de chegar em casa!
Era um miserável ferido, cujo esqueleto tremia,
Vítima de alguma praga mortal, contorcendo-se na poeira,
Coberto de pústulas roxo-avermelhadas;
Um suor frio escorria de sua testa,
Sua boca estava repuxada, contorcida de dor,
Os olhos desvairados nadavam em agonia interior.
Ofegante, ele agarrava o capim para se levantar e quase se levantou,
Depois caiu, com os membros fracos e trêmulos
E gritava de terror, bradando: Ai, que dor!
Boa gente, socorro! no que Siddharta correu,
Levantou o homem aflito com mãos afáveis,
Com olhar compassivo deitou a cabeça do homem nos seus joelhos,
E enquanto sua mão suave confortava o miserável,
Ele perguntou: Irmão, qual é tua doença?
Que mal acometeu-te?
Por que razão não consegues levantar-te?
Por que será, Channa, que ele arfa e geme,
E ofega para falar e se lamenta tão penosamente?
Então falou o cocheiro: Grande Príncipe! este homem
Está afetado por alguma peste; sua situação
É crítica; em suas veias o sangue,
Que corria como um rio saudável, salta e ferve como
Uma torrente em ebulição; seu coração, que batia regularmente,
Bate como um tambor de pele mal batido, rápido e lento;
Seus tendões estão relaxados como a corda frouxa de um arco;
A força foi-se de suas coxas, do quadril e do pescoço,
E toda graça, alegria e virilidade desapareceram;
Este é um homem doente que está tendo um ataque.
Vide como ele se arranha como para arrancar o mal
E rola os olhos injetados de sangue e range os dentes,
E respira como se seu hálito fosse fumaça sufocante.
Vide! Agora ele deveria estar morto, mas não morrerá
Até que a praga tenha acabado com ele,

Matando os nervos que morrem antes que a vida se esvaia;
Então, quando seus músculos estiverem rompidos pela agonia
E todos seus ossos perderem o sentido de dor
A praga terá terminado e irá parar em outro lugar.

Oh, Senhor! Não é bom segurá-lo assim!
O mal pode passar e atingir até mesmo a vós.
Mas o Príncipe falou, ainda confortando o homem,
E existem outros, existem muitos assim?
Ou poderia acontecer comigo o que está acontecendo com ele agora?
Grande Senhor!, respondeu o cocheiro, isto sucede
Sob muitas formas a todos os homens; aflições e feridas,
Enfermidades e doenças de pele, paralisias, lepra,
Calor febril, disenteria, perda de sangue, pústulas
Acontecem com todos e entram em toda parte.
Tais doenças chegam de modo imperceptível?, perguntou o Príncipe.
E Channa disse: Vêm como a serpente astuta
Que pica sem ser vista; como o tigre listrado assassino,
Que espera para saltar da moita de Karunda,
Escondendo-se ao lado do caminho da floresta; ou como
O raio, atingindo uns e poupando outros,
Segundo a sorte.

Então todos os homens vivem com medo? Vivem sim, príncipe!
E ninguém pode dizer: Eu durmo feliz e saudável esta noite e
acordarei assim?

Ninguém diz isso.

E o fim de muitas dores,
Que chegam despercebidas e virão quando quiserem,
É isto a velhice, um corpo aquebrado e uma mente triste?
Sim, se os homens durarem tanto.
Mas se não conseguirem suportar as agonias,
Ou se não aguentarem e buscarem um termo;
Ou se suportarem e ficarem, como este homem,
Fraco demais exceto pelos seus gemidos e ainda assim viverem,
E envelhecendo, ficarem mais velhos, depois como termina?
Eles morrem, Príncipe.

Morrem?

Sim, por fim chega a morte,
De qualquer que seja a maneira, qualquer que seja a hora.
Algumas poucas pessoas envelhecem, a maioria sofre e adocece,
Mas todos devem morrer observai, de onde vem a Morte!

Então Siddharta levanta os olhos e vê,
Andando rapidamente em direção à margem do rio,
Um grupo de pessoas a se lamentar; à frente alguém que sacudia
Uma tigela de barro cheia de brasas, atrás
Os parentes de cabeça raspada, com sinais de luto, sem cinta,
Chorando em voz alta: Oh Rama, Rama, ouvi!
Rogai a Rama, irmãos. Próximo, estava o ataúde,
Feito de quatro varas de bambus entrelaçadas,
Sobre o qual jaz o morto, rígido e duro, os pés voltados para frente,
emaciado,
Abatido, sem visão, com os flancos ociosos, inexpressivo,
Salpicado de poeira vermelha e amarela
A quem nas encruzilhadas colocavam com a cabeça virada para frente,
E gritando: Rama, Rama! carregaram-no
Até onde uma pira fora construída ao lado do rio;
Sobre ela o puseram, cobrindo-o de gravetos
Um bom sonho tem aquele que dorme nesse tipo de cama!
Ele não vai acordar por causa do frio embora esteja deitado,
Totalmente nu pois logo atearam
Fogo nos quatro cantos e ele crepitava,
E lambia e bruxuleava, encontrando sua carne,
Devorando-a com rápidas línguas sibilantes,
E estalidos de pele tostada e a ruptura de juntas;
Até que a espessa fumaça se rarefez e as cinzas afundaram
Vermelhas e cinzentas, aqui e ali com um osso branco
Em meio ao cinza o que restou do homem.

Então o Príncipe perguntou: este é o fim reservado a todos os que vivem?

Este é o fim que está reservado a todos,

Respondeu Channa; aquele sobre a pira
Cujos restos são tão insignificantes
Que os corvos crocitam avidamente,
Depois desistem do festim infrutífero
Comeu, bebeu, riu, amou e viveu e gostava muito da vida.
Então sobreveio quem sabe? alguma rajada de vento da floresta,
Um passo em falso no caminho, água poluída,
Uma picada de serpente, meio palmo de um punhal,
Um resfriado, uma espinha de peixe ou uma telha que caiu,
E acabou a vida e o homem está morto.
Não tem apetite, nem prazeres, e nem dores
Tal homem; o beijo em seus lábios é nada,
O calor do fogo nada é; ele não sente o odor de sua carne tostada, Nem
sequer o sândalo e o incenso
Que queimam; o paladar lhe abandona a boca,
Seus ouvidos não ouvem, seus olhos não veem;
Aqueles a quem amava lamentam desolados,
Pois até mesmo isso deve ir,
O corpo, que era uma lamparina para a vida,
Ou os vermes farão um horrível festim com o corpo.
Aqui está o destino e a pira acesa
Tal é o ciclo do homem.

Então Siddharta voltou os olhos para céu.
Nas quais brilhavam lágrimas divinas,
E logo para a terra, inundado de celeste piedade;
Contemplou o céu e a terra, a terra e o céu,
Como se seu espírito buscasse, em um voo solitário,
Alguma visão distante, ligando uma a outra,
Visão perdida e desaparecida
Porém que podia ser encontrada de novo.
Ele então gritou, enquanto seu semblante voltado para o alto
Brilhava com a compaixão abrasadora de um amor
Inexprimível, o ardor de uma esperança
Infinita, insaciável: Oh! mundo sofredor,
Oh! conhecidos e desconhecidos da minha raça humana comum,
Presos nesta rede comum de morte, aflição,

E vida que prende a todos! Eu vejo e sinto
A vastidão da agonia terrestre,
A futilidade de suas alegrias, o escárnio
De tudo que tem de melhor, a angústia do que tem de pior;
Já que os prazeres terminam em dor, a juventude em velhice,
O amor em perda, a vida em morte odiosa,
E a morte em vidas desconhecidas, que irão apenas prender
Os homens à roda novamente para dar o giro
De falsos deleites e aflições reais.
Também a mim este engodo iludiu; assim parecia
Ser ótimo viver e a vida um córrego banhado pelo sol,
Para sempre fluindo numa paz imutável;
Enquanto a tola ondulação da correnteza
Dança tão levemente passando pela flor e pela relva,
Apenas para despejar suas ondas de cristal mais rapidamente
No mar salgado e sujo.
O véu que me cegava
Está rasgado! Sou como todos estes homens
Que invocam seus deuses e que não são ouvidos
Ou a quem não se dá atenção contudo deve haver auxílio!
Para eles, para mim e para todos deve haver auxílio!
Talvez os próprios deuses precisem de ajuda,
Sendo tão fracos que quando lábios tristes choram,
Eles não conseguem salvar! Eu não deixaria chorar ninguém
A quem pudesse salvar!
Como é possível que Brahma
Iria criar um mundo e mantê-lo miserável,
Já que, se todo-poderoso, ele deixa o mundo assim,
Ele não é bom e se não é poderoso,
Ele não é Deus! Channa! Voltemos para casa novamente!
Basta! Meus olhos já viram bastante!
E quando o Rei ouviu falar sobre isso, ele colocou nos portões
Uma tripla guarda e ordenou que nenhum homem deveria passar
Fosse dia ou noite, saindo ou entrando,
Até que decorresse o número de dias correspondentes àquele sonho.

¹ *Nullahs* - leite de um rio. (N.E.)

² Planta da família do manjeriço. (N.E.)

- [3](#) O Deus Sol. (N.E.)
- [4](#) Viva! Viva! (N.E.)
- [5](#) Deus do firmamento, rei dos deuses siderais. Uma divindade védica. (N.E.)
- [6](#) A Lua. (N.E.)
- [7](#) Moços de cordel. (N. E.)
- [8](#) Vaso de terra e cobre. (N. E.)
- [9](#) Uma das quatro castas hindus, a saber: *Shudra*, *Vaishya*, *Kshatryia*, Brâmane (N. E.)
- [10](#) Vasos de cobre. (N.E.)

Livro 4

Mas quando transcorreu o número de dias profetizado, então ocorreu
A partida de nosso Senhor como deveria acontecer e
Isso provocou lamento na Casa Dourada,
Preocupação do Rei e dor por toda a terra;
Mas para a libertação de todos os seres, a Lei
Para quem a ouve, esta mesma Lei o libertará.

Suavemente, a noite indiana desce sobre as planícies,
Na lua cheia do mês de Chaitra Shud¹,
Quando as mangas ficam vermelhas e as asoka² florescem,
Suavizam a brisa, e aproxima-se a data do aniversário de Rama;
E todos os campos e todas as cidades ficam contentes.
Suavemente, a noite desceu sobre Vishramvan,
Fragrante com as flores e enfeitada de estrelas,
Refrescada com a brisa das montanhas que suspirava
Das plataformas de neve das elevadas extensões do Himalaia;
Pois a lua balançava-se acima dos picos situados a leste,
Galgando a abóbada reluzente e iluminando
As ondulações do Rohini e as colinas e as planícies
E toda a terra adormecida e prateando os telhados da
Casa do prazer, que estava próxima,
Onde nada se mexia nem havia sinal de vigilância,
Exceto nos portões externos, cujos vigias gritavam:
Mudra (a senha) e *Angana* (a contra-senha),
E os tambores vigilantes rufavam a troca da guarda;
Pelo que a terra permanecia silenciosa, exceto pelo uivo
Dos chacais à espreita e o trinado incessante
Dos grilos nos jardins.

No interior

Onde a lua reluzia através das pedras entrelaçadas em passamanaria,
Iluminando as paredes de madrepérola e os pisos
Pavimentados com mármore raiado ela suavemente fazia incidir seus raios
Sobre tão rara comitiva de moças indianas, que
Parecia algum doce aposento no paraíso,
Onde descansavam as *Devys*³. Lá estavam todas as escolhidas

Da casa do prazer do Príncipe Siddharta,
As mais alegres e as mais fiéis da Corte,
A forma de cada uma tão graciosa a dormir pacificamente,
Que se poderia dizer: De todas esta é a pérola!
Só que ao lado dela ou além jaziam
Jovens cada uma mais bela que a outra, até que o olhar prazeroso
Perambulava por sobre aquele festim de beleza, como perambula
De pedra preciosa a pedra preciosa de algum grande trabalho de
ourivesaria,

Preso por cada uma das cores até visualizar a próxima.
Deitadas com graça descuidada, os macios membros morenos
Em parte ocultos e em parte revelados; seus cabelos brilhantes
Presos na parte posterior com ouro ou flores, ou balançando
Livramento em negras nuvens pelas nuças e pescoços bem-formados.

Dormiam embaladas por sonhos agradáveis, fruto da feliz labuta,
Tão fatigadas quanto pássaros ornamentais,
Que cantam e amam o dia inteiro, e que depois dobram a cabeça
Sob as asas até que a manhã lhes convide a cantar e a amar novamente.
Lamparinas de prata chanfrada balançavam no teto,
Presas por correntes de prata, abastecidas com óleos perfumados e
Compunham, com os raios da lua, luzes e sombras suaves,
Onde se viam as formas perfeitas e graciosas,
O plácido elevar-se dos seios, as palmas das mãos suavemente tingidas
Caídas ou entrelaçadas, os rostos belos e morenos,
As grandes sobrelhas arqueadas, os lábios separados,
Os dentes como pérolas de um colar,
Os olhos com pálpebras acetinadas, com os cílios baixos
Perscrutando as delicadas bochechas, os punhos arredondados,
Os pés suaves e pequenos adornados com guizos e braceletes,
Tinindo uma música baixa quando se mexesse alguma jovem adormecida,
Interrompendo seu sonho sorridente de alguma nova dança
Exaltada pelo Príncipe, para encontrar algum anel mágico,
Algum presente encantado para seu amor.
Aqui está deitada uma das moças totalmente esticada,
Sua vina próxima ao rosto,
Os dedos pequeninos ainda entrelaçados às cordas

Como quando as últimas notas de sua leve canção levaram
Aqueles olhos radiantes a dormir com os olhos cerrados.
Outra dormitava segurando nos braços
Uma gazela do deserto, com uma cabeça esbelta e chifres negros curvados
para trás
Aninhada confortavelmente entre seus seios
Comendo rosas vermelhas, quando a jovem e a gazela adormeceram,
Tendo a jovem, na mão entreaberta uma rosa comida pela metade,
Enquanto uma pétala pendia ainda dos lábios da gazela.
As duas amigas adormeceram juntas
Vestindo grinaldas de môngra, que unia
A sua doçura fraternal numa cadeia estrelada,
Estreitando seus membros e corações,
Uma deitada sobre as flores
E a outra recostada sobre a próxima
Outra, antes de dormir, colocava pedraria num fio
Para fazer um colar: ágata, ônix, sárdio,
Coral e selenito; em seu punho brilhava a pulseira,
Com cores esplêndidas, enquanto ela segurava
A pedra turquesa verde, talhada com deuses dourados,
Que finalizaria a pulseira.
Embaladas pela cadência do córrego do jardim,
Deitavam-se elas sobre os tapetes empilhados,
Cada uma como uma rosa em botão, com folhas fechadas,
Esperando pela aurora para se abrir e embelezar a manhã.
Esta era a antecâmara do Príncipe;
Mas na franja do *purdah* dormiam as mais doces
Gunga e Gotami auxiliares principais
Naquela tranquila casa do amor.

O *purdah*, carmesim e azul, bordado com fios de ouro, pendia,
Através de um portal entalhado em sândalo,
De onde três degraus levavam ao leito nupcial,
Colocado sobre um estrado suave com tecidos prateados,
Onde o pé afundava como se pisasse sobre pilhas
De flores de *neem*. Todas as paredes eram lâminas de pérolas,
Cortadas simetricamente das conchas das ondas do Lanka⁴;

E sobre o teto de alabastro, corriam
Ricas marchetarias de lótus e de pássaros,
Habilidosamente elaboradas em lazulita e jade,
Jacinto e jaspe; trançadas em torno do domo,
E caindo pelas laterais e em volta das estruturas
Onde estavam colocadas as gelosias ornadas,
Através das quais se respirava,
Com a luz da lua e com a brisa fresca,
Os perfumes das flores em forma de concha
E os borrifos de jasmim;
Não havia aí graça ou ternura mais doce
Que aquela que fluía daquelas formosas presenças
No interior do local o belo Príncipe Sakya ,
E ela, a imponente, radiante Yasodhara .

Quase de pé em seu ninho macio ao lado dele,
O *chuddar*⁵ caído na cintura, a fronte repousada
Nas palmas das mãos, recostada a adorável
Princesa Com o peito erguido e lágrimas que caíam em abundância.
Três vezes ela tocou com os lábios as mãos de Siddharta,
E ao terceiro beijo gemeu: Despertai, meu Senhor!
Dai-me o conforto de vossa palavra! Então ele disse:
O que há contigo, Oh minha vida?, mas ainda assim
Ela gemeu novamente antes que lhe surgissem palavras.
Depois falou: Ai de mim, meu Príncipe! Deitei-me para dormir
Muito feliz, pois vosso bebê que carrego comigo
Agitou-se esta noite e no meu coração bateu
Aquele duplo pulsar de vida e de alegria e de amor,
Cuja música feliz embalava-me, mas ai de mim!
No sono tive três visões apavorantes,
Que só em pensar o meu coração ainda está batendo fortemente.
Vi um touro branco com chifres largos,
Um senhor dos pastos, caminhando pelas ruas,
Levando na testa uma pedra preciosa que brilhava
Como se alguma estrela tivesse caído para aí reluzir,
Ou como a pedra *kantha* que a grande Serpente guarda
Para produzir nos subterrâneos da terra uma luz brilhante como a luz do

dia.

Lentamente caminhava ele pelas ruas em direção aos portões,

E ninguém conseguia detê-lo, embora surgisse uma voz

Do templo de Indra: Se não o parardes,

A glória da cidade irá terminar.

Contudo ninguém era capaz de pará-lo. Então chorei em voz alta,

E coloquei meus braços em torno de seu pescoço e me esforcei,

Ordenando que bloqueassem os portões; mas aquele touro rei rugiu,

Libertando sua crina facilmente,

Livrou-se do meu abraço e, rompendo as barreiras,

Pisoteou os guardas e foi-se embora.

O outro sonho estranho foi este: Quatro Presenças

Esplêndidas, com olhos brilhantes, tão belas

Que pareciam os Regentes da Terra que residem

No Monte Sumeru, descendo do céu

Com uma comitiva de incontáveis seres celestes,

Rapidamente lançaram-se sobre nossa cidade, onde eu vi

A bandeira dourada de Indra sobre o portão

Tremular e cair; e vide! No lugar dela surgiu

Um estandarte glorioso, cujas dobras

Ondulavam com o fogo cintilante de rubis

Firmemente costurados nos fios de prata, cujos raios

Anunciavam palavras novas e sentenças importantes,

Cuja mensagem alegrava todas as criaturas vivas;

E do leste soprou o vento do sol nascente

Com rajada suave, abrindo aqueles rolos de pergaminhos adornados de
joias

Para que todos pudessem ler; e flores magníficas

Colhidas não sei em que clima caíam em abundância,

Coloridas com cores desconhecidas em nossos bosques.

Então falou o Príncipe: Tudo isso, minha Flor de Lótus!

Foi bom de ser visto.

Oh, Senhor, disse a Princesa,

Só que terminava com uma voz amedrontadora

Gritando: É chegada a hora! É chegada a hora!
Com o que veio o terceiro sonho; pois quando vos procurei
Do vosso lado, doce Senhor! ah, sobre nossa cama havia
Um travesseiro não amassado e um roupão vazio
Nada vosso, apenas essas coisas! nada vosso,
Que sois minha vida e minha luz, meu rei, meu mundo!
E ainda dormindo levantei e dormindo vi
Vosso cinturão de pérolas, amarrado aqui sob meus seios,
Transformar-se numa cobra venenosa; as argolas dos meus tornozelos
Caíram, meus braceletes dourados partiram e caíram;
Os jasmims de meu cabelo murcharam até virar pó;
Enquanto este nosso divã nupcial afundava no chão,
E alguma coisa rasgou o *pardah* carmesim;
Então a distância ouvi o touro branco mugir,
E ao longe o estandarte bordado agitar-se,
E mais uma vez aquele grito: É chegada a hora!
Mas com aquele grito que ainda abala meu espírito
Despertei! Ó Príncipe! O que poderão significar tais visões
A não ser a minha morte ou pior do que qualquer morte
Vós me abandonares ou ser levado?

Siddharta pousou sobre sua esposa aflita um olhar doce
Com os últimos raios do Sol poente e disse:
Consola-te, querida!, disse ele. Se o consolo vive
No amor imutável; muito embora os teus sonhos possam ser
Sombras de coisas que irão acontecer, e embora os deuses
Sejam sacudidos em seus tronos, e embora o mundo
Esteja próximo, por acaso, de conhecer alguma maneira de auxílio,
Contudo, o que quer que aconteça a ti e a mim,
Estejas certa de que amei, amo e amarei Yasodhara .
Sabes como tenho meditado há muitos meses, há muito tempo,
Buscando salvar a triste terra que vi;
E quando a hora chegar, o que tiver de ser, será.
Mas se minha alma muito almeja por almas desconhecidas,
E se me aflijo por dores que não são minhas,
Julga como meus elevados pensamentos devem pairar por aqui,
Por sobre todas estas vidas que participam da minha e que a adoçam

E me são tão caras! A tua é a mais querida, a mais gentil, a melhor,
E a mais próxima. Ah, tu que és mãe do meu filho!
Cujos corpos uniu-se ao meu por esta bela esperança,
Quando na maioria das vezes meu espírito vagueia,
Percorrendo terras e mares tão cheio de pesar pelos homens
Como a pomba que voa ao longe está repleta de ternura
Por seus dois filhotes e volta sempre ao lar
Voando alegre e com as plumas cheias de paixão,
Assim voltarei a ti,
Tu que és a mais encantadora da minha espécie,
A mais perfeita, a mais terna e que és mais minha que todas as coisas.
Portanto, o que quer que aconteça depois,
Pense naquele senhor touro que berrou,
Naquele estandarte enfeitado que em teu sonho ondulava,
Suas dobras agitando-se, e tem certeza disto,
Sempre te amei e sempre te amarei,
E o que busquei para todos, busquei mais para ti.
Mas tu tens coragem; e, se a dor sobrevier,
Consola-te ainda pensando que pode haver
Um modo de se chegar à paz na terra, graças às nossas aflições;
E recebe neste abraço toda a gratidão
Que um amor fiel pode expressar
E todas as bênçãos que podes imaginar
Pouco demais, vendo que o forte eu do amor é fraco
Apesar disso beija-me na boca e bebe estas palavras
De coração a coração também, para que possais saber
O que outros não saberão que eu te amava mais
Porque também amava tanto todas as almas vivas.
Agora, Princesa! Descanse, pois vou me levantar e vigiar.

Então chorosa ela dormiu, mas dormindo suspirou
Como se aquela visão lhe chegasse novamente.
É chegada, é chegada a hora!
Quando então Siddharta voltou-se,
Ah! A lua brilhou na constelação de Câncer!
E ouvi as mesmas palavras: As estrelas prateadas,
Naquela mesma disposição há muito prevista,

Estavam enfileiradas para dizer: Esta é a noite!
Escolhei o caminho da grandeza ou o caminho da bondade
Para reinar como o Rei dos reis ou vaguear sozinho,
Sem coroa e sem lar, para que o mundo seja auxiliado.
Além disso, com os sussurros da escuridão,
Chegou novamente aos seus ouvidos aquela canção que era um aviso,
Como quando os Devas falaram por meio do vento;
E certamente os deuses estavam ao redor do local,
Observando nosso Senhor, que contemplava as estrelas brilhantes.

Partirei, disse ele, É chegada a hora!
Teus lábios macios, querida adormecida, chamam-me
Ao que deve ser feito para salvar a Terra, mas que nos separa;
E no silêncio do céu longínquo, leio meu destino
Em letras de fogo reluzentes. Para isso
Eu logro o fim para o qual me encaminho a tantos dias e noites;
Pois não quero aquela coroa
Que pode ser minha; ponho de lado esses reinos
Que aguardam o lampejo da minha espada nua;
Minha carruagem não irá rodar com rodas ensanguentadas
De vitória em vitória, até que a terra
Vista o registro do meu nome manchado de sangue. Prefiro
Trilhar os caminhos da terra com pés pacientes, imaculados,
Fazendo de sua poeira o meu leito, de seus resíduos mais solitários
Minha morada, e de suas coisas mais ignóbeis, minhas companheiras;
Vestido com roupa não mais suntuosa do que a usada pelos párias⁶,
Sem outro alimento senão o que as pessoas caridosas
Derem-me de boa vontade, abrigado sem pompa maior
Do que a oferecida pelas escuras cavernas ou pelas moitas da floresta.
Isso farei porque o grito angustiada da vida
E de todos os seres vivos chega aos meus ouvidos
E toda a minha alma está repleta
De piedade para com as doenças deste mundo;
Que irei curar, se a cura puder ser encontrada,
Pela mais completa renúncia e pela mais forte contenda.
Pois qual de todos os deuses maiores e menores
Tem poder ou piedade? Quem os viu quem?

O que eles fizeram para auxiliar seus adoradores?
De que serve ao homem orar e pagar
Pequenos impostos sobre o milho e o óleo, cantar as fórmulas mágicas,
Matar a presa sacrificial que berra, construir
O imponente santuário, alimentar os sacerdotes e apelar para
Vishnu, Shiva, Surya, que não salvam ninguém
Nem aqueles que têm valor das aflições que levam a
Essas ladainhas de adulação e temor,
Ascendendo dia a dia, como fumaça desperdiçada?
Por meio dessas coisas escapou algum dos meus irmãos
Das cinzas da vida, das armadilhas do amor e da perda,
Da febre ardente e do ataque de malária,
Do afundamento lento, preguiçoso na velhice,
Da horrível morte negra e daquilo que espera Além
Até que a roda que gira surja novamente,
E que novas vidas tragam novas dores a serem suportadas,
Novas gerações para novos desejos
Que terminam nas antigas desilusões?

Será que alguma de minhas ternas irmãs conseguiu extrair resultado do
jejum
ou dos hinos ou conseguiu reduzir as dores do parto
Com a oferenda de coalhada branca e folhas de *tulsi*?
O fruto do jejum e de seus hinos,
Não; pode ser que alguns deuses sejam bons
E outros ruins, mas todos são fracos na ação;
Piedosos e impiedosos, e tal como os homens
Presos a esta roda da vida,
Tendo conhecimento das vidas anteriores e posteriores.
Pois assim nossas escrituras parecem verdadeiramente ensinar,
Que outrora, onde quer que, e quando quer que tenha começado
A vida segue seu curso, elevando-se
De partícula e mosquito, verme, réptil e peixe,
Pássaro e animal de pelo, homem, demônio, *deva*, deus,
A chão e partícula novamente; assim, somos parentes
De tudo que existe; e assim, se se pudesse salvar o
O homem de sua maldição, todo o mundo deveria partilhar

O horror aliviado desta ignorância,
Cuja sombra é o gélido medo e a crueldade
Seu amargo passatempo. Sim, se alguém pudesse salvar!
E meios deve haver! Deve haver refúgio! Os homens
Pereciam com os ventos do inverno até que alguém obteve fogo,
Batendo pederneiras que escondiam friamente o que continham,
A centelha vermelha incandescente como tesouro obtido do sol.
Devoravam carne como lobos, até que alguém plantou milho,
Que crescia como erva daninha e contudo alimenta a vida do homem;
Faziam caretas e balbuciavam até que alguma língua produziu a fala,
E dedos pacientes deram forma de letras ao som.
Que bons dons têm meus irmãos, que não tenham vindo
Da busca e da luta e do adorável sacrifício?

Se alguém, então, sendo grande e afortunado,
Rico, dotado de saúde e bem-estar, destinado desde o nascimento
A governar se governar quisesse um Rei dos reis;
Se alguém, não cansado com o extenso dia da vida, mas contente
No frescor da manhã, alguém não saciado
Com os deliciosos festins amorosos, mas ainda faminto;
Se alguém não desgastado e enrugado, tristemente sábio,
Mas alegre na glória e na graça
Que se mescla com os males daqui, e livre para escolher
À vontade as coisas mais adoráveis da Terra; alguém mesmo como eu,
Que não sente dor, não sente falta, não se aflige, senão com as dores
Que não são minhas, a não ser pelo fato de eu ser homem;
Se alguém assim, tendo tanto para dar,
Tudo desse, sacrificando tudo por amor aos homens,
E a partir daí se esforçasse para buscar a verdade,
Extraindo o segredo da libertação,
Quer esse segredo espreite nos infernos ou se oculte nos céus,
Ou paire, incógnito, perto de tudo;
Certamente que por fim, ao longe, em algum tempo, em algum lugar,
O véu seria levantado para seus olhos que perscrutam profundamente,
A estrada abrir-se-ia para seus pés doloridos,
E seria conquistado aquilo por que ele perdeu o mundo,
E o Senhor da Morte poderia encontrá-lo como conquistador da morte.

Eu que tenho um reino a perder, farei isso,
Porque amo meu reino, porque meu coração bate
Com cada pulsação de todos os corações que sofrem,
Conhecidos e desconhecidos, estes que são meus
E aqueles que serão, um bilhão mais,
Salvos por esse sacrifício que agora ofereço.
Oh, estrelas que chamam! Oh, terra pesarosa!
Para ti e para os teus renuncio à minha juventude,
Meu trono, minhas alegrias, meus dias dourados, minhas noites,
Meu palácio feliz e teus braços, doce Rainha!
Mais difícil de abandonar do que tudo o mais!
Contudo a ti, também, eu salvarei, salvando esta terra;
E aquele que se mexe no interior de teu delicado ventre,
Meu filho, a flor oculta de nossos amores,
A quem se eu esperar para abençoar minha mente fracassará.
Esposa! Filho! Pai! e Povo! deveis partilhar
Um pouco a angústia desta hora,
Para que a luz possa surgir e todos aprenderem a Lei.
Agora estou determinado, e agora partirei,
Para jamais voltar até que aquilo que busco
Seja encontrado se valerem a pena a busca fervorosa e a luta.

Assim, com a testa ele lhe tocou os pés e se curvou,
O adeus de olhos afetuosos, inexprimível,
Sobre seu rosto adormecido, ainda umedecido pelas lágrimas;
E três vezes em volta da cama em reverência, como se fosse um altar, ele
andou

Com as mãos entrelaçadas sobre o coração que palpitava,
Pois jamais, disse ele, deitarei aqui novamente!
E três vezes fez menção de se ir, mas três vezes voltou,
Tão forte era a beleza dela, tão grande o seu amor.
Então, por sobre a cabeça puxando o manto, ele se voltou e
Levantou a ponta do *pardah*.

Ali descansava o adorável grupo das suas jovens indianas,
Num sono tão profundo como o fazem os lírios aquáticos,
Aqueles botões de lótus gêmeos com pétalas escuras

Gunga e Gotami estavam em ambos os lados,
E além, suas irmãs de folhas sedosas.
Agradáveis sois comigo, doces amigas!, disse ele,
E é duro partir; contudo se não vos deixo,
O que mais poderá suceder a todos nós,
Salvo a velhice sem alívio e a morte sem proveito?
Vide! Como dormis, assim deveis fazer
Ao morrer. E quando morre a rosa, para onde vão
Seu aroma e esplendor? Quando a lamparina não tem mais azeite,
Para onde foge a chama? Pressione bastante, Noite!
As pálpebras fechadas dessas pessoas e sele seus lábios,
Para que nenhuma lágrima e nenhuma voz fiel me façam permanecer,
Por mais alegre que essas jovens tenham tornado minha vida,
Tanto mais triste será se elas e eu,
E todos, devêssemos viver como árvores suportando a primavera,
Chuvas e mais chuvas, geadas, invernos,
E depois folhas mortas, provavelmente mais uma vez a primavera,
Ou machadadas na raiz. Isso eu não quero,
Eu, cuja vida aqui foi a de um deus! isto eu não quereria,
Embora todos os meus dias fossem divinos, enquanto os homens
Lamentam-se nas trevas. Portanto adeus, amigas!
Enquanto a vida for boa para dar, eu dou, e parto
Em busca da libertação e daquela Luz desconhecida!

Então, pisando levemente onde as jovens dormiam,
Siddharta entrou pela noite; seus olhos,
As estrelas vigilantes, miravam-no amorosamente; sua respiração,
O vento errante, beijou a borda esvoaçante de seu roupão;
As flores do jardim, dobradas durante a madrugada,
Abriram seus corações de veludo para soprar-lhe perfumes
De turíbulos rosa e púrpura; por sobre a terra,
Do Himalaia ao Mar da Índia,
Houve um estremecimento, como se a alma da terra que estava embaixo
Se agitasse com uma esperança desconhecida; e os livros sagrados
Que contam a história de nosso Senhor dizem, também,
Que esplêndidas músicas celestiais enchem o ar,
Oriundas de hostes e hostes de seres brilhantes, que se amontoavam

A leste e a oeste, clareando a noite;
Ao norte e ao sul, alegrando a região.
Também aqueles quatro terríveis Regentes da Terra,
Descendo até a soleira da porta, dois a dois
Com suas claras legiões de Invisíveis,
Armados de safira, prata, ouro, e pérola
Contemplavam de mãos juntas o Príncipe indiano, que permanecia de pé,
Com olhos lacrimosos voltados para as estrelas
E os lábios cerrados com propósito de amor prodigioso.
Então avançou ele para a escuridão e clamou:
Channa, acorde! E traga Kantaka!

O que desejais meu Senhor? respondeu o cocheiro
Lentamente levantando-se do lugar onde dormia ao lado do portão
Cavalgar à noite quando todos os caminhos estão escuros?

Fala baixo, disse Siddharta, e traz meu cavalo,
Pois é chegada a hora em que devo abandonar
Esta prisão dourada onde meu coração vive aprisionado,
Para encontrar a verdade, que doravante buscarei,
Por amor a todos os homens, até que seja encontrada.

Ah! querido Príncipe, respondeu o cocheiro,
Então de nada valeu o que disseram aqueles homens sábios e sagrados
Que consultaram as estrelas e nos mandaram esperar a época
Quando o grande filho do Rei Suddhodana deveria governar
Reinos e reinos, e ser o Senhor dos senhores?
Por esta razão quereis cavalgar e permitir que o mundo com suas riquezas
Saia do vosso controle, para segurar uma tigela de mendigo?
Seguireis para o refugio inamistoso,
Vós que tendes aqui este Paraíso de prazeres?

O príncipe respondeu: Para isto eu vim,
E não para os tronos; o reino que anelo
É maior do que muitos reinos, e todas as coisas estão sujeitas
À mudança e à morte. Traze-me Kantaka!

Nobilíssimo, falou novamente o cocheiro,

Penseis na dor do meu Senhor vosso pai!
Penseis na angústia daqueles, de quem sois a felicidade
Como os ajudareis, arruinando-os em primeiro lugar?

Siddharta respondeu: Amigo, é falso o amor
Que se aferra ao amor por egoísticas satisfações amorosas.
Mas eu, que amo estas pessoas mais do que minhas alegrias
Sim, mais do que as alegrias delas parto para salvá-las,
A elas e a todos os homens, se prevalecer o amor mais elevado.
Vai, traz-me Kantaka!

Então Channa disse,
Mestre, eu vou! e assim, triste,
Dirigiu-se ao estábulo, e da prateleira
Pegou o conjunto de freio prateado e rédeas,
Atou as fivelas, os freios e amarrou firmemente as correias,
E conduziu Kantaka,
Penteou a crina do cavalo,
Alisando seu pelo nervoso, brilhante como seda.

A seguir colocou sobre o cavalo o *numdah*^Z quadrado,
Cobriu-a com a qualdrapa
Sobre a qual colocou a sela, apertou as cinchas incrustadas de pedras
preciosas,
Colocou as correias detrás e o coxote debaixo dos estribos de ouro
cinzelado,
E deixou pender ambos os estribos de ouro trabalhado.
Então por sobre tudo isso lançou uma rede dourada,
Com minúsculas borlas de pérolas e fios de seda,
E conduziu o grande animal até a porta do palácio,
Onde estava o Príncipe; mas quando viu seu Senhor,
O cavalo se alegrou e jovialmente relinchou,
Arregalando as narinas escarlates; e está escrito nos livros:
Certamente que todos teriam ouvido o relincho de Kantaka,
E aquele forte tropel de seus cascos de ferro,
Se os *Devas* não tivessem pousado suas asas invisíveis
Sobre os ouvidos das pessoas, impedindo quem dormia de ouvir.

Afetuosamente, Siddharta inclinou a cabeça do orgulhoso corcel,
Afagou o pescoço brilhante e disse: Fique quieto,
Kantaka! Fique quieto, e proporcione-me agora
A mais longa jornada que algum cavaleiro jamais tenha empreendido;
Pois esta noite vou a cavalo encontrar a verdade,
E onde minha busca irá terminar ainda não sei,
Exceto que não terá fim até que a tenha encontrado.
Portanto esta noite, bom cavalo, sê impetuoso e ousado!
Não permitas que nada te retarde, embora mil espadas
Bloqueiem a estrada! Não permitas que muralha, nem fosso
Impeçam nosso voo! Olha! Se eu tocar teu flanco
E gritar: Adiante, Kantaka! deixa para trás
Os redemoinhos! Seja fogo e ar, meu cavalo!
Seja útil a teu Senhor, para que partilhes com ele
A grandeza dessa ação que auxilia o mundo;
Pois por esta razão eu cavalgo, não apenas pelos homens,
Mas por todas as coisas que, mudas, partilham de nossa dor
E não têm esperança, nem sabedoria para pedir esperança.
Agora, portanto, conduze teu amo valorosamente!

Então, saltando agilmente para a cela,
Ele tocou a crina arqueada, e Kantaka saltou adiante
Com as ferraduras nas patas reluzindo nas pedras
E o tilintar do freio; mas ninguém ouviu aquele som,
Pois que os *Shuddha Devas*⁸, aproximando-se,
Colheram as flores vermelhas do *mohra* e as espalharam em quantidade
Onde ele pisava, enquanto mãos invisíveis
Abafavam o tilintar do freio e das correntes das rédeas.
Além disso, está escrito que quando chegaram
Ao pavimento próximo dos portões internos,
Os *Yakshas* do ar colocaram tecidos mágicos
Sob as patas do garanhão, de modo que ele seguiu
Suavemente e em silêncio

Mas quando chegaram ao tríplice portão de bronze
Que cem homens mal conseguiam
Destruir e abrir vide! As portas

Recuaram silenciosamente, embora se pudesse ouvir,
Durante o dia, a dois *koss* de distância, o estrondo trovejante
Daquelas dobradiças inflexíveis e das chapas volumosas.

Também os portões medianos e externos
Abriram silenciosamente seus respectivos portais imensos,
Quando Siddharta e seu cavalo se aproximavam;
Embora embaixo de suas sombras estivessem,
Silenciosos como mortos, todos aqueles guardas escolhidos
Lanças e espadas caídas, os escudos desatados,
Capitães e soldados pois na frente do caminho do Príncipe
Soprava um vento, mais entorpecedor
Do que o que sopra sobre os cemitérios de Malwa⁹, que ao ser inspirado,
Fazia desvanecer todos os sentidos; e assim ele saiu
Livramento do palácio.

Quando a estrela da manhã
Encontrava-se à distância de meia lança da borda oriental,
E sobre a terra suspirava o sopro da manhã
Encrespando as ondas do Anoma, o córrego fronteiro,
Então ele puxou a rédea, saltou para o chão, beijou
O branco Kantaka entre as orelhas e falou
Com toda doçura a Channa: Isto que fizeste
Irás trazer-te o bem e trará o bem a todas as criaturas.
Tenha certeza de que te amarei sempre pelo amor que a mim
demonstrastes.

Leva de volta meu cavalo e toma aqui o meu penacho de pérolas,
Minhas vestes de príncipe, que daqui por diante não me servem mais,
O cinto adornado de minha espada, minha espada e estas
Longas mechas cortadas da minha fronte
Com o lado afiado. Entrega tudo ao Rei e diz-lhe que
Siddharta pede para esquecê-lo até que ele volte
Dez vezes maior que um príncipe, com sabedoria real obtida
Das buscas solitárias e da luta para conseguir a luz;
O que, se eu conquistar, vide! toda a terra é minha
Minha à custa unicamente do meu serviço! diz-lhe minha pelo meu amor!
Já que somente no homem existe esperança para o homem,

E que ninguém tem procurado isso como eu procurarei,
Eu, que abandono o meu mundo para salvá-lo.

- [1](#) Período intermediário entre o fim de março e o início de abril. (N.E.)
- [2](#) Arbusto consagrado a Shiva. (N.E.)
- [3](#) Deusas (fem. de Deva). (N.E.)
- [4](#) Antiga ilha do Ceilão. (N.E.)
- [5](#) (Ind.) Xale. (N.E.)
- [6](#) É considerada a classe social mais inferior no sistema hindu de castas da Índia. (N.E.)
- [7](#) Tapete de seda. (N.E.)
- [8](#) Puros. Nome reservado às pessoas das castas superiores. (N.E.)
- [9](#) Província da Índia onde se cultivava a dormideira, que serve para a fabricação do ópio. (N.E.)

Livro 5

Em torno de Rajagriha, erguiam-se cinco belas montanhas,
Guardando a cidade florestal do Rei Bimbisara :
Baibhara, verde com capim-limão e palmeiras;
Bipulla, a cujos pés corre furtivamente o estreito
Sarsuti com ondas mornas; a sombreada Tapovan,
Cujos charcos vaporosos refletem as rochas negras, que gotejam
Um tipo de manteiga real de seus tetos enrugados;
A sudoeste Sailagiri, o pico dos abutres;
E a leste Ratnagiri, a colina das pedras preciosas.
Uma trilha sinuosa, pavimentada com lajes gastas de tanto serem pisadas,
Através de campos de açafão e tufos de bambu,
Sob mangueiras escuras e jujubas,
Próxima de filões de rocha branca como leite e rochedos de jaspe,
Penhascos baixos e baixios de flores silvestres, leva-te para onde
O dorso daquela montanha, inclinando-se para oeste,
Projeta-se sobre uma caverna coberta de figueiras selvagens.
Vê! Tu que chegas até aí, descalça os pés
E curva a cabeça! Pois toda essa terra espaçosa
Não possui um local mais querido e sagrado que este. Aqui
O senhor Buddha passava os verões escaldantes,
As chuvas torrenciais, as madrugadas e os crepúsculos frios,
Vestindo, por amor a todos os homens, o roupão amarelo,
Comendo, a maneira de mendigo, a parca refeição
Por acaso obtida de pessoas caridosas; à noite
Deitava-se na grama, ao relento, solitário, enquanto
Os agitados chacais uivavam em torno de sua caverna e
Os tigres famintos rugiam no bosque.
Dia e noite morou aqui o honrado pelo mundo,
Subjugando aquele corpo formoso, nascido para a bem-aventurança,
Com jejum e vigília frequentes e a busca intensa
Da meditação silenciosa, tão prolongada
Que muitas vezes enquanto ele refletia tão imóvel
Quanto a rocha fixa sobre a qual se sentava o esquilo pulava
Sobre seu joelho, a tímida codorna conduzia

Sua ninhada por entre seus pés e as pombas azuis picavam
Os grãos de arroz da tigela ao lado de sua mão.

Assim ele meditava do meio-dia quando a terra
Tremeluzia com o calor e as muralhas e os templos dançavam
No ar impiedoso até o pôr do sol, sem notar
O globo resplandecente
se deitar, nem a noite surgir, Roxa e rápida, através dos campos macios,
Nem a chegada silenciosa das estrelas, nem o rufar
Dos tambores na cidade movimentada, nem o pio
Da coruja e do bacurau; totalmente absorto
Em deslindar os fios de seus pensamentos
E em atravessar os labirintos da vida.
Assim sentava-se ele até que à meia-noite aquietava-se o mundo,
Exceto onde as feras das trevas rastejavam e
Urravam no matagal, como gritam o medo e o ódio,
Como rastejam a luxúria, a avareza e a raiva
Nas selvas negras da ignorância humana.
Depois ele dormia durante o tempo necessário para a lua veloz
Nadar numa décima parte do seu mar nublado;
Mas levantava-se antes da falsa aurora e se punha novamente de pé,
Atento, sobre alguma sombria plataforma de sua colina,
Contemplando a terra adormecida com olhos ardentes
E pensamentos que abraçavam todas as suas coisas vivas;
Enquanto sobre os campos ondulantes, movia-se aquele murmúrio
Que é o beijo da manhã despertando as terras,
E a leste aquele dia miraculoso
Tomava corpo e crescia: primeiramente um lusco-fusco tão fraco
Que a noite parece ainda não perceber o sussurro da aurora,
Mas logo antes do galo da floresta cantar duas vezes
Um limiar claro e branco, em expansão, brilhante,
Alto como a estrela do pastor, que esmaece nas torrentes
De prata, aquecendo-se até se transformar em ouro pálido,
Capturado pelas nuvens mais elevadas, flameja nas margens
Ao fervente brilho dourado, avermelhado desde as bordas
Com amarelo-laranja, escarlata, carmesim, ametista;
Quando o céu brilha com azul esplêndido,

E, vestido em traje de jubilosa luz, surge o Rei
Da Vida e da Glória!

Então, Nosso Senhor Buddha,
À maneira de um *Rishi*, saudou
O sol nascente e descia após as abluções
Através do caminho sinuoso até a cidade;
E tal como um *Rishi* passando
De rua em rua, com a tigela na mão,
Pegando o pequeno óbolo de suas necessidades.
Logo a tigela estava cheia, pois todos os homens da cidade gritavam:
Pegue de nosso alimento, grande Senhor! e Pegue do nosso!
Observando seu rosto divino e olhos absortos;
E as mães, quando viam passar nosso Senhor,
Mandavam seus filhos abaixar-se e beijar-lhe os pés,
E levantar a ponta do seu manto até suas testas, ou correr
Para encher sua jarra e buscar-lhe leite e bolos.
E muitas vezes, quando ele passava, gentil e lento,
Irradiando divina piedade, perdido em atenção
Para com aqueles que não conhecia, senão como seus semelhantes,
Os surpresos olhos negros de alguma garota indiana
Demoravam-se, em repentino amor e adoração profunda,
Sobre aquela forma majestosa, como se vissem realizarem-se
Seus sonhos de pensamentos mais ternos
E uma graça, sobrenatural, incendiar seu peito.
Mas ele seguia adiante com a tigela e o manto amarelo,
Retribuindo todos esses dons do coração com uma fala suave,
Retornando à solidão,
Para se sentar na sua colina com os homens santos,
E ouvir e perguntar a respeito da sabedoria
E das estradas que levam até ela.

A meio caminho dos calmos bosques de Ratnagiri,
Além da cidade, mas abaixo das cavernas,
Alojavam-se indivíduos que consideravam o corpo inimigo da alma,
E a carne uma fera que os homens devem acorrentar e domar
A duras penas, até que seja morto o sentido da dor,

E que os nervos torturados não mais atormentem os torturadores
*Yogis e Brahmacharis, Bhikshus*¹

Todo um bando esquelético e deplorável, residindo à parte.

Alguns dos quais permaneciam dia e noite com os braços levantados,
Até que sem sangue e definhados pela doença

As juntas que rapidamente se desgastavam e os membros endurecidos
Ressaltavam de ombros sem seiva como forquilhas mortas

Dos troncos da floresta. Outros entrelaçavam as mãos

Tanto tempo e com firmeza tão selvagem,

Que as unhas cresciam como garras e atravessavam a palma da mão
supurada.

Alguns caminhavam sobre sandálias guarnecidas com pregos;

Outros, com pedras afiadas cortavam profundamente

O peito, a testa e a coxa, marcavam estas partes com fogo,

Atravessavam a carne com espinhos silvestres e espetos,

Lambuzados com lama e cinzas, rastejantes, asquerosos,

Usando trapos retirados de cadáveres enrolados em volta dos quadris.

Havia alguns que habitavam os locais

Onde ardiam piras com defuntos, encolhidos e maculados,

Tendo como companhia cadáveres e gaviões,

Gritando à sua volta por sobre os restos funerais;

Alguns que gritavam quinhentas vezes por dia

O nome de Shiva, com serpentes enroladas

Em torno dos pescoços morenos e dos flancos encovados,

Um pé paralítico puxado contra a coxa.

Assim se reuniam, um grupo repugnante;

As cabeças cheias de pústulas por causa do calor escorchante, olhos turvos,

Tendões e músculos enrugados, semblantes

Cadavéricos e lânguidos como de homens assassinados, mortos há cinco
dias;

Aqui se agachava um na poeira e, sempre ao meio-dia,

Media mil grãos de painço,

Comia-os com paciência faminta, semente a semente,

E assim continuava a passar fome; ali alguém que amassava os grãos

Com folhas amargas para não satisfazer o paladar;

E próximo, um santo miserável autoflagelado,

Sem olhos e sem língua, sem sexo, aleijado, surdo;

Estando o corpo assim privado pela mente,
Para a glória de muito sofrimento e a bem-aventurança
Que obterão aqueles dizem os livros sagrados cuja desgraça
Envergonha os deuses que nos mandam os infortúnios
E que tornam os homens deuses,
Com mais força para sofrer do que o inferno para causar dano.

Observando-os com tristeza, falou nosso Senhor a um deles,
O chefe dos desolados: Muito sofrimento, Senhor!
Todas estas luas eu tenho morado na montanha
Eu que sou um buscador da Verdade e vejo
Meus irmãos aqui, e tu, tão piedosamente
Autoflagelado; por que juntais desgostos à vida
Que é tão má?

O sábio respondeu:
Está escrito que se o homem mortificar
A carne, até que a dor aumente em sua vida
E só reste a morte voluptuosa, tais aflições lançarão
Fora as impurezas dos pecados e a alma purificada
Voará da fornalha de suas dores,
Para as gloriosas esferas e esplendores inconcebíveis.

Aquela nuvem longínqua que flutua no céu, respondeu o Príncipe,
Entretecida como um tecido de ouro em volta do trono de Indra,
Elevou-se até ali do mar tempestuoso,
Mas deve cair novamente sob a forma de gotas lacrimosas,
Escoando através dos cursos d'água acidentados e dolorosos,
Através de fendas e ribeiros e da correnteza barrenta,
Até o Ganges e o mar, de onde veio.
Sabes, meu irmão, se não sucede o mesmo,
Depois de tanto sofrimento, aos santos que alcançaram a bem-
aventurança?
Já que tudo que se eleva cai e aquilo que se compra
Se gasta; e se comprares o céu com sangue
No difícil mercado do inferno, quando tiver terminado a barganha,
A labuta começa novamente!

Pode recomeçar,
Lamentou-se o eremita. Ai de mim! Não sabemos disto,
E não estamos seguros de nada mais; contudo após a noite
Surge o dia e após a tempestade a bonança e nós
Odiamos esta carne amaldiçoada que obstrui a alma,
Não permitindo que surja a alegria; assim, por amor à alma,
Apostamos breves agonias em jogos com os deuses
Para ganhar maiores alegrias.

Contudo disse ele se essas alegrias
Durarem miríades de anos, ou não,
Haverá então uma vida tão diferente
Que não irá mudar?

Duram para sempre, irmãos?
Não, disseram os *yogis*,
Somente o grande Brahman dura: os Deuses apenas vivem.

Então falou o Senhor Buddha: Ireis vós, sendo sábios,
Que pareceis seres sagrados e de coração forte,
Lançar estes dados doloridos, que são vossos gemidos e lamentos,
Para ganhar o que podem ser sonhos e que devem ter fim?
Ireis, por amor à alma, repugnar tanto vossa carne,
Flagelá-la e mutilá-la, que não servirá
Para conter o espírito, que busca o lar,
Mas afundar na trilha antes do anoitecer,
Como o cavalo disposto que é por demais esporado? Ireis tristes senhores,
Desmantelar e desmembrar esta bela casa,
Aonde viemos habitar devido a passados dolorosos;
Cujas janelas nos dão luz a pequenina luz,
Por meio da qual olhamos para fora para saber se a aurora
Irá despontar, e por onde serpenteia a melhor estrada?

Então exclamaram eles: Escolhemos isso como caminho
E o trilhamos, *Rajaputra*², até o fim
Embora todas suas pedras fossem fogo aos cuidados da morte.
Falai, se conhecerdes uma via melhor;
Caso negativo, que a paz esteja convosco!

Ele seguiu adiante,
Muitíssimo triste, vendo como os homens
Temem tanto morrer que temem ter medo,
Cobiçam tanto viver que não ousam amar suas vidas,
Porém, infestam-nas com penitências atrozes, provavelmente
Para satisfazer os deuses que invejam os prazeres dos homens;
Talvez para atrapalhar o inferno por meio de infernos autoalumiados;
E talvez numa santa loucura, esperando que a alma
Possa escapar mais facilmente de sua carne desgastada.
Oh! Florezinhas do campo! disse Siddharta,
Que virais vossas meigas faces para o sol
Felizes com a luz e gratas com o doce alento
Fragrante e vestidas com estes mantos de reverência
Prata, ouro e púrpura nenhuma de vós
Perde o perfeito viver, nenhuma de vós tira
Vossa beleza feliz. Oh! Palmeiras, que vos ergueis
Desejosas de perfurar o céu e beber o vento
Soprado do Himalaia e dos frescos mares azuis,
Que segredo conheceis que vos torna contentes,
Desde a época dos pequenos brotos à época de frutificar,
Murmurando canções ensolaradas de vossas copas emplumadas?
Vós, também, que viveis tão felizes nas árvores
Papagaios que voam com rapidez, papa-moscas, rouxinóis, pombas
Nenhum de vós odeia vossas vidas, nenhum de vós decide
Extenuar-se para melhorar por causa de necessidades precedentes!
Mas o homem, que vos mata sendo senhor é sábio,
E sabedoria nutrida com sangue se expressa
Sob a forma de autotormentos!

Enquanto o Mestre falava,
Soprou montanha abaixo a nuvem de poeira de um tropel,
Cabras brancas e ovelhas negras serpenteando lentamente o caminho,
Com muitos retardando a marcha para mordiscar as touceiras,
E desviando-se do caminho, onde a água cintilava
Ou pendiam figos selvagens. Mas sempre que se extraviavam
Os pastores gritavam ou com suas fundas lançavam pedras e mantinham

O simplório rebanho movendo-se silencioso para a planície.
No rebanho havia uma ovelha com dois cordeiros.
Alguma ferida aleijara um dos cordeiros, que ia ficando para trás
Sangrando, enquanto na frente seu irmão escapava,
E a mãe aflita corria daqui para ali,
Temerosa de perder este ou aquele pequenino;
Quando isso foi visto por nosso Senhor, com plena ternura,
Ele pegou o cordeiro manco e o colocou no pescoço,
Dizendo: Pobre mãe lanosa, fique em paz!
Aonde quer que vás cuidarei de tua cria;
Era tão fácil aliviar a dor de um animal
Quanto sentar-se e observar as dores do mundo,
Nas cavernas distantes com os sacerdotes oficiantes.

Mas, falou ele aos pastores, Para onde, amigos,
Levais o rebanho morro abaixo em pleno sol do meio-dia,
Já que é à noite que os homens recolhem suas ovelhas?

E os camponeses responderam: Mandaram-nos buscar
Cem cabras para um sacrifício
E cem ovelhas, que o Rei nosso Senhor
Imolará esta noite em veneração aos seus deuses³.

Então disse o mestre: Eu também irei.
E assim caminhou ele pacientemente, conduzindo o cordeiro
Ao lado dos pastores na poeira e sob o sol,
A atenta ovelha balindo baixinho a seus pés.

Quando chegaram à beira do rio, foram saudados por
Uma mulher de aspecto humilde, jovem, lacrimosa
E com as mãos elevadas que se curvando disse:
Senhor! Sois aquele que ontem
Teve piedade de mim aqui no bosque de figueiras,
Onde vivo só e criava meu filho; mas ele
Afastando-se por entre as flores encontrou uma serpente,
Que se enrolou no seu pulso, enquanto ele sorria
E mexia na rápida língua bífida e na boca aberta
Daquele frio companheiro de folguedo. Mas, ai de mim!

Logo ele ficou tão pálido e quieto e eu não conseguia imaginar
Por que ele parara de brincar e deixava meus seios
Caírem de sua boca. E alguém disse: Ele está envenenado;
Outro alguém disse: Ele vai morrer.
Mas eu, que não podia perder meu filho precioso,
Pedi-lhes remédio, que pudesse trazer a luz
De volta a seus olhos; era tão pequenina
A marca do beijo da serpente e eu acredito
Que ela não podia odiá-lo, gracioso como era ele,
Nem feri-lo em suas brincadeiras. E alguém disse:
Há um homem santo na colina
Vê! Lá vai ele passando com roupão amarelo
Pergunte ao *Rishi*⁴ se há cura
Para a doença do seu filho. Daí eu vim
Tremendo até vós, cujo semblante é semelhante ao de um deus,
E chorei e afastei o véu que cobria o rosto do meu bebê,
Rogando-vos que me dissésseis que remédio poderia ser eficaz.
E vós, grande Senhor, não me desprezastes, porém olhastes
Com olhos ternos e o tocastes com mão paciente;
Então cobristes novamente o rosto do bebê, dizendo-me:
Sim, irmãzinha, existe algo que poderia curar
Primeiramente a ti, depois a ele, se puderes encontrar;
Pois aqueles que buscam médicos levam
O que lhes é prescrito. Portanto, peço-te, para encontrar
Semente de mostarda negra, uma *tola*⁵; mas observe,
Não aceites de nenhuma mão ou de nenhuma casa
Onde pai, mãe, filho ou escravo tenha morrido;
Será bom se puderes encontrar tal semente.
Assim falastes meu Senhor!

O Mestre sorriu
Com extrema ternura. Sim, eu disse isso,
Querida *Kisagotami*! Porém, encontraste
A semente?

Eu fui, Senhor, apertando contra o peito
O bebê, que ficava mais frio, pedindo em cada choupana

Aqui na floresta e até a cidade
Eu vos peço a graça de me darem mostarda,
Uma *tola* preta; e quem tinha dava,
Pois todos os pobres são piedosos para com os pobres;
Mas quando eu perguntava: Na casa dos meus amigos aqui
Alguém por acaso morreu
Marido, esposa, filho, ou escravo? diziam:
Oh, irmã! O que você está perguntando? Os mortos
São muitos, e poucos os vivos!
E assim eu tristemente agradecia e devolvia a mostarda,
E pedia a outras pessoas; mas os outros diziam,
Aqui estão as sementes, mas perdemos nosso escravo.
Aqui estão as sementes, mas o dono da casa está morto!
Aqui estão algumas sementes, mas aquele que as semeou morreu
Entre o período das chuvas e o da colheita!
Ah, Senhor! Não consegui encontrar uma única casa
Onde houvesse semente de mostarda e ninguém tivesse morrido!
E assim eu deixei meu filho que não conseguia mamar
Nem sorrir sob as vinhas selvagens próximo do córrego,
Para estar face a face convosco e beijar vossos pés e perguntar
Onde eu poderia encontrar esta semente sem encontrar a morte,
Se agora, realmente, o meu bebê não estiver morto,
Como temo e como já me disseram.

Minha irmã! encontraste, disse o Mestre,
Buscando o que ninguém encontra aquele bálsamo amargo
Que eu tive que te ministrar. Aquele a quem amavas dormiu
O sono da morte no vosso peito ontem; hoje
Sabes que todo mundo chora com dor semelhante à tua;
A tristeza que todos os corações partilham pesa menos para cada um.
Vê! Eu derramaria meu sangue se com ele pudesse estancar
Tuas lágrimas e obter o segredo dessa maldição
Que transforma o doce amor em angústia e que,
Sobre flores e pastos, leva ao sacrifício
Como são levados estes animais mudos os homens seus senhores.
Eu busco esse segredo: sepulta teu filho!
Assim, entraram eles na cidade lado a lado,

Os pastores e o Príncipe, na hora em que o sol lentamente
Dourava a distante correnteza do Sona e lançava
Longas sombras rua abaixo e através do portão
Onde os homens do Rei vigiavam. Mas quando viram
Nosso Senhor carregando o cordeiro, os guardas recuaram,
As pessoas do mercado afastaram suas carroças,
No bazar compradores e vendedores pararam
A guerra de palavras para contemplar aquele rosto suave;
O ferreiro, com o martelo suspenso em sua mão,
Esqueceu de bater; o tecelão deixou o tear;
O escriba, o pergaminho; o cambista perdeu
A conta dos *cauris*; o arroz, que não era vigiado por ninguém,
Era comido livremente pelo touro branco de Shiva; o leite derramado
Corria sobre o *vaso de cobre* (*lota*) enquanto os ordenhadores observavam
A passagem de nosso Senhor movendo-se tão meigo,
E, no entanto, com tão bela majestade.
Mas a maioria das mulheres amontoando-se nas portas
Perguntavam: Quem é aquele que traz o sacrifício,
Tão gracioso e irradiando paz enquanto segue adiante?
Qual é sua casta? Por que motivo tem olhos tão doces?
Será um Sakra⁶ ou o *Devaraj*^Z?
E as outras diziam: É o homem sagrado
Que vive com os *Rishis* na colina.

Mas o Senhor caminhava absorto em sua meditação,
Pensando: Meu deus! Proteja todas as minhas ovelhas que
Não têm pastor; vagando na noite sem ninguém
Para guiá-las; balindo cegamente rumo à faca
Da Morte, como esses animais mudos que são seus parentes.

Então alguém disse ao Rei: Chegou aqui
Um santo eremita, trazendo o rebanho
Que ordenaste para coroar o sacrifício.

O Rei encontrava-se no saguão de oferendas.
De ambos os lados, Brâmanes com vestes brancas enfileirados
Entoavam mantras, ainda alimentando o fogo

Que crepitava sobre o altar mais ao centro. Ali
De madeiras aromáticas, chamejavam brilhantes línguas de fogo
Crepitando e retorcendo, enquanto lambiam as oferendas:
Manteiga, temperos e o suco de *soma*⁸,
Fazendo a alegria de Indra. Em torno da pira,
Um córrego lento, espesso, escarlata fumegava e corria,
Absorvido pela areia, mas sempre rolando morro abaixo,
O sangue de vítimas que baliavam. Uma dessas vítimas estava deitada,
Uma cabra pintada, de chifres longos, com a cabeça amarrada para trás
Com capim *munja*⁹; no seu pescoço esticado, a faca
Pressionada por um sacerdote, que murmurava: Isto, deuses temidos,
Provém de muitos *yajnas*¹⁰ como a coroa
Do Rei Bimbisara; deleite-se em ver o sangue vigoroso
E o aroma da succulenta carne meio tostada nas ardentes chamas.
Que os pecados do Rei sejam despejados sobre esta cabra,
E que o fogo os consuma.
Pois agora vou dar o golpe¹¹.

Mas Buddha disse suavemente:

Não permitais que ele golpeie, grande Rei! e então desatou
Os laços da vítima, sem que ninguém o detivesse, tão imponente
Era sua presença. Depois, pedindo licença, ele falou
Da vida, que todos podem tirar, mas que ninguém pode dar,
Vida, que todas as criaturas amam e que se esforçam por reter,
Maravilhosa, querida e agradável a todos,
Até ao mais torpe; sim, uma bênção para todos
Onde haja piedade, pois a piedade torna o mundo
Suave para o fraco e nobre para o forte.
Para os lábios mudos de seu rebanho, ele emprestou
Palavras tristes e suplicantes, mostrando como o homem,
Que reza aos deuses implorando misericórdia, é impiedoso,
Agindo como um deus para com essas vítimas; embora toda a vida
Esteja unida em parentesco e que os animais que matamos nos deram seu
Humilde tributo de leite e lã
E colocaram sua confiança nas mãos dos que os matam.

Ele também falou sobre o que os livros sagrados

Realmente ensinam, como na morte alguns afundam
Da ave ao quadrúpede, e estes se elevam até o homem
Nas perambulações da centelha que cresce e se torna uma chama
purificada.

Assim os sacrifícios seriam um novo pecado, se
A passagem predestinada de uma alma fosse assim interrompida.
Tampouco, disse ele, irá alguém purificar seu espírito
Com sangue; nem alegrar os deuses, sendo bom, com sangue;
Nem suborná-los, sendo mal; não, nem colocar,
Na testa de inocentes animais amarrados,
Um quase nada daquela resposta que todos devem dar
Por todas as coisas malfeitas ou feitas erradas,
Sós, cada um por si, reconhecendo com isso
A aritmética fixa do universo,
Para a qual o bem se paga com o bem e o mal com o mal,
Medida por medida, até ações, palavras, pensamentos;
Vigilante, perceptivo, implacável, impassível;
Tornando todos os futuros frutos de todos os passados.
Assim falou ele, murmurando palavras tão piedosas,
Com tão elevada dignidade de compaixão e justiça,
Que os sacerdotes afastaram-se, suas vestimentas nas mãos,
Tintas de sangue, e o Rei aproximou-se,
De mãos juntas, reverenciando Buddha;
Enquanto nosso Senhor ainda continuou, ensinando o quão bela
Seria a Terra, se todos os seres vivos fossem unidos
Pela amizade e o uso comum de alimentos
Puros e sem sangue; o grão dourado, frutas frescas,
Doces ervas que crescem para todos, as águas frescas,
Comida e bebida suficiente. O que, quando essas pessoas ouviram,
O poder da gentileza conquistou-as de tal modo, que
Os próprios sacerdotes desfizeram seu altar de chamas
E lançaram fora a faca do sacrifício.
E, no dia seguinte, por todo o reino, foi baixado um decreto
Proclamado pelos arautos e assim gravado
Sobre rochas e colunas: Tal é a vontade do Rei;
Tem havido carnificina para o sacrifício
E matança para se conseguir carne, mas daqui por diante ninguém

Derramará o sangue da vida, nem comerá carne,
Sabendo que o conhecimento cresce e que a vida é una,
E que a misericórdia chega ao misericordioso.
Assim dizia o édito e, daqueles dias em diante,
Uma doce paz espalhou-se entre todas as espécies vivas,
O homem e os animais que lhe servem e os pássaros,
Em todas as margens do Ganges, onde nosso Senhor
Ensinou com Santa piedade e doce linguagem.

Sempre tão piedoso era o coração do Mestre
Para todos que respiram este alento passageiro de vida,
Subjugados numa solidariedade de alegrias e dores,
Está escrito, com efeito, nos livros santos
Quando Buddha viveu como Brâmane, morando na rocha
Chamada Munda, próximo da aldeia de Dalidd
A seca desolou toda a terra; o arroz novo morria,
Um sol tórrido sugava os charcos; gramíneas e ervas
Adoeciam e todas as criaturas das florestas fugiam,
Vagando em busca de sustento. Nesse momento,
Entre as muralhas quentes de um *nullah*, estirada
Sobre as rochas quentes, nosso Senhor viu, enquanto passava,
Uma tigresa morrendo de fome. A fome brilhava nos seus olhos
Com chama verde; sua língua seca pendia um palmo
Além das mandíbulas ofegantes e da papada murcha;
Sua pele pintada pendia enrugada sobre as costelas,
Como quando entre os espigões afunda uma palha
Apodrecida pelas chuvas; e pendurados nas pobres tetas
Dois filhotes, choramingando de fome, puxavam e sugavam,
Mascando as tetas sem leite que nada ofereciam,
Enquanto ela, a esquelética mãe, lambia com pleno sentido de maternidade
Os dois barulhentos gêmeos, oferecendo-lhes o flanco
Com um gemido na garganta e o amor mais forte que o desejo,
Sufocando o primeiro daquele rugido selvagem,
Deitou o focinho faminto na areia
E urrou um selvagem apelo de aflição.
Vendo tão amarga angústia e não se importando com nada,
Exceto a imensa compaixão de um Buddha,

Nosso Senhor pensou: Não existe outra maneira
De ajudar esta assassina das florestas senão uma.
Ao pôr do sol, eles irão morrer, sem carne para comer;
Nenhuma alma viva terá pena dela,
Sedenta de voracidade, magra por falta de sangue.
Pois bem! Se eu a alimentar, quem perderá senão eu;
E como pode o amor perder, tratando com amor os de sua espécie,
Até mesmo ao limite extremo? Assim falando, Buddha
Silenciosamente pôs de lado as sandálias e o bastão,
Seu cordão sagrado¹², o turbante, a roupa e avançou,
Saindo de trás de uma touceira para a areia,
Dizendo: Oh, mãe, eis aqui alimento para ti!
Ao que o animal, que estava para morrer, deu um uivo rouco e agudo,
Saltou de onde estavam os filhotes, e, lançando à terra
Aquela vítima desejosa, fez dela um festim,
Com garras curvas como adagas,
Rasgando-lhe a carne, e todas as suas presas amarelas
Banharam-se no seu sangue; o hálito quente do grande gato
Misturou-se com o último suspiro de um amor tão destemido.

Tal era o tamanho do coração do Mestre há muito tempo,
Não apenas agora, quando com sua graciosa compaixão
Ordenou que se parasse a cruel adoração dos deuses.
E o Rei Bimbisara muito pediu a nosso Senhor
Ao saber a respeito de seu nascimento real e de sua santa busca
Para permanecer naquela cidade, dizendo frequentemente:
Vossa condição principesca pode não suportar tais jejuns;
Vossas mãos foram feitas para os cetros, não para esmolas.
Permaneça comigo, que não tenho filhos para governar,
E ensinaí sabedoria no meu reino, até que eu morra,
Vivendo no meu palácio com uma bela noiva.
Mas sempre falava Siddharta, com firme determinação:
Essas coisas eu possuía, nobre Rei e as deixei,
Em busca da Verdade; que ainda busco e continuarei a buscar;
Sem me deter, embora o palácio de Sakra tenha aberto
Suas portas perlíferas e os *Devis* me quisessem persuadir a entrar.
Vou construir o Reino da Lei,

Viajando até Gaya e as sombras de sua floresta,
Onde, como imagino, a luz chegará a mim;
Pois de modo algum aqui entre os *Rishis* chega
Essa luz, nem dos *Shastras*¹³, nem dos jejuns
Suportados até que o corpo desmaie, posto a morrer de fome pela alma.
Contudo existe a luz a ser alcançada e a verdade a conquistar;
E certamente, ó amigo verdadeiro, se eu alcançar
Retornarei e retribuirei vosso amor.

Por causa disso,
O Rei Bimbisara deu três voltas em torno do Príncipe,
Curvando-se reverentemente aos pés do Mestre,
E pediu-lhe para se apressar. E assim seguiu nosso Senhor
Rumo à Urvilva, ainda não confortado,
Com rosto pálido e fraco, com a busca que já durava seis anos.
Mas aqueles sobre a colina e no bosque
Alara, Udra, e os cinco ascetas
O tinham apoiado, dizendo que tudo estava claramente escrito
Nos santos *Shastras*, e que ninguém conseguiria elevar-se
Mais do que *Sruti* e *Smriti*¹⁴ não,
Nem os grandes santos! pois como poderia o homem mortal
Ser mais sábio do que o *Jñāna-Kāṇḍa*¹⁵, que diz
Como Brahma é sem corpo e sem ação,
Sem paixão, calmo, indefinível, imutável,
Vida pura, pensamento puro, pura alegria! Ou como poderia o homem
Ser melhor do que o *Kṛma-Kāṇḍa*¹⁶, que mostra
Como ele pode despojar-se da paixão e da ação,
Libertar-se da escravidão do eu e, assim, desimpedido,
Ser Deus, e fundir-se na vasta divindade,
Voando do falso para o verdadeiro, das guerras dos sentidos
Para a paz eterna, onde mora o silêncio?
Porém, o príncipe os ouviu sem contudo encontrar consolo.

Tu que gostarias de ver onde a luz finalmente raiou, segue
Para noroeste dos Mil Jardins,
Próximo ao vale do Ganges, até que teus passos estejam
Sobre as colinas verdes, onde surgem aqueles dois córregos gêmeos

Nilajan e Mohana ; segue-os,
Serpeando por sob as *mahúa* de folhas largas,
Em meio aos bosques de *sansçr* e de *bir*,

- [1](#) *Yogis* são os praticantes do *Yoga*, *bramacharia* é um asceta e *bhikshu* é quem tem um voto monástico. (N.E.)
- [2](#) Filho de rajá. (N.E.)
- [4](#) *Rishi* - Sábio. (N.E.)
- [5](#) Peso de uma rúpia, isto é, aproximadamente 8 gramas. (N.E.)
- [6](#) Ser imaterial, aparição. (N.E.)
- [7](#) (Sânc.) Rei dos deuses: Indra. (N.E.),
- [8](#) Bebida sagrada produzida com o sumo da planta de mesmo nome, usada nos templos para provocar êxtase. (N.E.)
- [9](#) Erva muito comum na Índia, usada para a fabricação de cordas. (N.E.)
- [10](#) Holocaustos. (N.E.)
- [11](#) As imagens do autor estão mais relacionadas com o Antigo Testamento (holocausto, oferendas de animais) do que com o contexto indiano, onde o vegetarianismo e respeito a vida dos animais era o habitual. (N.E.)
- [12](#) Cordão composto de três fios de algodão trançado e que só é usado por indivíduos das castas superiores. (N.E.)
- [13](#) *Shastras* são comentários aos textos sagrados. (N.E.)
- [14](#) *Shruti* é a tradição sagrada recebida por revelação. Os *Vedas* são a tradição, ao contrário de *Smriti*. (N.E.)
- [15](#) (Sânc.) A parte esotérica dos *Vedas* (N.E.)
- [16](#) (Sânc.) Livro com os ritos e as cerimônias exotéricas dos *Vedas*. (N.E.) 93

Livro 6

Até onde na planície, os irmãos brilhantes se encontram,
No leito do Phalgú, fluindo próximo a margens rochosas
Até Gaya e as vermelhas colinas Barabar.
Ao lado desse rio, estende-se uma tormentosa terra inculta,
Uruwelaya, nome recebido em tempos antigos,
Entremeada de dunas; nos seus arredores uma floresta
Agita penachos verdes cor do mar e borlas que apontam para o céu,
Com vegetação rasteira subterrânea, através da qual uma silenciosa
torrente
sorradeira, salpicada com flores de lótus, azuis e brancas,
E povoada de peixes rápidos e tartarugas.
Perto daí fica a pacífica aldeia de Senani , construída com
Tetos de palha, situada em meio a palmeiras,
Com pessoas simples e trabalhos pastoris.

Lá, mais uma vez, na solidão da floresta,
Vivia o Senhor Buddha, refletindo sobre as aflições dos homens,
Os caminhos do destino, as doutrinas dos livros,
As lições das criaturas dos matos,
Os segredos do silêncio de onde tudo provém,
Os segredos da escuridão para onde tudo vai,
A vida que jaz entre ambos, como aquele arco retesado
De nuvem a nuvem através do céu, que tem
Névoa e pilastras de vapor como alvenaria,
Desvanecendo-se no vazio novamente, o qual era tão belo
Com matizes safira, granada e crisópraso.
Lua após lua, Nosso Senhor sentava-se na floresta,
Meditando tanto sobre estas coisas que esquecia
Muitas vezes a hora de alimentar-se, levantando-se após pensamentos
Que se prolongavam além do nascer do sol e do meio-dia
Para ver a tigela vazia e comer forçosamente
Os frutos silvestres caídos dos galhos acima de sua cabeça,
Sacudidos pelos macacos palradores ou arrancados
Pelo periquito roxo. Por causa disso, sua graça estiolava-se

Seu corpo, gasto pela tensão da alma,
Perdia dia a dia as trinta e duas marcas distintivas do Buddha
Mal se poderia dizer que aquela folha,
Caindo tão seca e murcha, a seus pés,
Apresentava alguma semelhança
Com o suave verdor da primavera
Do que ele que era
A flor principesca de todo o seu reino.

E certa vez, num momento assim, o extenuado Príncipe
Caiu ao chão num desmaio mortal, completamente esgotado,
Parecendo alguém assassinado, que não consegue mais respirar,
Em quem o sangue já não circula; tão pálido estava,
Tão imóvel. Mas, por aquele caminho, passava
Um jovem pastor que viu Siddharta caído,
Com as pálpebras cerradas, com linhas de dor inomináveis
A contrair-lhe os lábios, o escaldante sol do meio-dia
Incidindo sobre sua cabeça;
Arrancando galhos de jambeiro rosa,
O pastor teceu com eles um abrigo espesso
Para sombrear o rosto sagrado.
Ele também despejou nos lábios do Mestre
Gotas de leite morno, pressionados de seu odre de pele de cabra,
Para que, sendo de casta inferior, não cometesse erro com alguém de
aparência
Tão elevada e santificada. Mas os livros
Contam como os ramos de jambeiro, assim plantados,
Rapidamente brotaram com vida e com riqueza de folhas e flores,
E frutos brilhantes entrelaçados e próximos,
De modo que o bosque parecia uma tenda de seda armada
Para um rei, uma casa, enfeitada com cravos,
Trabalhados em prata e botões de ouro vermelho.
E o jovem o adorou, considerando-o algum Deus;
Mas Nosso Senhor, recobrando os sentidos, levantou-se e pediu
O leite que estava na *lota* do pastor Ah, meu Senhor,
Não vos posso dar, disse o rapaz,
Vedes que sou um *Shudra* e o meu contato desonra!

Então o honrado pelo mundo falou: A compaixão e a necessidade
Tornam todos irmãos. Não existe casta no sangue,
Que corre com uma única tonalidade; nem nas lágrimas,
Que vertem sal em todos; nem nasce o homem
Com a marca *tilka* estampada na testa,
Nem o fio sagrado no pescoço. Quem pratica boas ações
Ressuscita e quem pratica más ações é vil.
Dê-me de beber meu irmão; quando eu
Terminar minha busca, será bom para ti.
Com isso alegrou-se o coração do camponês e ele lhe deu a bebida.

E num outro dia, passou por aquela estrada
Um grupo de garotas enfeitadas, as dançarinas de *nautch*¹.
Do templo de Indra, situado na cidade, acompanhadas dos
Músicos um que tocava o tambor
Com penas de pavão engastadas ao redor, um que soprava
O sibilante *bánsuli*² e um que dedilhava
Uma cítara de três cordas. Elas saltitavam alegremente
De um lado ao outro e através dos caminhos axadrezados,
Dirigiam-se a alguma festa alegre; os guizos de prata
Repicando suavemente em torno dos pequenos pés morenos,

Braceletes e pulseiras respondendo com sons agudos;
Enquanto aquele que levava a cítara dedilhava e vibrava
As cordas de cobre, aquela que estava a seu lado cantava:

*Agradável torna-se a dança quando a cítara está afinada;
Afine a cítara para nós, nem alto nem baixo,
E arrebataremos os corações dos homens.
A corda esticada demais se rompe e a música voa,
A corda frouxa demais é muda e a música morre;
Afine a cítara para nós, nem alto nem baixo.*

Assim cantava a dançarina do *nautch* ao som do fole e das cordas,
Esvoaçando, como vaidosa borboleta pintada,
De um lado ao outro ao longo do caminho da floresta,
Sem pensar que as palavras alegres ecoavam no ouvido

Dele, aquele homem santo, que se sentava tão enlevado
Sob a figueira à beira do caminho. Mas Buddha
Levantou sua larga frente quando os brincalhões passaram,
E disse: Os tolos frequentemente ensinam ao sábio;
Eu estico demais a corda da vida,
Querendo, talvez, compor música tal que sirva para salvar.
Meus olhos estão turvos agora que veem a verdade,
A minha força está gasta agora quando dela mais preciso;
Gostaria de receber tanta ajuda quanto o homem deve ter,
Pois morrerei, eu, cuja vida era a esperança de todos os homens.

Ora, próximo daquele rio, vivia um proprietário de terras,
Piedoso e rico, senhor de muitos rebanhos,
Um benfeitor, amigo de todos os pobres;
E a aldeia adotou o nome de sua casa
Senani. Alegre e em paz vivia ele,
Tendo por esposa Sujata , a mais adorável
De todas as filhas de olhos negros da planície;
Delicada e sincera, simples e gentil era ela,
De nobre conduta, com fala graciosa para com todos
E feições alegres uma pérola de dignidade feminina
Vivendo anos tranquilos de felicidade doméstica,
Ao lado do seu amo naquele pacífico lar indiano,
Embora nenhum filho varão tivesse abençoado o amor devotado de ambos.
Por isso, com muitas preces, ela suplicara a
Lakshmi³ e passara muitas noites de lua cheia andando
Em volta do grande Lingam⁴, nove vezes nove, com presentes
De arroz, grinaldas de jasmim e óleo de sândalo,
Rezando por um filho; Sujata jurou também
Que se isso acontecesse uma oferenda de alimento
Ao Deus da Floresta, abundante, delicada,
Seria colocada numa tigela de ouro sob sua árvore,

De tal modo que os lábios dos *Devas* pudessem saboreá-lo.
E assim aconteceu; pois lhe nasceu
Um belo menino, agora com três meses de idade, deitado
Entre os seios de Sujata , enquanto ela caminhava,

Com passos agradecidos, até o santuário do Deus da Floresta,
Um braço segurando o *sari* carmesim
Próximo suficiente para envolver o bebê, joia de suas alegrias,
O outro levantado graciosamente em curva
Para manter firme sobre a cabeça a tigela e a travessa
Que continham os delicados alimentos para o Deus.

Mas Radha, enviada antes para varrer o chão
E amarrar os fios escarlates em torno da árvore,
Chegou ansiosa, gritando: Oh, querida Senhora! Olhe!
Lá está o Deus da Floresta sentado em seu lugar,
Visível, com as mãos dobradas sobre os joelhos.
Veja como brilha a luz em volta de sua testa!
Como parece suave e grande, com olhos divinos!
Boa sorte é encontrar assim os deuses.

Assim achando-o divino Sujata aproximou-se
Tremendo, beijou o chão e disse,
Inclinando o doce rosto: Será que o Santo Ser
Que habita seu bosque, Dispensador do bem,
Misericordioso para comigo sua criada,
Concedendo agora sua presença, poderia aceitar
Estes pobres presentes de coalhada branca cor de neve, fresca,
Feita com leite branco como o marfim recém-esculpido?
Dizendo isso, ela despejou dentro da tigela de ouro
A coalhada e o leite, e nas mãos de Buddha pingou
Perfume (*attar*) de uma vasilha de cristal
Destilado do âmago de rosas; e ele comeu,
Sem nada dizer, enquanto a alegre mãe permanecia
Reverentemente à parte. Mas a virtude daquela refeição
Foi tão maravilhosa que nosso Senhor
Sentiu que a força e a vida retornavam, como se as noites
De vigília e os dias de jejum tivessem passado
Sob a forma de sonho, como se espírito e carne
Compartilhassem daquela ótima refeição
E tivessem as asas novamente emplumadas,
Como algum pássaro maravilhado com súbitas correntes da água,

Fatigado de voar por sobre infinitas planícies de areia,
Para banhar pescoço e cabeça e livrar-se da poeira do deserto.
E mais ainda adorou Sujata , vendo nosso Senhor
Tornar-se mais saudável e seu semblante mais claro:
Sois realmente o Deus? perguntou ela em voz baixa,

E o meu presente foi recebido com louvor?
Mas, disse o Buddha,
O que é isso que me trazes?

Santo Ser!

Respondeu Sujata , de nossos rebanhos colhi
Leite de cem vacas recém-paridas,
E com esse leite alimentei cinquenta vacas brancas,
E com o leite dessas vacas alimentei vinte e cinco e depois
Com o leite dessas alimentei doze e novamente com o leite dessas,
As seis mais nobres e melhores de todos os nossos rebanhos.
O produto final ferveu com sândalo e temperos finos
Em *lotas* de prata, juntando arroz, bem maduro,
De sementes escolhidas, plantadas em terreno recém-preparado,
Colhido de tal maneira que cada grão fosse como uma pérola.
Fiz isso com sinceridade, porque jurei,
Sob vossa árvore, que se desse à luz um menino,
Faria uma oferenda pela minha alegria e agora
Tenho meu filho e toda a minha vida é bem-aventurança!
Suavemente, baixou Nosso Senhor o tecido carmesim,
E, pousando sobre a pequenina cabeça aquelas mãos
Que auxiliam o mundo, disse: Longa seja tua bem-aventurança!
E para ele seja leve o fardo da vida!
Pois ajudaste a mim que não sou Deus,
Mas apenas um irmão teu; antes um Príncipe
E agora um andarilho, buscando noite e dia,
Nestes seis anos difíceis, aquela luz que brilha em algum lugar,
Para iluminar as trevas de todos os homens, se eles apenas soubessem!
E vou encontrar a luz; sim, agora que ela raiou
Gloriosa e útil, quando minha carne fraca desfaleceu
E este alimento puro, querida irmã, extraído de inúmeras vidas,
Para estimular a vida,

À medida que a própria vida passa por muitos nascimentos
Até atingir alturas mais felizes e eliminar os pecados.
Contudo consideras de fato suficientemente doce
Apenas viver? Podem a vida e o amor satisfazer?

Sujata respondeu: Adorável! Meu coração é pequeno
E um pouco de chuva, que mal umedece o campo,
Enche o copo do lírio.
Para mim basta sentir o sol da vida
Brilhar sobre a graça do meu amo
E o sorriso do meu bebê,
Constituindo o adorável verão de nosso lar.
Alegremente, passo meus dias atarefada com trabalhos de casa,
Desde o amanhecer quando desperto para louvar os deuses,
Oferecer os grãos, queimar a planta *tulsi*,
E mandar as servas cumprirem suas tarefas, até o meio-dia
Quando meu amo deita sua cabeça sobre meu colo,
Acalentado por suaves canções e o balançar do leque;
E assim até a hora da ceia no quieto anoitecer,
Quando permaneço a seu lado e sirvo os bolos.
Então as estrelas acendem suas lâmpadas de prata para o sono,
Após as obrigações no templo e a conversa com os amigos.
Como não estaria feliz, tão abençoada,
E tendo dele este menino cuja mão pequenina
Irá levar sua alma até o *Svarga*⁵, se necessário for?
Pois os livros sagrados ensinam quando um homem deve plantar
Árvores para fazer sombra aos viajantes, cavar um poço
Para o conforto das pessoas e gerar um filho;
E isso será bom para tal homem após sua morte;
E o que dizem os livros, eu aceito humildemente,
Não sendo mais sábia do que aqueles grandes seres de antigamente
Que conversavam com os deuses e conheciam os hinos e os
encantamentos,
E todos os caminhos da virtude e da paz.
E também acredito que o bem deve vir do bem,
E o mal do mal para todos, em todos os lugares e a qualquer tempo
Assim como o fruto doce cresce de raízes saudáveis

E as coisas amargas de produtos envenenados,
A malevolência alimenta o ódio,
A gentileza cria amigos,
A paciência a paz,
Mesmo enquanto vivemos; e quando é chegada a hora de morrer
Não haverá um Então tão bom quanto um Agora?
Felizmente muito melhor! Uma vez que um grão de arroz
Dá origem a uma pena verde enfeitada com cinquenta pérolas,
E todas as estreladas flores dos champaks brancos e dourados,
Escondem-se naqueles botões primaveris pequeninos, nus, cinzentos.
Ah, Senhor! Sei que poderia haver aflições a suportar
Que prostrariam a afetuosa Paciência afundando-se no pó;
Se este meu bebê morresse primeiro, acredito que meu coração se
Despedaçaria eu quase desejo que meu coração se despedace!
Para que eu pudesse segurá-lo morto e esperar o meu amo
Em qualquer dos mundos que abrigam esposas fiéis,
Obedientes, cuidando até que chegasse sua hora.
Mas se a morte chamasse Senáni, eu subiria
Na pira e colocaria sua cabeça querida no meu colo,
Como faço diariamente, regozijando quando o archote
Acendesse a rápida chama e fizesse subir a fumaça asfixiante.
Pois está escrito que se uma esposa indiana
Morrer dessa maneira, seu amor dará à alma de seu marido,
Para cada fio de cabelo em sua cabeça, um *crore*
De anos no *Svarga*. Por isso eu não temo.
E, portanto, Santo Senhor! Minha vida é alegre,
De modo algum esquecendo ainda aquelas outras vidas
Dolorosas e pobres, perniciosas e miseráveis,
Às quais os deuses concedem piedade! Mas quanto a mim,
O bem que vejo procuro humildemente praticar,
E viver obediente à Lei, acreditando que
O que tiver de vir, deve vir e será bem-vindo.

Então falou Nosso Senhor: Tu ensinas àqueles que ensinam,
Mais sábia que a sabedoria em teu simples saber.
Sê contente por não saber, conhecendo assim
Teu caminho de retidão e dever; cresce, ó flor

Com tua doce espécie na sombra pacífica a luz
Da Verdade do pleno meio-dia não é para as folhas tenras
Que devem espalhar-se sob outros sóis e elevar
Em vidas futuras uma copa coroada ao céu.
Tu que me adoraste, eu te adoro!
Coração excelente! Inconscientemente erudita,
Como o é a pomba que voa para casa por amor.
Em ti se vê por que há esperança para o homem
E onde retemos a roda da vida à vontade.
Que a paz esteja contigo e conforto todos os teus dias!
Como realizaste tua obra, possa eu realizar a minha!
Aquele que pensaste ser um Deus ordena que assim desejes.

Que possais realizar vossa obra, disse ela, com olhos sinceros
Voltados para o bebê, que elevava as mãozinhas
Para o Buddha sabendo, talvez, como o sabem as criancinhas,
Mais do que imaginamos e reverenciando Nosso Senhor;
Porém ele se levantou fortalecido com o alimento puro
E direcionou seus passos para onde havia uma grande Árvore,
A Árvore *Bodhi*⁶ (que a partir daí por todos os anos
Jamais desapareceria e seria sempre mantida
Como homenagem do mundo), sob cujas folhas
Estava determinado que a verdade viesse ao Buddha;
O que agora era sabido do Mestre; pelo que ele seguiu
Com passos medidos, firmes, majestosos,
Para a Árvore da Sabedoria. Oh, Mundos!
Regozijai! Nosso Senhor dirigiu-se para a Árvore!

A quem quando passou para a ampla sombra,
Protegida com hastes que pendiam em forma de colunas, tendo por copa
Abóbadas de verde brilhante a terra consciente
Adorou com a relva a balançar e o súbito brotar
De flores em torno de seus pés. Os ramos da floresta
Curvaram-se para fazer sombra sobre ele; do rio
Suspiravam frescas rajadas de vento, carregadas com perfume de lótus,
Sopradas pelos deuses aquáticos. Grandes olhos espantados
Das criaturas da floresta panteras, javalis, e gamos

Em paz naquela noite, contemplavam sua face benigna
Das cavernas e das moitas. De sua fria fenda serpenteou
A mortífera cobra matizada, erguendo sua cabeça
Em honra de Nosso Senhor; alegres borboletas
Batiam asas, azuis, verdes e douradas,
Para abaná-lo; o feroz gavião largou
A presa e guinchou; o esquilo listrado corria
De um tronco a outro para vê-lo; o pássaro tecelão
Gorgeou à beira de seu ninho movediço;
O lagarto correu; o *koil* cantou seu hino;
As pombas reuniram-se ao seu redor;
Mesmo os répteis estavam atentos e contentes.
As vozes da terra e do ar uniram-se numa canção,
Que chegando aos ouvidos dos que ouvem, dizia: Senhor e Amigo!
Amado e Salvador! Vós que subjugastes
A ira e o orgulho, os desejos, os temores e as dúvidas,
Vós que a cada um e a todos vos doastes,
Chegai até a Árvore! O triste mundo vos glorifica
Vós que sois o Buddha que irá amenizar suas aflições.
Aproximai-vos, Aclamado e Honrado! Fazeis vosso último esforço por
nós,
Rei e grande Conquistador! Vossa hora soou;
Esta é a noite há eras esperada!

Então caiu a noite, enquanto nosso Mestre sentava-se
Sob aquela Árvore. Mas o Príncipe das Trevas, Mara
Sabendo que este era o Buddha
Que deve libertar os homens e que agora era a hora
Em que ele deveria encontrar a Verdade e salvar os mundos
Liberou todos os poderes do mal.
Então surgiram em grande massa, vindos dos poços mais profundos,
Os demônios que fazem guerra à Sabedoria e à Luz,
Arati, Trishna, Raga, e seu séquito
De paixões, horrores, ignorância, luxúrias,
Filhos da escuridão e do horror; todos odiando o Buddha,
Buscando abalar sua mente; ninguém, nem mesmo os mais sábios,
Souberam como aqueles demônios do inferno

Lutaram naquela noite para afastar a Verdade do Buddha:
Às vezes com os terrores da tempestade, explosões
De exércitos de demônios turvando todo o vento,
Com trovões e com raios ofuscantes arremessados, em forma de
Dardos denteados cheios de ira,
Dos céus estridentes; às vezes com ardis e palavras
Que soavam bem, faziam surgir em meio ao sussurro das folhas e os ares
macios,
Sombras de sedutora beleza; canções libertinas,
Sussurros de amor; às vezes com fascinações majestosas
Ofereciam-lhe poder; às vezes com dúvidas zombeteiras,
Banalizavam a verdade. Mas se estas coisas aconteciam
No exterior e eram visíveis, ou se o Buddha
Lutava com os espíritos caídos no mais recôndito do seu coração,
Julgueis vós: eu escrevo o que os livros antigos escreveram.

Vieram os dez Pecados principais os mais poderosos de Mara,
Anjos do mal primeiramente Attavada,
O Pecado do eu, que no Universo
Como num espelho vê refletida sua face afetuosa,
E gritando eu gostaria que o mundo gritasse eu,
E todas as coisas perecessem se ele durasse.
Se sois o Buddha, disse ele, deixa os outros tatearem
Nas trevas; basta que vós sejais Vós
De modo imutável; levantai-vos e tomai a bem-aventurança dos deuses
Que não mudam, que não se incomodam, que não se esforçam.
Mas o Buddha falou,
O certo em ti é vil, o errado uma maldição;
Engana aqueles que amam a si próprios. Depois veio a pálida Dúvida,
Aquele que nega o pecado zombeteiro e esta
Sibilou no ouvido do Mestre: Todas as coisas são exhibições,
E é inútil o conhecimento de sua inutilidade;
Buscais apenas vossa própria sombra;
Levantai-vos e ide-vos daqui, não existe maneira melhor
Do que o escárnio paciente, nem auxílio algum para o homem,
Nem como deter a roda giratória.
Mas observou Nosso Senhor: Nada tens a ver comigo,

Falsa Visikitcha⁷, mais sutil dos inimigos do homem.
Em terceiro veio aquela que concede às crenças trevosas o poder que têm,
Silabbat-paramasa , feiticeira,
Que em muitas terras veste a bela roupagem da fé inferior
Mas sempre iludindo as almas com ritos e orações;
Guardiã das chaves que trancam os Infernos
E que abrem os Céus. Ousareis, disse ela,
Pôr de lado nossos livros sagrados, destronar nossos deuses,
Esvaziar todos os templos, abalando
Aquela lei que alimenta os sacerdotes e sustenta os reinos?
Mas o Buddha respondeu: O que me pedes para guardar
É a forma que passa, mas a Verdade livre permanece;
Vai para tuas trevas. A seguir aproximou-se
De maneira galante um Tentador mais valente, ele,
Kama , o Rei das paixões, que exerce influência
Sobre os próprios deuses, senhor de todos os amores,
Regente do reino dos Prazeres. Rindo ele se aproximou
Da Árvore, portando seu arco de ouro
Entrelaçado com flores vermelhas e flechas de desejo,
Cujas pontas são como cinco delicadas línguas flamejantes
Que picam o coração; golpeiam mais forte que o espinho envenenado.
E à sua volta achegavam-se até aquele local abandonado
Grupos de formas brilhantes com olhos e lábios celestiais,
Cantando com palavras amorosas a glória do Amor,
Ao som de doces cordas invisíveis,
Tão encantadoras, que parecia que a noite parara
Para ouvi-las, e as estrelas e a lua que as escutavam,
Pararam em suas órbitas, enquanto elas entoavam hinos ao Buddha
Sobre deleites perdidos, e como um homem mortal,
Não encontra nada mais precioso nos três vastos mundos
Do que a concessão de carinhosos e perfumados seios
De beleza e rosados botões,
Os rubis do amor; e não toca nada mais elevado
Do que aquela doce harmonia de forma
Vista nas linhas e nos encantos de indizível graça
Contudo falando, de alma para alma,

Possuída pelo sangue que une, adorada pela vontade
Que salta para arrebatá-la, sabendo que isso é o melhor,
Este é o verdadeiro céu onde os mortais são como deuses,
Construtores e Mestres, este é o dom dos dons
Sempre renovado e que vale milhares de tribulações.
Pois quem se afligiu quando braços suaves abraçaram-no com segurança,
E toda vida derreteu-se num feliz suspiro,
E o mundo inteiro foi oferecido num quente beijo?

Eis o que cantavam elas⁸ com o suave flutuar de mãos que
acenavam,

Olhos acesos com as chamas do amor, sorrisos tentadores;
Em dança delicada, seus quadris flexíveis e seus membros
Mostrando-se e se escondendo como botões abertos
Que revelam a cor, mas ainda ocultam seus corações.
Jamais graça tão incomparável deliciou os olhos,
À medida que grupo após grupo destas dançarinas da noite aproximavam-
se

Da Árvore, cada uma mais graciosa que a anterior,
Murmurando: Ó grande Siddharta! Eu sou vossa,
Sintais o gosto de minha boca e vide se a juventude é doce!
Assim, quando nada abalava a mente de nosso Mestre,
Kama brandiu seu arco mágico e vide!
O grupo de dançarinas afastou-se, e uma forma,
A mais bela e a mais imponente do grupo aproximou-se
Disfarçada na doce Yasodhara .
Terna parecia a paixão daqueles olhos escuros
Marejados de lágrimas; ansiosos aqueles braços
Estendidos para ele; aquele lamento musical
Com que a bela sombra chamou seu nome,
Suspirando: Meu Príncipe! Morro pela falta que sinto de vós!
Que céu encontrastes semelhante ao que conhecemos
Ao lado do claro Rohini na casa de Prazeres,
Onde todos estes anos enfadonhos eu choro por vós?
Voltai Siddharta! Ah, voltai!
Tocai meus lábios novamente, deixai que eu me achege a vosso peito
Mais uma vez, e estes sonhos infrutíferos irão terminar!

Ah, olhai! Não sou aquela a quem amais? Mas o Buddha disse:
Pelo doce amor àquela que assim representas
Bela e falsa Sombra, tua representação é inútil;
Eu não amaldiçoo a ti, que usas uma forma tão querida,
Contudo tal como és, são todas as representações terrenas.
Volta ao vazio de onde vieste! Nisso um grito
Vibrou através do bosque e toda aquela horda graciosa
Desvaneceu-se com bruxuleantes línguas de fogo e rastros vaporosos.

A seguir, sob o céu que escurecia
E o barulho da tempestade que se avolumava,
Vieram pecados mais aterradores:
O último dos dez, *Patigha* o Ódio
Com serpentes enroscadas em torno de sua cintura,
Que sugavam leite envenenado de ambas as suas mamas suspensas
E suas maldições misturavam-se ao irado sibilar das serpentes.
Ela pouco influenciou o Ser Sagrado,
Que com olhos serenos silenciou seus lábios amargos
E fez as negras serpentes contorcerem-se para esconder as presas.
A seguir veio *Ruparaga* a Luxúria
Esse pecado sensual que para gozar a vida
Esquece de viver; e depois dele o Desejo de Fama,
Aruparaga, a mais nobre, aquela cujo encanto
Seduz o sábio, mãe das ações ousadas,
Das batalhas e das labutas. E arrogante veio *Mano*,
O Demônio do Orgulho; e, afável, a Indulgência.
Uddhachcha; e com muitos grupos horríveis
De coisas vis sem forma, que rastejavam e se agitavam
Tais como sapos e morcegos veio a Ignorância, a Mãe
Do Medo e do Erro, *Avidya*⁹, bruxa horrível,
Cujos passos tornaram a meia-noite mais escura, enquanto
As montanhas tremiam em suas bases, os ventos selvagens uivavam,
As nuvens errantes despejavam das cavernas chuvas torrenciais,
Iluminadas por raios; estrelas disparavam dos céus,
A terra sólida estremeceu como se alguém colocasse
Fogo em suas feridas abertas; o ar negro e agitado
Estava cheio de asas sibilantes, de gritos e berros,

De rostos maus observando, de testas enormes
Terríveis e majestosas, Senhores do Inferno
Que de mil Limbos guiavam suas tropas
Para tentar o Mestre.

Mas Buddha não se importava,
Sentado, sereno, cercado da perfeita virtude, tal qual
Uma fortaleza com seus portões e rampas;
Também a Árvore Sagrada a árvore Bodhi
Em meio ao tumulto não se abalou, e cada folha
Reluzia tão serena como quando nas noites de lua cheia,
Nenhuma brisa derruba as brilhantes gotas de orvalho;
Pois todo esse clamor rugia fora da sombra
Espalhada por aquelas hastes enclausuradas.

Na terceira vigília,
Estando a terra silenciosa, as legiões infernais fugiram,
Um ar macio soprando da lua que se punha,
Nosso Senhor atingiu *Samm ϕ -sambuddh* (a perfeita Iluminação).
Ele viu, através da luz que brilha.
Além do nosso horizonte mortal,
A linha de todas as suas vidas em todos os mundos,
Recuada e mais recuada e mais recuada ainda,
Quinhentas e cinquenta vidas. Tal como alguém,
Descansando no topo da montanha,
Observa a senda por ele seguida, a profundidade dos precipícios e
penhascos
As florestas compactas, reduzidas a um pequeno pedaço de terra;
Através de pântanos de um verde enganador,

Descendo até os vales onde trabalhou à exaustão;
Sobre picos atordoantes
Onde seus pés quase escorregaram;
Além da relva iluminada pela luz do sol,
A catarata, a caverna e a lagoa,
De volta àqueles baixios sombrios de onde saiu
Para alcançar o céu assim Buddha contemplou

Os passos ascendentes da vida, há muito unidos,
Desde os níveis inferiores, onde a respiração é pesada,
Até as inclinações superiores e além.
Sobre as quais as dez grandes Virtudes esperam para levar
Aquele que escala em direção ao céu.

O Buddha viu, também,
Como a nova vida colhe o que a antiga vida semeou;
Como, onde a marcha da vida é interrompida, aí ela recomeça;
Retendo o proveito adquirido e respondendo pela perda anterior;
E como em cada vida o bem produz mais bem,
O mal cria novo mal; a Morte apenas calculando
Débito e crédito, após o que a conta
Em méritos ou deméritos fica estampada
Por uma aritmética infalível a soma dos méritos e deméritos
Imprime-se, por si mesma,
Exata e justa, sobre alguma vida que está para surgir,
Na qual estão acumulados e levados em conta
As ações e os pensamentos passados,
Esforços e triunfos, memórias e marcas de vidas prévias.

E na vigília intermediária,
Nosso Senhor atingiu *Abhidjna* visão grandiosa
Que alcança além desta esfera até esferas inominadas,
Sistema sobre sistema, inúmeros mundos e sóis
Movendo-se em esplêndida cadência, grupo a grupo
Unidos embora distintos; unos e, no entanto, separados,
As ilhas de prata de um mar de safira
Sem praias, insondado, que não diminuiu, agitado
Com ondas que rolam em incessantes marés de mudanças.
Ele viu os Senhores da Luz que retêm seus mundos
Por meio de laços invisíveis, como eles próprios
Circulam obedientemente em torno de orbes mais poderosos
Que servem a esplendores mais profundos, estrela a estrela,
Cintilando a incessante radiação de vida
De centros sempre em mutação até espaços circulares
Desconhecendo qualquer coisa mais importante. Isso tudo ele contemplava

Com visão ampla, e de todos estes mundos,
Ciclo sobre epiciclo, todas as histórias deles
De *Kalpas* e *Mahakalpas*, períodos de tempo
Que homem algum compreende, nem mesmo se ele soubesse contar
As gotas do Ganges da nascente até o mar.
Incomensurável para ser expresso em palavras,
Pois estas coisas aumentam e diminuem; através delas,
Cada um destes anfitriões celestes
Realiza sua vida brilhante e, obscurecendo-se, morre.
*Sakwal*¹⁰ por
Sakwal, por profundezas e alturas ele passou

Transportado através das infinidades azuis,
Observando por trás de todos os métodos, acima de todas as esferas,
Além do impulso ardente de cada orbe
Esta Lei invariável que se cumpre silenciosamente e que determina
Que a treva evolucione para a luz; a morte, para a vida,
Que preenche o vazio, dando-lhe uma forma que ainda não tem,
Muda o bom para o melhor, o melhor em perfeito,
Por meio de uma ordem tácita,
Que ninguém dá nem contradiz; porque está além de todos os deuses,
É imutável, inexprimível, supremo,
Um Poder que constrói, destrói e constrói novamente,
Regendo todas as coisas segundo a regra
Da virtude, que é beleza, verdade e utilidade.
De modo que prosperam todas as coisas que servem ao Poder,
E definham todas as que o impedem; não, o verme prospera
Obediente à sua espécie; prospera o falcão
Que transporta a caça sangrando para seu filhote;
A gota de orvalho e a estrela brilham juntas,
Compondo juntas o trabalho comum;
E o homem, que vive para morrer e morre para viver bem,
Se ele guia seus caminhos por uma conduta irreprovável
E pela firme vontade, não irá atrapalhar e sim auxiliar
Todas as coisas que sofrem na vida, tanto as grandes quanto as pequenas.
Estas coisas nosso Senhor viu na vigília intermediária.

Mas quando chegou a quarta vigília, chegou o segredo
Da Dor, que com o mal macula a lei,
Tal como a umidade e a impureza do metal retêm o fogo do ourives.
Então foi a *Dukha-satya* que lhe
Comunicou a primeira das Nobres Verdades: como a Dor é a
Sombra da vida, movendo-se onde a vida se move;
Sem ser posta de lado até que a pessoa deixe
De lado a vida, com todos os seus estados mutantes,
Nascimento, crescimento, decadência, amor,
Ódio, prazer, dor, ser e fazer.
Do mesmo modo que não consegue libertar-se destas
Tristes delícias e aflições agradáveis, aquele a quem falta
Conhecimento para saber que são armadilhas;
Aquele que conhece *Avidya* Ilusão livra-se delas,
Não ama mais a vida e busca escapar.
Os olhos de tal pessoa estão bem abertos; ela vê que
A ilusão alimenta *Shankçra*, Tendência
Perversa: a Energia da Tendência *Vidnnçn*
De onde surge *Nçmarupa*, a forma local,
O nome e a corporificação, apresentando ao homem,
Cujos sentidos estão entregues às sensações,
Um espelho impotente de todas as imagens que passam
Através de seu coração; e assim cresce *Vedanç*
A sensação de vida falso em sua alegria, cruel em tristeza,
Mas triste ou alegre, a Mãe do Desejo,
Trishna, aquela sede que faz os vivos beberem
Cada vez mais profundamente das falsas ondas salgadas
Onde flutuam prazeres, ambições, riqueza,
Aplauso, fama, ou dominação, conquista, amor;
Ricas refeições e mantos, e belas residências, e orgulho
De linhagens antigas, e a luxúria, e a luta pela vida
E os pecados que fluem da luta, alguns doces,
Outros amargos. Assim a sede de vida sacia-se
Com goles que duplicam a sede; mas quem é sábio
Arranca de sua alma esta *Trishna*, não mais alimenta
Os sentidos com falsas imagens, põe em ordem sua mente firme
Para não mais buscar, para não lutar, para não mais errar;

Considerando com humildade
Todos os males que fluem de iniquidades passadas,
Fazendo com que suas paixões morram de fome;
Até que a soma da vida finda
O *Karma* a totalidade de uma alma,
Que são as coisas por ela feitas, os pensamentos que teve,
O eu que teceu com a trama imperceptível do tempo,
Sobre a cadeia dos fatos invisíveis
Seu resultado no Universo,
Cresce puro e sem pecado; ou não tem
A necessidade de encontrar um corpo e um lugar.
Ou então animando a nova estrutura que ele necessita
Na nova existência de forma que as novas labutas tornem-se
Mais leves e mais leves a ponto de desaparecerem por completo,
Dessa maneira finalizando o Caminho;
Livre de todos os enganos da Terra;
Liberto de todos os *skandhas*¹¹ da carne;
Livre dos laços dos *Upādānas* liberto
Da necessidade de girar na roda; desperto e são
Tal qual um homem que despertou de sonhos odiosos;
Até que maior do que os Reis, mais alegre do que os Deuses!
A ardente loucura de viver termina e a vida desliza
Inerme para uma quietude inominada, uma alegria indescritível,
Para o abençoado NIRVANA repouso imaculado e tranquilo
Aquela mudança que jamais muda!

Vide! A aurora
Surgiu com a Vitória do Buddha! Vide! No Oriente
Acenderam-se os primeiros fogos do belo dia, precipitados
Através de fugazes dobras das negras vestes da Noite,
Nas alturas do azul celeste que se abria, a estrela do pastor
Desvanecia-se num tom de prata pálido, à medida que despontavam
Listras de brilho rosado cada vez mais claras,
Através do céu cor de cinza. Ao longe, as colinas ensombreadas
Viram o grande Sol, antes que o mundo dele se apercesse,
E vestiram seus cumes de carmesim; flor após flor
Sentiram o hálito quente da manhã e começaram a desabrochar

Suas pétalas macias. Por sobre o pasto reluzente
Avançando a passos rápidos a Luz adorável,
Transformando as lágrimas da noite em alegres pedras preciosas,
Adornando a Terra com esplendor, bordando com uma franja dourada
As nuvens de tempestade que afundavam;
Dourando a plumagem das palmeiras, que acenavam
Em alegre saudação; arremessando raios de ouro
No interior das clareiras; tocando o regato com varinha de condão,
Até transformá-lo em ondulações cor de rubi;
Encontrando os olhos suaves dos antílopes no matagal
E dizendo: É dia; no sono aninhado
Tocando as pequeninas cabeças sob muitas asas
E sussurrando: Crianças, louvai a luz do dia!
Com o que sou o canto de todos os pássaros!
A canção de flauta do *koil*, o hino do rouxinol,
A manhã, manhã do tordo pintado,
O gorgueio dos colibris partindo
Para encontrar mel antes de as abelhas saírem,
O grasnar do corvo cinza, o grito do papagaio, as marteladas
Do ferreiro verde, o chilreio do mainá,
O interminável colóquio das pombas.
Sim! E tão santa era a influência
Daquela Aurora que chegou vitoriosa
Que, longe e perto, nos lares dos homens propagou-se
Uma paz desconhecida. O assassino escondeu a faca;
O ladrão devolveu o roubo; o cambista
Prestou conta exata das moedas; todos os corações maus
Ficaram gentis, os corações gentis mais gentis ainda, quando o bálsamo
Daquela diviníssima Aurora iluminou a Terra.
Reis empenhados em guerras ferozes fizeram tratados de paz,
Homens doentes saltaram sorrindo de seus leitos de dor;
Os que estavam à morte sorriram
Como se soubessem que a Manhã feliz surgira
De fontes mais longínquas que o mais longínquo Oriente;
E no coração da triste Yasodhara ,
Sentada desolada na cama do Príncipe Siddharta, 114
Surgiu uma súbita bem-aventurança, como se o amor não pudesse fracassar

Nem uma dor tão grande pudesse deixar de terminar em alegria.
Tão alegre estava o Mundo embora não soubesse a razão
Que por sobre ruínas desoladas ouviam-se enlevadas canções
De júbilo, a voz dos *Prets* e *Bhuts*¹² sem corpos
Presentindo o Buddha; e os *Devas* do ar Clamavam: Terminou, terminou!.

E os sacerdotes

Permaneceram nas ruas com as pessoas maravilhadas
Observando aqueles esplendores dourados inundar os céus
Dizendo: Algo de poderoso aconteceu.

Também na pradaria e na floresta aconteceu naquele dia

A amizade entre as criaturas: o gamo pintado

Pastava sem medo onde a tigresa alimentava seus filhotes,

E os leopardos bebiam na poça ao lado das corças;

E sob a rocha da águia as lebres marrons corriam

Enquanto ela, com seu bico selvagem, alisava as asas preguiçosas;

A serpente aquecia todas as suas escamas ao sol

Com as presas mortais recolhidas; o picanço deixou passar

O tentilhão que construía um ninho; os martins-pescadores cor de esmeralda

Sonhavam empoleirados, enquanto os peixes brincavam abaixo,

Os abelheiros também não caçavam, embora as borboletas

Carmesim, azul e âmbar esvoaçassem em grande número

Em torno do seu poleiro; o Espírito de Nosso Senhor

Jazia potente sobre os homens, pássaros e animais,

Mesmo enquanto meditava sob a *Árvore Bodhi*,

Glorificado com a Conquista obtida para todos

E iluminado por uma Luz maior do que a Luz do Dia.

Depois ele se levantou radiante, jubiloso, forte

Sob a *Árvore* e elevando bem alto a voz

Disse isto, falando para todos os tempos e Mundos:

HABITEI MUITAS MORADAS DE VIDA

SEMPRE BUSCANDO AQUELE QUE ENGENDROU

ESTAS PRISÕES DOS SENTIDOS, CHEIAS DE DOR;

DOLOROSA FOI MINHA LUTA INCESSANTE,

MAS AGORA TU, CONSTRUTOR DESTE TABERNÁCULO TU!
EU TE CONHEÇO! JAMAIS CONSTRUIRÁS NOVAMENTE
ESTAS MURALHAS DE DOR,
NEM CRIARÁS A ÁRVORE TETO DOS ENGANOS,
NEM DEITARÁS NOVAS VIGAS NA ARGILA,
DEMOLIDA ESTÁ TUA CASA, E A VIGA MESTRA PARTIDA!
FOI A ILUSÃO QUE A CONSTRUIU!
SEGURO SAIO DESSE LUGAR
PARA ALCANÇAR A LIBERTAÇÃO.

[1](#) Dançarinas que atuam em um templo, dedicadas a uma divindade. (N.E.)

[2](#) Espécie de gaita. (N.E.)

[3](#) Deusa da abundância e da prosperidade. A Vênus hindu; deusa da beleza e esposa ou aspecto feminino de Vishnu. (N.E.)

[4](#) Pedra de forma cônica, emblema fálico, símbolo da força criadora. (N.E.)

[5](#) Uma mansão celeste; o mesmo que *Indra-loka*; um paraíso. (N.E.)

[6](#) *Ficus religiosa*. (N.E.)

[7](#) (Sânc.) Dúvida. (N.E.)

[8](#) As sedutoras, filhas de Mara, o Deus da tentação (N.E)

[9](#) Ignorância o falso entendimento de que o eu tem existência inerente (vida própria). (N.E.)

[10](#) (Sânc.) Era. (N.E.)

[11](#) Os *skandhas* são os agregados psicofísicos, em número de cinco: forma, percepção, sensação, tendências [*samskaras*] e consciência [*vijñana*]. (N.E.)

[12](#) Espírito, almas dos mortos. (N.E.)

Livro 7

Pesaroso viveu o Rei Suddhodana
Todos esses longos anos entre os Lordes Sakya ,
Sentindo a falta da voz e da presença de seu Filho;
Pesarosa sentava-se a doce Yasodhara
Todos estes longos anos, não conhecendo alegria na vida,
Viúva dele, seu Soberano e Príncipe vivo.
E sempre que se tinha notícia de algum asceta
Visto longe dali por pastores de camelos
Ou comerciantes trilhando caminhos tortuosos para obter lucro,
Os mensageiros do Rei iam e voltavam
Trazendo notícias de muitos santos sábios
Solitários e afastados do lar; mas nada dele,
O soberano da branca linhagem Kapilavastu,
A glória de seu monarca e sua esperança,
O contentamento do coração da doce Yasodhara ,
Perambulava agora muito distante, esquecido mudado, ou morto.

Mas certo dia na época do *Wasanta*¹,
Quando borrifos prateados balançam nas mangueiras
E toda a terra veste-se com a roupagem da primavera,
A Princesa sentou-se próximo àquele córrego claro do jardim,
Cujo deslizante espelho dágua, tendo às margens cálices de lótus,
Refletia muitas vezes, na felicidade que se fora
Suas mãos juntas e os lábios que se tocavam. Suas pálpebras
Estavam pálidas e lacrimosas, as macias maçãs do rosto tinham se
adelgado,
As graciosas curvas de seus lábios estavam repuxadas de dor,
A resplandecente glória de seu cabelo estava escondida
Amarrado bem justo, como costumam fazer as viúvas; não trazia
Qualquer ornamento, nem qualquer joia, presa ao traje de luto
Rústico e de cor branca cruzado sobre o peito.
Lenta e dolorosamente moviam-se aqueles pequeninos e belos pés
Que, em tempos idos, tinham a graça da corsa e da queda da folha da
roseira,

Quando a carinhosa voz de seu esposo a chamava.
Seus olhos, aquelas lâmpadas de amor que eram como se a
Luz do Sol brilhasse desde as trevas mais profundas,
Iluminando a paz noturna com o brilho do dia,
Agora apagados e vagando incertos,
Mal se davam conta do amontoado de sinais da primavera que chegava,
Tão baixo desciam os cílios de seda sobre os olhos.
Numa mão estava uma cinta larga de Siddharta cheia de pérolas
Guardada como um tesouro, desde a noite em que ele fugiu.
(Ah, Noite amarga! Mãe de dias chorosos!
Quando foi o terno Amor tão impiedoso para com o amor,
A não ser quando este desdenhou limitar o amor pela vida?)

Divinamente belo, o penhor deixado por Siddharta,
Agora com sete anos de idade; ele saltitava
Alegre ao lado de sua mãe, despreocupado
Vendo brotar as flores da primavera sobre o mundo.

Assim, enquanto se demoravam próximo aos lagos cobertos de
lótus

E, rindo alegremente, Rahula jogava arroz
Para alimentar os peixes azuis e roxos;
E ela, com olhos tristes, observava as garças que voavam rapidamente,
Suspirando: Ó criaturas das asas errantes,
Se puderem pousar onde o meu Senhor querido está escondido,
Digam que Yasodhara está quase a morrer
Por uma palavra sua, um toque seu.
E assim, enquanto mãe e filho brincavam e suspiravam,
Chegaram algumas das raparigas da Corte
Dizendo: Grande Princesa! Acabaram de entrar
No portão sul, mercadores de Hastinpur , chamados
Tripusha e Bhalkul, homens de valor,
Que há muito viajam desde as margens do grande mar, que trazem
Redes maravilhosas e adoráveis, com gravuras em ouro,
Lâminas onduladas de aço dourado, esmeradas tigelas de latão,
Marfins cortados, especiarias, coisas simples e pássaros desconhecidos,
Tesouros de povos longínquos; mas trazem

Aquilo que supera estas coisas, pois Ele foi visto!
Vosso Senhor, Nosso Senhor, a esperança de toda a Terra
Siddharta! Eles o viram face a face,
Sim e o adoraram ajoelhados e curvados, com a testa no chão,
E lhe fizeram oferendas, pois ele se tornou,
Como prescrito, um instrutor dos sábios,
Honrado pelo mundo, santo, maravilhoso; um Buddha
Que liberta os homens e salva a todos
Por meio da fala doce e de uma piedade vasta como os Céus;
E, vide! Ele se dirige para cá, dizem estes homens.

Então enquanto o sangue alegre saltava em suas veias
Como o Ganges salta quando as primeiras neves das montanhas,
Derretem na primavera levantou-se Yasodhara
E bateu palmas e riu, com os olhos rasos d'água
Formando contas em suas pálpebras. Oh! Chamem rapidamente, gritou ela,
Estes mercadores ao meu *pardah*², pois meus ouvidos
Estão sedentos como gargantas ressecadas
Para beber as sagradas notícias que trazem;
Vão buscá-los e se a história deles for verdadeira,
Diga-lhes que enchei seus cinturões de muito ouro,
De pedras preciosas que até os Reis os invejarão;
Vinde também, minhas jovens, pois tereis recompensa por isso,
Se é que presentes podem exprimir a gratidão do meu coração.

Assim, os mercadores dirigiram-se ao Palácio do Prazer,
Caminhando suavemente através dos caminhos dourados
Com pés descalços, em meio às criadas que observavam,
Muito se admirando das glórias da Corte.
Quando chegaram do lado de fora das dobras do *pardah*
Uma voz terna e ansiosa, cheia de encantos,
Trêmula e musical, disse: Vós vindes
De longe, caros Senhores! E vistes meu Senhor
Sim, adoraram-no, pois ele se tornou um Buddha,
Honrado pelo mundo, santo, e liberta os homens;
E viaja para cá. Falai! Pois, se assim for,
Sois amigos de minha Casa, bem-vindos e queridos.

Então respondeu Tripusha: Vimos
Esse sagrado Mestre, Princesa! Curvamo-nos
Ante seus pés; pois quem se perdeu como Príncipe
Tornou-se alguém maior do que o Rei dos Reis.
Sob a Árvore Bodhi à margem do Phalgu,
Aquilo que irá salvar o mundo foi finalmente forjado
Por ele o amigo de todos, o Príncipe de todos
Que é vosso, Nobre Dama! Cujas lágrimas valeram ao mundo
O consolo da Palavra do Mestre.
Vide! Ele está bem, como alguém além de todos os males,
Livre, como um deus, das aflições terrenas,
Brilhando com a Verdade elevada, dourada e clara.
Ademais, quando vai de cidade em cidade,
Ensinando aqueles nobres caminhos que levam à paz,
Os corações dos homens seguem seu caminho como as folhas
Amontoam-se com o vento ou os carneiros seguem aquele
Que conhece as pastagens. Nós próprios ouvimos,
Próximo a Gaya no bosque verde Tchirnika,
Aqueles lábios maravilhosos e os reverenciamos.
E ele vem para cá antes que as primeiras chuvas caiam.

Assim ele falou e Yasodhara , de alegria,
Mal conteve a respiração para responder: Que esteja tudo bem
Convosco agora e sempre, dignos amigos,
Que trazeis boas notícias; mas sobre esta grande obra
Sabeis como isso aconteceu?

Então Bhalluk contou,
Aquilo que sabem as pessoas do vale,
A respeito daquela terrível noite de conflito, quando o ar
Escureceu com sombras diabólicas, a terra tremeu
E as águas avolumaram-se com a ira de Mara.
Contou também como aquela manhã surgiu gloriosamente
Radiante com esperanças que aumentavam para o homem
E como encontraram o Senhor regozijando-se sob a Árvore.
Mas durante muitos dias o fardo da libertação
De que se devia escapar além de todas as tempestades de dúvida,

A salvo nas praias da Verdade jazia, disse ele, sobre aquele coração
Um fardo dourado; pois como irão os homens meditou o Buddha
Que amam seus pecados e se apegam às imposturas dos sentidos,
E bebem do erro de mil fontes
Não tendo entendimento para ver, nem força para romper
A armadilha da carne que os prende como poderiam tais homens
Receber os doze *Nidānas*³ e a Lei
Que a todos redime, embora seja estranho obter lucro por esse meio,
Como o pássaro engaiolado que frequentemente evita a porta aberta?
Assim teríamos perdido a útil vitória
Se, nesta terra sem refúgio, o Buddha,
Conquistando o caminho, o tivesse considerado muito árduo
Para pés mortais e passado adiante, sem ninguém a segui-lo.
Contudo prevaleceu a compaixão de Nosso Senhor;
Mas naquele momento soou uma voz tão aguda
Quanto um lancinante grito de dor, como se a terra
Gemesse em trabalho de parto: *Nasyami aham bhūḥ*
Naḥ ayati loka! (EU CERTAMENTE ESTOU PERDIDO,
EU E MINHAS CRIATURAS). Depois uma pausa e a seguir
Um suspiro suplicante nascido no vento ocidental:
Arūyatam dharma, Bhagwat! (OH! SUPREMO
PERMITI QUE VOSSA LEI SEJA PROFERIDA!) Depois do que,
O Mestre dirigiu sua visão sobre os homens,
Viu quem deveria ouvir e quem deveria esperar para ouvir,
Como o Sol penetrante dourando os lagos de lótus
Vê que botões irão abrir-se aos seus raios
E quais ainda não se elevaram de suas raízes;
Então falou, sorrindo divinamente: Sim, eu anuncio!
Quem quer que deseje ouvir, deixe-o aprender a Lei.

Depois ele passou, disseram, pelas colinas
Até Benares, onde instruiu os Cinco⁴,
Mostrando como nascimento e morte devem ser destruídos,
E como o homem não tem outro destino a não ser suas ações passadas,
Não há inferno exceto aquilo que ele faz, nem Céu elevado demais
Para ser alcançado por aqueles que subjugarão as paixões.
Este foi o décimo quinto dia da tarde de *Vaishya*⁵

E aquela noite foi de lua cheia.
Mas, dos Rishis, Kaundinya foi o primeiro a
Vivenciar as Quatro Verdades e a entrar na Senda;
Depois dele Bhadraka, Asvajit,
Bassav, Mahanama ; também, lá
No interior do Parque dos Gamos,
Sentados aos pés do Buddha,
O Príncipe Yasad com cinquenta e quatro nobres,
Ouvindo a palavra sagrada proferida por Nosso Mestre,
Adoraram-no e o seguiram; pois surgiu a paz,
E o conhecimento de uma nova era chegou aos homens,
A todos que ouviram, do mesmo modo como surgem as flores e a relva,
Quando a água jorra através da planície arenosa.

Estes sessenta discípulos disseram eles
Tornaram-se perfeitos em autocontrole
E livres de paixões, e o Mestre os enviou
Para ensinar o Caminho; mas o Honrado pelo Mundo voltou-se para
O sul a partir do Parque dos Gamos e Isipatan, dirigindo-se
Para Yashti e o Reino do Rei Bimbisara ,
Onde ensinou durante muitos dias. E depois disso,
O Rei e seu povo converteram-se,
Aprendendo a lei do amor e da vida ordenada.
Ele também deu ao Mestre, como presente
Despejando água nas mãos do Buddha⁶
O Jardim dos Bambus, chamado Weluvana,
Onde há córregos e cavernas e adoráveis clareiras;
E o Rei colocou aí uma pedra, entalhada com as seguintes palavras:

O que sustém a direção e a causa da vida
Estas coisas o Tathagata⁷ explanou;
O que liberta das aflições da vida
Isso Nosso Senhor nos ensinou.

E, naquele jardim disseram eles reuniu-se
Uma grande Assembleia, onde o Instrutor falou
De sabedoria e poder, conquistando todas as almas que ouviam,

De modo que novecentas vestiram o manto amarelo
Tal como o usado pelo Mestre eles disseminaram sua Lei (o *Dharma*);
E foi com essas palavras que o *gatha* encerrou:

O mal aumenta os débitos a serem pagos,
O bem liberta e absolve;
Evita o mal, segue o bem; domina
A ti próprio. Este é o Caminho.

Quando terminaram de tão bem falar sobre Ele,
A princesa recompensou-os com presentes
E agradecimentos que faziam as joias empalidecer,
Mas por que estrada caminha meu Senhor?, perguntou ela.
Os mercadores disseram:
Sessenta *yojans*⁸ direto a partir das muralhas da cidade
Até o Rajagriha, de onde o caminho fácil
Passa mais perto do Sona e das colinas.
Nossos bois, trilhando muito lentamente oito *koss* por dia,
Chegaram em uma lua.

Então ouvindo isso, o Rei
Enviou nobres da corte lordes bem montados
Eram nove mensageiros separados, cada um com a incumbência de
Transmitir a mensagem: O Rei Suddhodana
Mais perto da pira pelos sete longos anos de vossa ausência,
Durante os quais não deixou de vos procurar,
Roga a seu filho receber o que lhe pertence de direito:
O Trono e o povo deste Reino saudoso,
Para que não morra sem novamente ver vossa face.
Também Yasodhara enviou nove cavaleiros
Com a incumbência de dizer: A princesa de vossa Casa
Mãe de Rahula anseia ver vossa face,
Tal como o terno coração de calêndulas que desabrocha à noite
Anseia pela lua, assim como os pálidos botões de asoka⁹
Esperam os pés de uma mulher; se encontrastes
Mais do que perdestes, ela reclama sua parte,
A parte de Rahula, mas além de tudo a vós próprio.

Assim, apressaram-se os Lordes Sakya , mas aconteceu
Que cada um, com a mensagem na ponta da língua,
Entrou no Jardim dos Bambus na hora
Em que o Buddha ensinava sua Lei; e, ouvindo, cada um deles
Esqueceu de falar, esqueceram do Rei e da busca,
Até mesmo da triste Princesa; apenas fitavam
O Mestre com olhos extasiados; apenas se inclinavam
Presos pelo coração ao discurso, compassivo,
Imperioso, perfeito, puro, que tudo iluminava,
Que jorrava daqueles lábios sagrados. Olhai! Como uma abelha que
Voando rápido para a colmeia, vê as copas das *mogras*
E sente sua total doçura no ar;
Se estiver cheia de mel, não importa;
Se a noite se aproxima ou a chuva, não importa;
Ela deve pousar sobre aquelas flores deliciosas
E extrair o néctar; assim esses mensageiros
Um após outro, ouvindo as palavras do Buddha,
Esqueceram o propósito de sua pressa e se misturaram,
Sem qualquer preocupação, em meio à comitiva do Mestre.
Então o Rei ordenou que Udayi
Chefe supremo de toda a Corte e o mais fiel
Companheiro de Siddharta em dias mais felizes
Prosseguisse. Ao se aproximar do jardim, ele colheu
Tufos de algodoeiro soprados do bosque
E tapou os ouvidos; assim atravessou
Em segurança o local de grande perigo
E transmitiu a mensagem do Rei e da Princesa.

Então Nosso Senhor humildemente curvou a cabeça
E falou perante as pessoas: Certamente que irei!
É meu dever como era minha vontade;
Que nenhum homem deixe de prestar reverência
Àqueles que lhe emprestam a vida; daí surgem os meios
Para não mais viver ou morrer, mas para, com segurança, atingir
O bem-aventurado Nirvana, se se observar a Lei,
Purgando erros passados e nada acumulando,
Completo em amor e caridade fascinantes.

Digam ao Rei e informem à Princesa
Que irei sem demora. Dito isso, o povo
Da branca Kapilavastu e de seus campos
Aprontou-se para a chegada de seu Príncipe.
No portão sul elevava-se um claro pavilhão
Com coroas de flores nos pilares e as paredes de seda
Trabalhadas em vermelho e verde tecidas em ouro.
Também as estradas estavam forradas com galhos perfumados
De *neem*, e mangueiras e *mussuks*¹⁰ cheios vertiam
Sândalo e jasmim no pó, e bandeiras
Tremulavam; e no dia em que ele deveria chegar,
Determinou-se quantos elefantes
Com *howdahs*¹¹ prateados e presas com pontas de ouro
Deveriam esperar no vau e onde os tambores
Deveriam ribombar: Siddharta está chegando!, onde os lordes
Deveriam apear e adorar e onde as dançarinas
Deveriam espargir flores com danças e canções,
Para que o cavalo que ele montasse pudesse pisar e afundar até o joelho
Em rosas e balsâmicas e que os caminhos ficassem bonitos;
Enquanto a cidade vibrasse com música e muita alegria.
Isso foi ordenado e todos os homens mantiveram os ouvidos em alerta,
Amanhecer após amanhecer, para captar a primeira batida do tambor
Anunciando: Agora ele está chegando!

Mas aconteceu que
Ansiosa por se antecipar Yasodhara
Seguiu em sua liteira até as muralhas da cidade,
Onde se elevava o claro pavilhão. Em toda a volta,
Um belo jardim de nome Nigrodha sorria
Sombreado por árvores *bel* e tamareiras verdes emplumadas,

Recém-podadas e alegres, com caminhos sinuosos e marginado
De frutos e flores; pois a estrada sul
Limitava seus gramados, deste lado folha e flor,
Daquele, as cabanas do subúrbio onde moravam os menos favorecidos
Fora dos portões, um povo paciente e pobre,
Cujo toque era aviltante para os

Kshatriyas e para os sacerdotes de *Brahmanes*.
Contudo, esses também estavam cheios de expectativas
Levantando-se antes da aurora para observar
Ao longo da estrada, subir nas árvores
Ao longínquo trompetear de algum elefante,
Ou o barulho do tambor do templo; e quando ninguém surgia,
Ocupavam-se com pequenas tarefas para agradar ao Príncipe:
Varrendo o batente de suas portas, ajustando as bandeiras,
Transformando as folhas de figos em correntes,
Novamente lustrando o Lingam, enfeitando com folhagem nova
O antigo arco de galhos, mas sempre
Questionando os viajantes se, na estrada, houve
Algum rumor do grande Siddharta. Estas coisas
A Princesa observava com olhar lânguido e adorável,
Vigiando, tal qual eles, as planícies do sul e se curvava
Como eles para ouvir se aqueles que passavam davam
Notícias do caminho. Aconteceu que ela observou
Alguém se aproximando lentamente com a cabeça bem raspada,
Um pano amarelo jogado sobre o ombro,
Amarrado à moda dos ermitões e na mão
Uma tigela de barro, com formato de melão, que
Ele humildemente segurava à porta de cada cabana,
Recebendo a dádiva concedida com gentil agradecimento
E passando também gentilmente onde ninguém doava.
Duas pessoas usando roupão amarelo seguiam-no,
Mas aquele que segurava a tigela parecia tão nobre,
Tão reverente e caminhava de tal maneira,
Com presença tão imponente preenchia o ar,
Com olhos de tão doce santidade a todos encantava,
Que quando lhe passavam as esmolas, os doadores olhavam-no
Assombrados e alguns se curvavam em adoração
E alguns corriam para buscar novos presentes,
Aflitos por serem pobres; ainda lentamente, grupo por grupo,
Crianças, homens e mulheres recuavam
A seus passos, sussurrando e cobrindo a boca:
Quem é ele? Quem? Quando um *Rishi* teve tal aparência?
Mas quando ele se aproximou com passadas tranquilas

Do pavilhão, vide! A porta de seda
Levantou-se, e, totalmente desvelada, Yasodhara
Colocou-se no seu caminho chorando: Siddharta! Senhor!
Com olhos arregalados e cheios d'água e com as mãos juntas,
Então soluçando caiu a seus pés e aí permaneceu.

Depois, quando essa dama chorosa entrou
No Nobre Caminho e alguém rogara
Ao Buddha responder por que tendo jurado
Livrar-se de toda paixão mortal e do toque,
Conquistador e suave como uma flor, das mãos de uma mulher
Ele permitira esse abraço, O Mestre disse:
O amor maior é tolerante com o amor menor,
Para que possa erguê-lo mais facilmente às alturas.
Cuide para que nenhum homem, tendo escapado dos grilhões,
Atormente as almas prisioneiras com arroubos de liberdade.
Certamente livre sois vós que disseminais a paz
Por meio da conquista e da doce habilidade da sabedoria.
Três eras de muita labuta trazem os *Bodhisattvas*¹²
Que serão guias e ajudarão este mundo obscuro
Até a libertação e a primeira é chamada
De Determinação profunda, a segunda de Tentativa,
A terceira de Nomeação. Vide! Eu vivi
Na era da Determinação, desejando o bem,
Buscando sabedoria, mas meus olhos estavam lacrados.
Contai as sementes cinzas no distante dique do castor
Muitas estações chuvosas se passaram desde que eu fui Ram,
Um mercador da costa que dá para o sul
Do Sri-Lanka e que é um esconderijo de pérolas.
Também naquela época distante Yasodhara
Viveu comigo em nossa aldeia à beira-mar,
Meiga como é agora e seu nome era Lukshmi.
E me lembro como eu viajava então
Buscando nosso sustento, pois a família era pobre
E modesta. Entretanto com lágrimas saudosas
Ela me implorava para que eu não partisse, não enfrentasse
Os perigos em terra e no mar. Como poderia o amor

Deixar o que era amado?, lamentava ela; contudo, aventurando-me,
Cheguei aos Estreitos e após tempestade e labuta
E luta mortal com criaturas das profundezas,
E noites e dias de aflições,
Buscando a onda ideal, obtive uma pérola gloriosa e
Semelhante à lua, do tipo que Reis só poderiam comprar
Esvaziando seus tesouros. Então alegremente retornei
Para minhas colinas, mas por sobre toda aquela terra
A fome se espalhava violentamente; eu estava fadado a passar por maus
pedaços

Na jornada para casa e mal cheguei à minha porta
Ansiando por comida com aquela branca riqueza do mar
Presa à minha cinta. No entanto não havia alimento;
E na soleira, aquela por quem eu trabalhava
Mais do que para mim mesmo tinha os lábios mudos
Quase à morte por falta de uma pequena alimentação de cereais.
Então eu clamei: Se houver alguém que tenha grãos,
Aqui está o resgate de um reino por uma vida;
Dê pão a Lukshmi e leve minha pérola cor do luar.

Com o que alguém trouxe o que restava de toda sua reserva,
Painço três quilos e agarrou firmemente a bela joia.
Mas Lukshmi vivia e soluçava com o que tinha acumulado de vida,
Ah! Tu me amavas realmente! Fiz bom uso da
Minha pérola naquela vida para confortar coração e mente,
Que de outro modo estariam inquietos; mas essas pérolas puras,
Meu último grande prêmio, obtido de uma onda mais profunda
Os Doze *Nidānas* e a Lei do Bem
Não podem ser gastas, nem diminuídas e muitas realizam
Sua beleza perfeita ao serem oferecidas de graça.
Pois assim como são para o Meru as colinas distantes,
Cheias de pequenos formigueiros e assim como o orvalho
Que cai na pegada de uma corça saltitante
Comparado aos mares sem praias, tal foi aquele presente
Em relação à minha doação atual; e assim o amor
Maior ao ser liberto das labutas dos sentidos
Foi mais sábio, curvando-se ao coração mais fraco;

E assim os pés da doce Yasodhara
Adentraram a paz e a bem-aventurança, sendo suavemente guiados.

Mas quando o Rei ouviu como Siddharta chegara
De cabeça raspada, com a roupa tristemente colorida de um mendicante,
E estendendo uma tigela para obter sobras
Dos restos daqueles menos favorecidos, uma dor furiosa afastou
O amor do seu coração. Três vezes ele cuspiu no chão,
Arrancou fios de sua barba grisalha, e caminhou a passos rápidos
Conduzido pelos lordes trêmulos. Com uma carranca montou
Seu cavalo de guerra, enfiou-lhe as esporas e partiu célere,
Raivoso, através das ruas e dos becos cheios de pessoas admiradas
Que mal conseguiam fôlego para dizer: O Rei! Curvai-vos!
Antes que o estridente tropel da cavalgada tivesse passado,
A qual na curva próxima à parede do Templo
De onde se via o portão sul encontrou
Uma multidão considerável; de cada canto
Acorriam mais pessoas, até que as estradas estavam tomadas,
Obscurecidas por aquela enorme quantidade de pessoas que se aglomerava
E crescia, seguindo de perto aquele cujo olhar sereno
Encontrou o do velho Rei. A ira do Rei dissipou-se
Quando os gentis olhos do Buddha
Postaram-se em adoração sobre sua face transtornada,
E então, abatido, ele se prostrou, ajoelhando-se na terra
Em altiva humildade. Tão bom parecia
Ver o Príncipe, conhecê-lo por inteiro, observar
Aquela glória maior do que a condição terrena,
Coroando sua cabeça, aquela majestade que fazia
Todos os homens, tão reverentes e silenciosos, seguirem seus passos.
Apesar de tudo o Rei exclamou: Assim termina;
O grande Siddharta entra furtivamente em seu Reino,
Vestido em andrajos, de cabeça raspada, usando sandálias, pedindo
alimento
Aos de condição inferior, aquele cuja vida foi como a de um deus,
Meu filho! Herdeiro deste enorme poder e herdeiro dos Reis
Que bastava bater palmas para ter
O que a terra poderia dar ou o solícito serviço da criadagem?

Deverias chegar com as honras próprias ao teu alto posto,
Com lanças brilhantes e tropel de cavalos e de pés.
Vê! Todos os meus soldados acamparam na estrada,
E toda a cidade esperava nos portões.
Onde permaneceste ao longo de todos estes anos ruins
Enquanto o Rei teu pai se lamentava? E ela, também,
Vivia como viúva, privando-se de alegrias;
Jamais ouvindo uma vez sequer o som de uma canção
Ou de um instrumento de cordas,
Nem usando uma única vez a veste festiva, até agora
Quando em sua roupa dourada ela dá as boas-vindas
A um marido mendigo, vestido de retalhos amarelos.
Filho! Por que isto?

Meu pai! veio a resposta,
É o costume de minha raça.

Tua raça,
Respondeu o Rei, conta cem tronos
Desde o Maha Sammat , mas nenhuma ação como esta.
Eu não falei, disse o Mestre,
De uma linhagem mortal, mas de uma descendência invisível,
Os Buddhas que vieram e que virão:
Eu sou um deles e o que eles fizeram eu faço,
E o que agora ocorre, aconteceu antes,
Que em seu portão um Rei vestido em armadura de guerreiro
Fosse encontrar seu filho, um Príncipe vestido com andrajos de ermitão;
E que, por amor e autocontrole, sendo mais
Do que os mais poderosos Reis em toda sua pujança,
Aquele designado Auxiliar dos Mundos deva curvar-se
Como eu faço agora e com todo modesto amor
Oferecer, onde é devido por débitos de consideração,
Os primeiros frutos do tesouro que trouxe;
O que agora ofereço.

Então o Rei muito surpreso
Perguntou: Que tesouro? E o Instrutor tomou
Humildemente a palma da mão real e enquanto andavam

Através das ruas em adoração a Princesa e o Rei
Um de cada lado ele disse quais as coisas que produzem
Paz e pureza, as Quatro Nobres Verdades
Que detêm toda a sabedoria, tal como as praias circundam os mares
, Aquelas Oito Regras de retidão, através das quais aquele
Monarca ou escravo que caminhar sobre a Senda perfeita,
Que tem Quatro Estágios e Oito Preceitos,
Por meio dos quais aquele que viver poderoso ou não,
Sábio ou inculto, homem, mulher, jovem ou velho
Mais cedo ou mais tarde irá libertar-se das rodas da vida,
Atingindo o abençoado Nirvana. Assim eles adentraram O pórtico do
Palácio; Suddhodana ,
Com as sobrancelhas franzidas, bebendo as poderosas palavras
E em sua própria mão carregando a tigela do Buddha,
Enquanto uma nova luz clareava os olhos adoráveis
Da doce Yasodhara e iluminava suas lágrimas;
E naquela noite eles entraram no Caminho da Paz.

[1](#) A primavera. (N.E.)

[2](#) No Norte da Índia, as mulheres de alta casta não podem mostrar-se a estrangeiros e devem, para conversar com eles, permanecer ocultas atrás de uma cortina. (N.E.) 119

[3](#) Os *nidānas* são os doze elos da existência (uma cadeia de causas): ignorância (*avidya*), *karma*, pensamento, nome e forma, os seis sentidos: contato, sensações, desejo, apego, existência, nascimento, velhice e morte. (N.E.)

[4](#) É uma referência aos cinco ascetas (*sanyasis*) que ouviram o primeiro Sermão sobre as Quatro Nobres Verdades (N.E.)

[5](#) Mês correspondente a maio e princípio de junho. (N.E.)

[6](#) Forma de doação segundo o direito indostânico antigo. (N.E.)

[7](#) (Sânc.) Alguém que é como o próximo; aquele que é como seus predecessores (os Buddhas). Um dos títulos de Gautama Buddha e o epíteto maior. (N.E.)

[8](#) Palavra sânscrita que significa medida de distância utilizada na antiga Índia védica. (N.E.)

[9](#) Segundo o *Ramayana*, Sita, refugiada num matagal de Asoka, foi alvo das tentações de Ravana e resistiu vitoriosamente; por esse motivo, as mulheres indianas veneram Asoka e comem suas flores. (N.E.)

[10](#) (Ind.) Odres de pele de cabra utilizados para regar as ruas. (N.E.)

[11](#) Assento ou liteira que se coloca no dorso do elefante. (N.E.)

[12](#) (Sânc.) Aquele cuja essência tornou-se compaixão, os seres que trilham a jornada em direção à Iluminação. (N.E.)

Livro 8

Uma ampla campina estende-se próxima à margem das correntezas do Kohana ,

Em Nagara; um homem leva cinco dias até lá,
Vindo em carro de bois dos santuários de Benares,
Viajando para o leste e para o norte. Os picos
Do branco Himalaia dominam o local,
Que durante o ano inteiro é alegre com flores e vegetação,
Próximos a bosques que devem seu verdor às claras ondas daquele córrego.

Suaves são os declives, frescas suas sombras fragrantas
E sagrados todos os espíritos do local
Nesta época; o hálito da noite chega abafado
Por sobre as moitas trançadas e os altos amontoados
De pedras vermelhas entalhadas, separadas pelas raízes e caules
Das figueiras rastejantes e vestidas de véus ondulantes
De folha e de relva. A serpente silenciosa reluz
Dos fragmentos de resina e das vigas de cedro,
Para lá enrolar suas dobras sobre placas profundamente esculpidas;
O lagarto demora-se e parte veloz sobre os pisos pintados,
Onde reis pisaram; a raposa cinza dá à luz em segurança
Sob os troncos quebrados; somente os picos
E correntes, clareiras em declive e o ar gentil
Permanecem imutáveis. Tudo o mais, como todas as belas representações
De vida, desapareceu pois aqui é onde se levantava,
A cidade de Suddhodana , a colina
Sobre a qual, num crepúsculo dourado e azul
Ao pôr do sol, o Senhor Buddha colocou-se
Para ensinar a Lei aos ouvintes do seu grupo interno.
Vide! Vós lereis nos Livros Sagrados
Como, reunidos naquele alegre local de prazeres
Um jardim antigo com calçadas em declive,
Fontes, reservatórios e terraços margeados de rosas,
Cercado por alegres pavilhões e o contorno
De imponentes fachadas o Mestre sentou-se

Eminente, adorado, toda a multidão séria
E atenta ao que diziam seus lábios, para aprender
Aquela sabedoria que tornou suave a nossa Ásia;
Onde quatrocentos *crores*¹ de vivas almas podiam
Testemunhar aquele dia. Ele se sentou à direita do Rei
E à sua volta agruparam-se os Lordes Sakya
Ananda, Devadatta toda a corte.
Atrás estavam Seriyut e Mugallan,
Da calma irmandade em vestimenta amarela,
Uma agradável companhia. Entre seus joelhos
Rahula sorria com admirados olhos infantis,
Curvado sobre o rosto venerável, enquanto a seus pés
Sentou-se a doce Yasodhara , livre das dores do coração,
Pressentindo aquele belo amor que não se alimenta
De sentimentos passageiros, aquela vida que não conhece idade,
Aquela abençoada última das mortes quando a Morte morre,
A vitória dele e dela. Por esta razão, ela colocou
Suas mãos sobre as dele, dobrando seu manto amarelo
Em torno de seu xale dourado, sentando-se
O mais próximo possível daquele por cujas palavras
Os Três Mundos esperavam. Não consigo contar
Uma mínima parte do esplêndido saber que jorrou
Dos lábios do Buddha; sou um escriba que chegou atrasado,
Que ama o Mestre e o amor dele pelos homens,
E conto esta lenda, sabendo que ele era sábio,
Mas não tenho sabedoria para falar além dos livros.
E o tempo embaçou o que estava escrito e o sentido antigo,
Que fora certa vez novo e poderoso, que a todos tocava.
Conheço parte daquele grande discurso
Feito pelo Buddha naquele doce crepusculo indiano.
Sei também que esta escrito que aqueles que ouviram
Eram muito muito mais *cores* mais do que podia ser visto,
Pois todos os *Devas* e os mortos lá se aglomeravam,
Até que o céu se esvaziou até a sétima zona
E os mais profundos infernos abriram suas trancas;
Até a luz do dia demorou-se
Em esplendor cor-de-rosa sobre os picos que observavam,

De modo que parecia que a noite ouvia nos vales profundos,
E o meio-dia sobre as montanhas; sim! Escrevem,
A noite interpôs-se entre eles como uma donzela celestial
Tomada de amor, extasiada; as nuvens que passavam suavemente
Eram seu cabelo trançado; as estrelas pontilhadas, as pérolas
E diamantes de seu diadema; a lua,
A joia em sua testa e a escuridão profunda
Suas vestimentas tecidas. Era seu malcontido hálito
Que chegava em suspiros perfumados através do relvado,
Enquanto Nosso Senhor ensinava, e, enquanto ensinava, quem ouvia
Embora fosse estrangeiro na terra, ou escravo,
De alta ou baixa casta, tivesse sangue ariano,
Ou *Mlech*² ou se fosse morador da floresta
Parecia ouvir a sua língua natal.
Além daqueles que se amontoavam próximo ao rio, grandes e pequenos,
Os pássaros, os animais e os répteis está escrito
Sentiram o vasto e abarcante amor do Buddha
E aceitavam a promessa de sua fala piedosa;
De modo que suas vidas aprisionadas sob a forma de um símio
De tigre, ou gamo, javali peludo, chacal ou lobo,
De um milhafre carniceiro, pombas cinzentas
Ou pavão real ornamentado de gemas,
De um sapo agachado ou serpente pintada, lagarto, morcego,
E também de um peixe abanando as ondas do rio
Tocavam humildemente as periferias da fraternidade
Com o homem que tem menos inocência do que estes seres;
E em muda alegria sabiam que sua escravidão havia terminado

Enquanto o Buddha falava estas coisas perante o Rei:

OM, AMITAYA! Não meçais com palavras
O Imensurável; nem mergulheis o fio do pensamento
No Insondável. Quem pergunta erra,
Quem responde erra. Nada digais!

Os Livros ensinam que antes de tudo, havia Trevas
E Brahman, sozinho meditando naquela Noite;

Não procureis lá por Brahman nem pelo Princípio!
Serão vistos por qualquer observador com olhos mortais,

Nem qualquer pesquisador conhecerá com mente mortal;
Véu após véu será levantado mas deve haver
Véu após véu ainda por vir.

As estrelas movimentam-se rapidamente e não fazem perguntas.
Basta que subsistam a vida e a morte, a alegria e a tristeza;
A causa, o efeito e o andar do tempo,
E a maré incessante da Existência,

Que, sempre mudando, corre, presa tal como um rio
Por onda após onda, rápida ou lentamente
O mesmo e, contudo diferente da fonte distante
Até o mar, para onde fluem suas águas.

Este, evaporando-se ao Sol,
Devolve as pequenas ondas em velo nebuloso
Para gotejar colinas abaixo e novamente deslizar;
Sem que haja pausa ou paz.

Basta saber que os fantasmas existem;
Os Céus, as Terras, os Mundos e as mudanças a modificá-los,
Uma poderosa roda giratória de luta e tensão
Que ninguém consegue parar ou impedir.

Não rezeis! As Trevas não irão clarear!
Nada pergunteis ao Silêncio, pois ele não pode falar!
Não importuneis vossas mentes pesarosas com dores piedosas!
Ah! Irmãos, Irmãs!

Nada busqueis dos deuses impotentes por meio de presentes e hinos,
Nem suborneis com sangue, nem alimenteis com frutos e bolos;
A libertação deve ser buscada dentro de vós próprios;
Cada homem cria sua prisão.
Cada um possui domínio tal como os seres mais sublimes;
Além disso, com Poderes acima, ao redor, abaixo,

Como com todas as pessoas e com o que quer que viva,
A ação traz alegria e aflição.
O que foi traz o que é e o que será,
Pior melhor o último por primeiro e o primeiro por último;
Os Anjos nos Céus da Alegria colhem
Os frutos de um passado santo.

Os demônios no submundo consomem
Ações que foram más numa época remota.
Nada dura; as belas virtudes gastam-se com o tempo,
Por isso os vis pecados são purgados.

Quem labutou como escravo pode retornar como Príncipe,
Pelo gentil valor e mérito conquistados;
Quem governou como Rei pode errar pela terra em andrajos
Por coisas feitas e não feitas.

Mais elevado que o fado de Indra podeis elevar o vosso,
E afundá-lo mais baixo que os vermes ou os insetos;
O fim de muitas miríades de vidas é este,
O fim de miríades, aquele.

Só que, enquanto esta roda invisível gira,
Não pode haver pausa, paz, local para ficar;
Quem sobe cairá, quem cai pode subir; os raios da roda
Giram sem cessar!

.....

Se estiverdes presos à roda da mudança,
E não houver meio de quebrar a corrente,
O Coração do Ser infinito é uma maldição,
A Alma das Coisas padece.

Não estais presos! A Alma das Coisas é doce,
O Coração da Existência é repouso celestial;
Mais forte que a tristeza é a vontade; aquilo que foi Bom
Torna-se melhor o melhor.

Eu, Buddha, que chorei com as lágrimas de todos os meus irmãos,
Cujos corações ficaram partidos pela tristeza do mundo todo,
Rio e estou alegre, pois há Liberdade!
Oh! Vós que sofreis! Sabei que

Sofreis devido a vossas próprias faltas. Ninguém mais obriga,
Ninguém vos impede de viver e morrer,
E girar na roda e abraçar e beijar
Seus raios de agonia,

Seu adorno de lágrimas, seu cubo de insignificância.
Observai, eu vos mostro a Verdade! Mais baixo que o inferno,
Mais elevado que o céu, fora das estrelas mais recônditas,
Além da morada de Brahman,

Antes do início e sem um fim,
Como espaço eterno e tão certo quanto a certeza,
Há um Poder divino que se move para o bem,
Sujeito apenas às próprias leis.

Esse é o seu toque sobre a roseira florida,
O feitio de sua mão amoldou as folhas de lótus;
No solo escuro e no silêncio das sementes,
Ele tece o manto de Primavera;

E sua a pintura nas nuvens gloriosas,
E suas as esmeraldas na cauda do faisão;
Tem suas estações nas estrelas, seus escravos
No raio, no vento, na chuva.
Das trevas forjou o coração do homem,
Das conchas embaçadas os desenhos no pescoço do pavão;
Sempre labutando, transforma em beleza
Toda ira e destruição antigas.
Os ovos cinzentos no ninho do colibri dourado
São seus tesouros, o alvéolo sextavado das abelhas,
Seu pote de mel; a formiga conhece seus modos de ser,
As pombas brancas os conhecem bem.

Projeta para o voo as asas da águia,
Que com o tempo leva a presa para casa; envia
A loba a seus filhotes; para as coisas não amadas
Encontra alimento e amigos.

Não é frustrado nem impedido de maneira alguma,
Todos gostam dele; o doce leite branco que traz
Para os seios das mães, traz também as gotas brancas,
Com as quais a jovem serpente pica.

A música ordenada dos orbes em marcha
Ele compõe na invisível abóbada celeste;
E nos abismos profundos da terra esconde ouro,
Sárdios, safiras, lazulita.

Eternamente produzindo segredos,
Acomoda-se no verdor das clareiras da floresta,
Cuidando de estranhas mudas na raiz do cedro,
Planejando folhas, flores, folhas laminadas.

Mata e salva, de modo algum afetado,
Exceto pela tarefa de evitar a destruição;
Seus fios são Amor e Vida; Morte e Dor
As lançadeiras de seu tear.

Faz e desfaz, tudo remendando;
O que construiu é melhor do que o que existia;
Lentamente cresce o esplêndido padrão que ele planeja
Entre suas mãos anelosas.

É obra sua as coisas que vedes,
Existem mais coisas não vistas; os corações e as mentes dos homens,
Os pensamentos das pessoas e seus modos de ser e suas vontades,
Essas coisas, também, estão presas à grande Lei.

Invisível ele vos auxilia com mãos firmes,
Sem ser ouvido fala mais forte do que a tempestade.
A piedade e o amor pertencem ao homem porque o longo esforço

Deu forma à massa cega.
Não será desprezado por ninguém;
Quem o contraria perde e quem o serve ganha;
Ao bem oculto ele paga com paz e bem-aventurança,
Ao mal oculto com dores.

Vê em toda parte e tudo percebe;
Fazei o que é correto ele recompensa! Fazei uma única coisa errada,
Retribuição igual deve ser feita,
Embora o *Dharma*³ possa demorar.

Não conhece ira nem perdão; a mais pura verdade
É o limite de sua medida, seu equilíbrio perfeito pesa;
Os tempos nada são, amanhã ele irá julgar,
Ou depois de muitos dias.

Desta maneira o punhal do assassino apunhalou a ele mesmo;
O juiz injusto perdeu seu próprio defensor;
A língua falsa condena sua mentira; o ladrão furtivo
E o saqueador roubam, para restituir.

Tal é a Lei que se move rumo à retidão,
Que ninguém por fim pode desviar ou parar;
Seu coração é Amor; seu fim,
É paz e doce Consumação. Obedecei!

.....

Os Livros bem que dizem, meus Irmãos! A vida de cada homem
É o resultado de sua vida anterior;
Os erros passados produzem dores e tristezas,
Os acertos passados produzem bem-aventurança.

Aquilo que semeardes, colhereis. Vide os campos distantes!
O gergelim foi gergelim, o milho foi milho.
O Silêncio e as Trevas sabiam!
Tal é o destino do homem que nasceu.
Ele surge, colhedor das coisas que plantou,

Gergelim, milho, tanta coisa lançada no nascimento anterior;
E tanta erva daninha e veneno, que
O arruínam e a terra sofrida.

Se ele trabalhar corretamente, arrancando a erva daninha
E plantando mudas saudáveis, onde vieram a crescer,
O solo será fecundo, belo e limpo.
E a colheita será rica.

Se aquele que vive, aprendendo de onde surgem as tristezas,
Suportar pacientemente, esforçando-se para pagar
A maioria dos seus débitos pelos males anteriormente causados Sempre em
Amor e Verdade;

Se nada tirando de ninguém, ele purga completamente
De seu sangue a mentira e a luxúria do eu;
Sofrendo tudo humildemente, nada retribuindo
Pela ofensa senão graça e bem;

Se dia após dia ele se tornar misericordioso,
Santo e justo, gentil e verdadeiro e arrancar
O desejo de onde ele adere com raízes sangrentas,
Até que o amor pela vida tenha terminado,

Então ele morrendo, deixa como a sua soma
A conta de uma vida encerrada, cujos males estão mortos e quitados,
Cujos bem é rápido e poderoso, longe e perto,
De modo que os frutos o seguem.

Necessidade alguma tem tal homem de viver aquilo que chamais de vida;
Aquilo que nele começou quando ele começou
Está terminado; ele construiu o propósito
Do que o tornou um Homem.

Jamais irão os anelos torturar-lhe, nem os pecados
Manchar-lhe, nem a dor das alegrias e tristezas terrenas

Invadirão sua paz segura e eterna; nem as mortes

E as vidas sucederão. Ele segue

Para o NIRVANA. Ele é uno com a vida;
Contudo não vive. Ele é abençoado, deixando de ser.

OM MANI PADME HUM! ⁴

A gota de orvalho desliza para o interior Do mar brilhante!

.

Esta é a doutrina do *KARMA*. Aprendei!
Somente quando se tiver desistido de toda escória do pecado,
Somente quando a vida morrer como a chama branca que se foi,
A morte morre juntamente com ela.

Não digais eu sou, eu era ou eu serei,
Não penseis que passais de uma morada de carne a outra
Como viajantes que se lembram e esquecem,
Que estiveram bem ou mal alojados
Emana outra vez sobre o Universo aquela somatória
Que é a ultima das vidas. Ela estabelece
Sua habitação como a lagarta tece o casulo
E mora em seu interior. Assume função e substância

Tal como a serpente dentro do ovo
Adquire escamas e presas; como as sementes emplumadas do junco voam,
Sobre a rocha, a marga e a areia, até que encontrem
Um pântano e se multipliquem.

Também se projeta para auxiliar ou ferir.
Quando a Morte golpeia o amargo assassino,
O impuro fragmento dele vagueia ensanguentado, montado
Nas asas da praga e da ruína.

Mas quando o meigo e justo morre, doces brisas sopram;
O mundo torna-se mais rico, como um rio do deserto
Que afunda para reaparecer
Mais puro, com fulgor mais amplo.

Assim o mérito obtido conquista uma era mais feliz
Que por demérito chega a ponto de terminar;
Contudo deve esta Lei do Amor reinar soberana de todos
Antes do final dos *Kalpas*⁵
O que resta? Irmãos! Restam as Trevas! Que produzem
Ignorância, que vos confundindo fazem com que admitais estas aparências
Como realidades e aneis por possuí-las e possuindo-as, apegai-vos
À luxúria que vos traz tristezas.

Vós que ireis trilhar o Caminho do Meio, cuja rota é traçada
Pela Clara Razão e suavizada pela macia Quietude;
Vós que seguireis o elevado caminho do Nirvana,
Escutai as Quatro Nobres Verdades.

A Primeira Verdade é o *Sufrimento (avidya)*. Não vos enganeis!
A vida que prezais é uma agonia que há muito se arrasta;
Somente suas dores subsistem; seus prazeres são
Como os pássaros que pousam e voam.
Dor do nascimento, dor dos dias desamparados,
Dor da ardente juventude e dor da maturidade;
Dor dos frios anos da velhice e da morte sufocante,
Estas coisas preenchem vossa lastimável existência.

Doce é o terno Amor, mas as chamas fúnebres devem beijar
Os seios que descansam e os lábios que se unem;
Intrépido é o bélico Poder, mas os abutres dilaceram
Os membros de chefes e de Reis.
Bela é a Terra, mas todas as proles de suas florestas
Tramam morte mútua, ansiando viver;
Os céus são de safiras, mas quando os homens choram
Famintos, eles não lhes dão uma gota sequer.
Perguntai ao doente, aos que estão de luto, perguntai àquele
Que cambaleia em sua bengala, sozinho e esquecido:
Gostas de tua vida? Eles vós dirão que
O bebê tem razão de chorar quando nasce.

A Segunda Verdade é a *Causa do Sofrimento (duhkha)*.
Que aflição surge de si mesma e não do desejo?

Os sentidos e as coisas percebidas misturam-se e acendem
A rápida centelha do fogo da paixão;

Assim *Trishna* (o desejo) queima a luxúria e a sede das coisas.
Ansiosos, apegai-vos às sombras, enlouquecidos pelos sonhos;
Um falso eu em vosso meio plantais e criais
Um mundo ao redor que parece cego às alturas

Que estão além; surdo ao som das suaves brisas
Sopradas de muito além do céu de Indra,
Mudo aos chamados da vida verdadeira mantida
Para aquele que põe de lado o que é falso.

Assim crescem as contendas e a luxúria que criam as guerras na Terra,
Assim afligem-se os pobres corações enganados e vertem lágrimas
amargas,

Assim crescem as paixões, a inveja, a ira, o ódio;
E assim os anos perseguem os anos manchados de sangue
Com indômitos pés vermelhos.
Assim, onde deveria crescer a semente,
Espalha-se a erva daninha com suas raízes nocivas
E flores venenosas; dificilmente as boas sementes
Encontram solo onde possam cair e brotar;

E drogada com bebida venenosa a alma parte,
E, impetuoso com sede de beber, o *Karma* retorna;
Novamente excitado pelos sentidos, o eu saturado começa
E obtém novas decepções.

A Terceira é a *Cessação do Sofrimento (nirodha)*. Isto é paz
Subjugar o amor do eu e o desejo de vida,
Arrancar do peito as paixões profundamente arraigadas,
Para aquietar a luta interior;

Por amor, agarrar e manter próxima a Beleza Eterna;
Pela glória, ser senhor do eu; por prazer,
Viver além dos deuses; por riqueza incontável,
Armazenar tesouro duradouro

De serviço perfeito oferecido, deveres cumpridos
Em caridade, fala macia e dias imaculados;
Estas riquezas não irão desvanecer-se na vida,
E nenhuma morte irá censurá-las.

Então cessa o Sofrimento, pois Vida e Morte cessaram;
Como pode a chama bruxulear quando o óleo terminou;
A conta antiga e triste está quitada, a nova está limpa;
Assim obtém o homem o contentamento.

.

A Quarta Verdade é o *Caminho (marga)*. Ele se abre
Extensamente para ser trilhado por todos os pés, acessível e perto,
O *Nobre Caminho Óctuplo*; ele segue diretamente
Rumo à paz e ao refúgio. Ouvi!

Múltiplas trilhas levam aos longínquos picos gêmeos
Cobertos de neves, circundados por nuvens douradas;
Através de rampas íngremes ou não, aquele que escala chega
Onde irrompe aquele outro mundo.

Membros fortes podem desafiar a estrada enrugada
Que avança violentamente,
Arrojada e perigosa, pelo seio da montanha;
Os fracos devem circundar mais lentamente de borda em borda,
Com muitos locais para repouso.
Tal é a Senda Óctupla que conduz à paz;
Por meio de alturas mais abruptas ou não ela segue.
A alma firme se apressa, a débil hesita. Todas
Alcançarão as neves iluminadas pelo Sol.

O Primeiro Nível do bem é a *Reta Doutrina*. Caminheis
Receosos do *Dharma*, evitando todas as transgressões,
Atentos ao *Karma*, que cria o fado do homem;
Com domínio sobre os sentidos.

O Segundo é o *Reto Propósito*. Ter boa vontade

Para com tudo que vive, deixando que morram a indelicadeza,
A ganância e a ira; para que vossas vidas tornem-se
Frescas aragens que passam.

O Terceiro é a *Reta Palavra*. Governeis os lábios
Como se fossem portas de um palácio, com o Rei dentro;
Tranquilas, amáveis e corteses sejam todas as palavras
Que emanem naquela presença.

O Quarto é a *Reta Ação*. Deixeis que cada ato
Expie uma falta ou auxilie o crescimento de um mérito;
Como fios de prata vistos através de contas de cristal,
Permitais que o amor transpareça através de boas ações.

Existem quatro estradas superiores. Somente podem trilhá-las
Aqueles pés que puseram de lado as coisas terrenas
Reto Meio de Vida, Reta Energia, Reta Meditação,
Reta Contemplação (samadhi). Não batais asas

Para voar rumo ao Sol, ó almas com asas sem plumas!
O ar das regiões inferiores é suave e seguro
E os horizontes domésticos a que estais acostumados são seguros
Somente os fortes deixam o ninho que cada um faz para si.

Bem sei que é precioso o amor da Esposa e do Filho;
Agradáveis os amigos e os passatempos ao longo dos anos;
Frutíferas as gentis caridades da vida virtuosa;
Falsos, embora firmemente assentados, seus temores.
Vivei vós que deveis vidas tais como vivem os mais fortes;
Transformai vossas fraquezas em escadas douradas; elevai-vos,
Por meio desta convivência diária com fantasias,
Para verdades mais adoráveis.

Assim passareis para alturas mais claras e encontrareis
Subidas mais fáceis e fardos de pecados mais leves,
E uma vontade maior para romper os grilhões dos sentidos,
Entrando no Caminho. Aquele que atingir tal princípio
Alcançou o *Primeiro Estágio*;

Conhece as *Nobres Verdades*, o *Óctuplo Caminho*;
Através de muitos ou poucos passos, tais seres atingirão
A abençoada morada do NIRVANA.

Quem permanece no *Segundo Estágio*, liberto
Das dúvidas, desilusões, e da luta interna,
Senhor das paixões, livre de sacerdotes e livros,
Viverá apenas mais uma vida.

Contudo um pouco adiante se acha o *Terceiro Estágio*: purgado e puro
Aqui cresceu o espírito imponente, elevou-se
Para amar todas as coisas vivas em perfeita paz.
Ao final de sua vida, a prisão é destruída.

Porém certamente existem os que passam
Vivos e visíveis para a meta mais elevada
Do *Quarto Estágio* dos Santos seres os Buddhas
E daqueles de almas imaculadas.

Vide! Como inimigos terríveis mortos por algum guerreiro,
Dez pecados jazem no pó ao longo destes Estágios,
O Amor ao eu, a falsa crença e a dúvida são três,
Outros dois são o ódio e a luxúria.

Quem subjugou estes cinco pecados galgou
Três dos quatro estágios; contudo restam
O amor da vida na Terra, o desejo do céu,
A vaidade, o erro e o orgulho.

Como alguém que permanece neste pico nevado, Nada tendo sobre si,
senão o infinito azul,

Assim, mortos estes pecados, o homem chega
Às margens do NIRVANA.

Os Deuses o invejam de seus postos inferiores; Os Três Mundos em ruína
não devem abalá-lo;

Toda vida é vivida para ele, todas as mortes estão mortas; O *Karma* não
criará mais novas casas.

Nada buscando, possui tudo;
Seu eu desaparece e se funde no universo;

Se alguém ensinar que NIRVANA significa cessação do ser,
Dizei-lhe que mente.

Se alguém disser que NIRVANA é viver,
Dizei a tal pessoa que ela erra, porque nada sabe a esse respeito;
Ignora que luz brilha além de suas lamparinas quebradas,
E que a bem-aventurança está fora da vida e do tempo.

Entrai na Senda! Não existe dor como o Ódio!
Nem dores como as paixões, nem engodo como os sentidos!
Entrai na Senda! Longe foi aquele cujo pé
Esmaga uma tola ofensa.
Entrai na Senda! Aí surgem as fontes que curam,
Mitigando toda sede! Aí desabrocham as flores imortais,
Atapetando todo o caminho com alegria! Aí se aglomeram
As horas mais rápidas e mais doces!

.....

Mais vale o tesouro da Lei do que as pedras preciosas;
Mais doce que o favo é sua doçura; suas delícias
Superam deleites passados. Portanto para viver,
Ouvi corretamente os *Cinco Votos*:
Não mateis por amor à piedade para que não mateis
A coisa mais humilde em sua jornada ascendente.

Dai e recebei livremente, mas não tomai de ninguém
Por ganância, ou força, ou fraude, o que lhe pertence.

Não presteis falso testemunho, não calunieis, nem mintais;
A verdade é a fala da pureza interior.

Evitai as drogas e bebidas que fazem mal ao juízo;
Mentes claras, corpos limpos, não precisam do suco do *soma*.

Não toqueis a esposa de vosso vizinho, nem cometais
Pecados carnis ilícitos e impróprios.

Estas palavras do Mestre falavam sobre os deveres devidos
A pai, mãe, filhos, companheiros, amigos;
Ensinando como alguém que não consegue romper rapidamente
As aderentes correntes dos sentidos cujos pés são fracos
Para trilhar a estrada superior deve ordenar de tal maneira
Esta vida na carne que todos os seus dias até aqui
Passem sem culpas na execução de boas ações
E os primeiros passos verdadeiros sejam dados na Senda Óctupla;
Vivendo puro, reverente, paciente, piedoso,
Amando todas as coisas que vivem como a si próprio,
Porque o que se deixa levar pelo mal é fruto do mal
Produzido no passado, e o bem provém do bem;
E que, portanto, quanto mais o chefe de família
Purga-se do eu e auxilia o mundo,
Tão mais feliz ele alcança o próximo estágio,
Em existência muito melhorada. Isso ele falou
Como também há muito tempo, quando Nosso Senhor caminhava
Próximo a Rajagriha no Bosque de Bambus;
Durante um amanhecer ele caminhou por lá e viu
O dono da casa Singala, que acabara de se banhar,
Curvando-se com a cabeça nua voltada para a terra,
Para o céu e para todos os quatro cantos; enquanto atirava
Arroz, vermelho e branco, com uma das mãos.
Por que motivo te curvas assim, Irmão?, disse o Senhor; e ele:
Este é o costume, Grande Senhor! Nossos pais ensinaram
A cada manhã, antes de começar o trabalho,
Afastar o mal do céu que está acima,
Da terra que está embaixo e de todos os ventos que sopram.
Então o Honrado pelo mundo falou: Não lances arroz,
Oferece porém pensamentos e atos amorosos a todos.
Aos pais, como o Leste, de onde surge a luz;
Aos mestres, como o Sul, de onde vêm ricos presentes;
À esposa e aos filhos, onde brilham
As cores do amor e da calma, e onde terminam todos os dias;
A amigos e parentes e a todos os homens, como o Norte;
Às mais humildes coisas que vivem sob a terra, aos Santos
E Anjos e aos abençoados Mortos acima;

Para que todo mal seja excluído e assim
As seis principais regiões sejam mantidas em segurança.

Mas a seus seguidores, aqueles de manto amarelo
Aqueles que, como águias despertas, elevam-se com desdém
Do vale profundo da vida e voam rumo ao Sol
A estes ele ensinou as Dez Observâncias,
E como um asceta deve conhecer as *Três Portas* e os *Triplos Pensamentos*;
Os *Sêxtuplos Estados de Mente*, os *Quíntuplos Poderes*;
Os *Oito Elevados Portais de Pureza*; os *Modos*
De Compreensão; *Iddhi*; *Upeksha*;
As *Cinco Grandes Meditações*, que são alimento
Mais doce que *Amrit* para a santa alma;
Os *Jhānas* e os *Três Principais Refúgios (Joias)*.
Também ensinou a seus seguidores como deveriam morar;
Como viver, livres das armadilhas do amor e da riqueza;
O que comer, beber e transportar três vestimentas simples,
Amarelas, de tecido costurado, usadas com o ombro nu
Uma cinta, tigela, coador⁶. Assim ele estabeleceu
As grandes fundações de nossa *Sangha*,
Essa nobre Ordem do Manto Amarelo
Que até hoje se mantém para auxiliar o mundo.
Assim, ele falou durante toda aquela noite, ensinando a Lei;
E nenhum olho fechou-se de sono pois aqueles que o ouviam
Regozijavam-se com incansável alegria. Também o Rei,
Terminado o sermão, levantou-se de seu trono
E descalço curvou-se perante seu Filho,
Beijando a bainha de seu manto e disse: *Aceita-me, ó Filho!*
Como o mais baixo e o mais inferior de toda tua comitiva.
E a doce *Yasodhara*, agora totalmente feliz,
Exclamou: *Dai a Rahula como herança, ó Ser Abençoado,*
O Tesouro do Reino de vossa Palavra.
E assim os Três entraram no Caminho.

Aqui termina o que escrevo,
Eu que amo o Mestre pelo amor que ele tem para conosco.
Conhecendo pouco, pouco eu contei

Sobre o Mestre e os Caminhos da Paz.
Durante quarenta e cinco chuvas, ele pregou essas coisas
Em muitas terras e em muitas línguas e trouxe a
Luz à nossa Ásia, que ainda é bela,
Conquistando o mundo com o espírito de uma forte graça.
Tudo isso está escrito nos Livros Sagrados:
Onde ele passou, e que orgulhosos Imperadores
Esculpiram suas doces palavras sobre rochas e cavernas⁷;
E como na plenitude dos tempos aconteceu de
O Buddha morrer, o grande Tathagata ,
Como um homem entre homens, plenamente realizado;
E como milhares e milhares de *crores* de homens desde então
Trilharam a Senda que leva até onde ele foi,
Ao NIRVANA, onde habita o Silêncio.

.

AH! ABENÇOADO SENHOR! OH, GRANDE LIBERTADOR!
PERDOAI ESTE DÉBIL MANUSCRITO, QUE NÃO VOS FAZ
JUSTIÇA,
MEDINDO COM POUCA SABEDORIA VOSSO SUBLIME AMOR.
AH! AMADO! IRMÃO! GUIA! LÂMPADA DA LEI!
BUSCO REFÚGIO EM VOSSO NOME E EM VÓS!
BUSCO REFÚGIO EM VOSSA LEI DO BEM!
BUSCO REFÚGIO EM VOSSA ORDEM! *OM!*
O ORVALHO ESTÁ SOBRE O LÓTUS! LEVANTAI GRANDE SOL!
E LEVANTAI MINHA FOLHA E MISTURAI-ME COM A ONDA.
OM MANI PADME HUM, O NASCER DO SOL APROXIMA-SE!
A GOTA DE ORVALHO DESLIZA PARA DENTRO DO MAR
BRILHANTE!

¹ *Creore*: unidade de medida da antiga Índia equivalente a dez milhões. (N.E.)

² Bárbaro; nome dado pelos ários aos aborígenes que se achavam na Índia. (N.E.)

³ (Sânc.) A Lei Sagrada, a Verdade Eterna. (N.E.)

⁴ *Om Mani Padme Hum* é o *mantra* clássico do Budismo (especialmente tibetano) é uma invocação a Avalokiteshvara (a energia da compaixão). (N.E.)

⁵ Um ciclo de tempo; comumente representa um Dia e uma Noite de Brahma, um período de 4.320 milhões de anos. (N.E.)

⁶ Para filtrar a água, a fim de não absorver os animálculos que nela se encontram. (N.E.)

⁷ As inscrições de Ashoka, que se têm encontrado em grande número em todo o Norte da Índia. (N.E.)

Maiores informações sobre Teosofia e o Caminho Espiritual podem ser obtidas escrevendo para a Sociedade Teosófica no Brasil no seguinte endereço: SGAS - Quadra 603, Conj. E, s/nº, CEP 70.200-630 Brasília, DF. Os telefones são (61) 3326-0662 - 3226-1036. Também podem ser feitos contatos pelo fax (61) 3226-3703 ou e-mail: st@sociedadeteosofica.org.br site: www.sociedadeteosofica.org.br

Table of Contents

- [Apresentação](#)
- [Prefácio do Autor](#)
- [Livro 1](#)
- [Livro 2](#)
- [Livro 3](#)
- [Livro 4](#)
- [Livro 5](#)
- [Livro 6](#)
- [Livro 7](#)
- [Livro 8](#)

Table of Contents

[Apresentação](#)

[Prefácio do Autor](#)

[Livro 1](#)

[Livro 2](#)

[Livro 3](#)

[Livro 4](#)

[Livro 5](#)

[Livro 6](#)

[Livro 7](#)

[Livro 8](#)